

Tempo

Oportunidade de Evolução



Romance Mediúnico



Wanda A. Canutti

pelo espírito Eça de Queirós

3ª EDIÇÃO

WANDA A. CANUTTI (18-12-1932/20-04-2004)

A médium Wanda Albertina Canutti, a quem o Espírito Eça de Queirós ditou Getúlio Vargas em Dois Mundos, nasceu em 18 de dezembro de 1932, na cidade de Araraquara, SR

Nessa* cidade do interior paulista, realizou seus estudos, desde as primeiras letras, e residiu até a sua desencarnação, ocorrida em 20 de abril de 2004.

Wanda Canutti completou o curso Normal em 1950, e, de 1951 a 1964, lecionou recreação num parque infantil da cidade, do qual veio a ser diretora alguns anos depois.

Em 1960, tendo sido aprovada no exame vestibular da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara, ingressou no curso de Letras Anglo-germânicas, que freqüentou em concomitância com o trabalho que realizava. Formou-se em 1963 e, no ano seguinte, começou a lecionar Português (...).

A semente da Doutrina Espírita, que germinaria um dia, foi lançada no lar pelo pai, que desde cedo fazia comentários acerca do Espiritismo. Essas palavras não foram levadas ao vento, mas foram penetrando nas mentes e corações dos filhos para, mais tarde, quando fosse chegada a hora, darem os devidos frutos.

Ligada à Sociedade Espírita Kardecista "O Consolador", dirigida pela irmã, Léa Canutti Fazan, executou trabalho mediúnico por mais de dez anos, tendo já lançado 13 títulos, iniciando com a publicação de Getúlio Vargas em Dois Mundos, (hoje em sua 12ª edição), culminando com este último, lançado em março de 2004 com o título: O Tempo - Oportunidade de Evolução. Da médium, ainda constam outros títulos no prelo, pela mesma Editora EME.

Professora



PALAVRAS DO AUTOR

Assim como o Espírito, dentro da sua imortalidade, é importante porque precisa promover a sua evolução e caminhar para Deus, o tempo também tem sua importância. Não que estejamos comparando um ao outro, pois o tempo, apesar de ser eterno, transcorre rotineiro e não vai além da sucessão das horas e dos dias.

Todavia, existe uma correlação muito estreita entre um e outro, no que respeita à sua utilização. O Espírito se utiliza do tempo e o tempo é o instrumento que o auxilia na sua redenção, pois está intimamente ligado a ele pela forma do seu aproveitamento.

O tempo é infinito e Deus não tem pressa porque é misericordioso e bom, e sabe compreender nossas faltas. Entretanto, por nós mesmos, para que mais rapidamente evoluamos e não percamos momentos que nos auxiliem a deixar de sofrer, é do nosso mais profundo interesse aproveitá-lo em toda a sua plenitude.

Os minutos compõem as horas e estas compõem os dias, cada um parecendo transcorrer indiferente, mas trazendo-nos as oportunidades de aprimoramento. Entretanto, se ainda ignoramos essa inevitabilidade, nós utilizamos o tempo para a satisfação dos nossos prazeres, sejam de que natureza forem, e nos afastamos das ações nobres que aprimoram e elevam o Espírito, conduzindo-o ao Pai. Isto ainda quando não o utilizamos só em nosso prejuízo, mas em prejuízo do nosso semelhante, comprometendo-nos, amealhando sofrimento e postergando, para tempos distantes, a nossa evolução espiritual.

Sejamos, pois, quem formos, como componentes deste imenso contingente de seres encarnados neste Planeta, saibamos que estamos sob os olhos do Pai, em oportunidade que Ele nos concedeu em favor de nós mesmos. Aproveitemos os nossos dias, utilizando bem as nossas horas e até nossos minutos, pois é num deles que, às vezes, comprometemos não só todas as horas do nosso dia, mas toda a nossa existência.

Sejamos ciosos de nossas ações, porque todas elas retomam a nós mesmos. Se praticarmos o mal, o mal receberemos; e se praticarmos o bem, esse mesmo bem virá a nosso favor, senão nesta encarnação, nas futuras existências. Sejamos mais felizes e soframos menos, sabendo preparar cada instante da nossa vida, desvencilhando-nos das dívidas que trouxemos, compreendendo o nosso próximo, auxiliando a sua necessidade, para sermos auxiliados por Deus nas nossas próprias necessidades. Aqui estamos como Seus filhos e por isso somos, diante Dele, todos irmãos. Por que ofendermos algum deles, se sabemos que com isso estaremos ferindo as Leis Morais estabelecidas por Deus?

Cuidemos de nossas ações em todos os momentos de nossas vidas e procuremos, se erramos, não ser reincidentes. É um recurso para não mais sofrermos e não verificarmos, ao final de uma encarnação, quando tivermos que nos deparar com a verdade do Mundo Espiritual, não a que ilude e engana mas a verdadeira, real e única diante de Deus, que nos sentimos fracassados e envergonhados, porque malbaratamos a oportunidade concedida pelo Pai, ou nada fizemos em favor de ninguém nem em favor de nós mesmos, do nosso Espírito. Sabemos que só ele é que importa, só ele é que retoma ao Mundo Maior, deixando aqui o corpo e todas as vaidades e ilusões terrenas que nada valem, senão para demonstrar o nosso orgulho. As nossas ações, boas ou más, seguem conosco como marcas indelévels.

Levemos, pois, ao Mundo Invisível, as ações no bem, tendo sabido utilizar adequadamente o nosso tempo em todos os seus minutos, porque ele é que é, na nossa vida de encarnados, o instrumento mais eficaz com o qual contamos para o nosso aprimoramento. Não nos acomodemos, porque ele aprecia ser bem utilizado e não desperdiçado por aqueles que o vêem passar sem nada fazer, ou que o utilizam em ações indignas. Ele caminha sempre em frente e jamais para ou retoma, mas aos que sabem aproveitá-lo em toda a plenitude de seus mínimos momentos, faz-se como o maior condutor do progresso espiritual.

Eça de Queirós

Araraquara, 02 de janeiro de 1998.

1 O DESCONHECIDO

Naquela estrada afastada, numa casinha muito simples, quase perdida na mata, um senhor vivia muito só.

Já não era jovem nem vigoroso, e o pouco que trabalhava, fazia-o com dificuldade. As vezes, até a falta do mais necessário era obrigado a enfrentar.

Lenha para o fogão, pegava-a nas imediações, entre os galhos secos de árvores velhas que tombavam, ou em outros que ele próprio era obrigado a decepar do tronco, para secar e servir de combustível ao seu fogão onde cozia o parco alimento.

Ao redor da casa, pequenos canteiros proviam-lhe das hortaliças que o alimentavam, e até alguns grãos que resistiam mais tempo e poderiam ser guardados, retirava do mesmo terreno.

Pouco se afastava dali. A cidade mais próxima não era tão perto que lhe facilitasse a ida constante, mas, vez ou outra, era necessário que fosse.

Pedia alguma roupa, alguns utensílios para a sua casinha e retomava, não raro, bastante carregado. De outras, nem sempre encontrava as pessoas que o ajudavam, e, nessas circunstâncias, tentava outras residências, mas dificilmente era atendido.

Quem era aquele homem que há alguns anos aparecera na região? Ficara uns dias na cidade, vivendo do pouco que trouxera, e após, embrenhando-se pela mata através de uma estradinha estreita e íngreme, às vezes abrindo o próprio caminho, conseguira, numa clareira à beira de uma outra estrada, construir uma pequena cabana que foi melhorando aos poucos com os próprios recursos da região e muito trabalho, e ali se instalara.

O seu nome?

Ninguém o sabia! Nunca revelara e, se documentos trouxera, tinha-os bem escondidos.

Contudo, por algum nome deveria ser chamado quando começou a ficar conhecido entre os que o ajudavam, e até lhe reservavam alguma roupa ou objeto que não desejavam mais.

Todos o chamavam de Desconhecido, mesmo os que já o conheciam há algum tempo...

Perguntas lhe eram feitas, sobretudo pelos que o auxiliavam, que sempre assim acontece, e sentem-se no direito não só de fazê-las mas de impor ordens e ditar comportamentos. Mas ele esquivava-se, repetindo: - Chamem-me de Desconhecido que me deixarão contente.

Na verdade, o que lhes significava um nome? Ele poderia dizer qualquer um, apenas para satisfazer os curiosos, mas preferiu a alcunha de - Desconhecido.

Até ele mesmo, com o passar do tempo, foi perdendo a própria identidade e integrando-se cada vez mais na que o povo criara.

Quando batia à porta de alguma casa, e uma criança vinha atendê-lo, pedia: — Diga à mamãe que o Desconhecido chegou.

Quem não o conhecesse, estranhava, tomava a perguntar, e ele confirmava, repetindo o que já dissera. A pessoa entrava e logo a senhora dona da casa vinha atendê-lo, sabendo perfeitamente quem a procurava.

Nunca faltara com o respeito a ninguém. Era educado e demonstrava ser possuidor de uma boa instrução, mas, mesmo que o interrogassem, nada conseguiam.

O seu passado estava morto. Não que se mate e enterre um passado, uma parte da vida com todas as experiências que se acumulam, boas ou ruins, com todos os sentimentos guardados no coração. O que ele pretendia, era esquecê-lo.

Deveria ter seus motivos, deveria ter tido sua família de origem, no seio da qual um dia fora feliz, como quase todos o são, amparados e amados por seus pais; deveria ter constituído o próprio lar, como resultado de algum sentimento de muito amor, enfim, deveria ter sido feliz...

Entretanto, se de tudo se afastara, se pretendia esquecer quem fora, algum acontecimento grave deve ter ocorrido para desequilibrá-lo de tal forma, retirando-o do seio familiar, da rotina estabelecida em sua vida, afastando-o de entes queridos, deixando tudo o que conquistara, por aquela vida solitária de tantas privações.

E o seu íntimo como estaria?

Parecia viver em paz! Sua vida era a mais simples possível, e lutava para a sua sobrevivência.

Alguns anos haviam decorrido, tantos, que ele podia avaliar apenas pelas pessoas que o atendiam nas casas que o ajudavam. As que eram crianças e corriam à porta, já eram adultas cuidando de suas próprias vidas, e outros mais velhos já haviam partido...

Não foram esses detalhes aparentemente simples, e outro de maior importância que estava sentindo no próprio físico, teria perdido a noção do tempo. Enquanto as crianças iam crescendo e se tornando adultas, ele ia envelhecendo, sentindo-se mais debilitado e chegava à cidade com dificuldade.

Os caminhos haviam se encurtado porque a cidade se estendera, e ele conseguia auxílio mais próximo de casa, mas estava cada vez mais difícil cuidar das hortaliças.

A saúde já estava abalada, e algumas senhoras, percebendo suas dificuldades, insistiam para que procurasse um médico, — sempre havia os que consultavam gratuitamente — e houve uma delas que conseguiu um que o atendesse, mas ele recusou a consulta.

— Nada tenho em minha vida, de nada preciso e, no dia em que Deus me chamar, comparecerei diante d'Ele e Ele somente irá julgar-me, ninguém mais!

O que queríamos dizer aquelas palavras? - ficou imaginando a senhora a quem falara. - Com certeza têm relação com o seu passado que sempre fez questão de esconder, querendo, ele mesmo, esquecê-lo sem conseguir. Ele deve ter sofrido muito e sofre ainda!

O Desconhecido sempre dava suas justificativas, e ninguém ousava insistir para qualquer modificação - não adiantaria.

O seu modo de vida parecia estar cristalizado em si mesmo, e ele providenciava o mínimo para não morrer de fome e ter o corpo coberto, que a decência ainda fazia parte das suas convicções.

Naquele dia ele foi embora e mais duas vezes voltou, mais emagrecido e desgastado. Na terceira, porém, tão mal se encontrava, o cansaço era tão grande, a respiração difícil dificultando-lhe a fala, que a senhora que mais assiduamente o auxiliava, espantou-se:

— O senhor não pode ficar assim! Bem que lhe pedi para consultar um médico a até lhe arranjei um, mas o senhor recusou e piorou muito. Com dificuldade pediu que não se preocupasse, pois nada teria a perder quando deixasse a Terra e até se sentiria aliviado.

— Temos por obrigação, diante de Deus que é o Pai da Vida e diante de nós mesmos, de lutar e não nos entregarmos à enfermidade. Se Ele nos proporcionou meios de cura, temos que procurá-los. Eu vou recolhê-lo, agora, e mandar chamar aquele mesmo médico que o senhor recusou consultar.

— Não é preciso! Só desejo descansar um pouco, depois vou me embora.

— O senhor não chegará à sua casa! Venha, sente-se aqui!

Ela colocou-o sentado numa cadeira confortável no seu terraço, e entrou para chamar o aludido profissional.

Contudo, quando retomou ele havia piorado e encontrava-se praticamente inconsciente. Falou-lhe, ele não respondeu mas respirava, e, em poucos instantes, antes do socorro chegar, pendia a cabeça sem vida.

A senhora ficou muito aflita. O que fazer em tal situação? Ele não possuía ninguém nem recursos para os funerais. Ela mesma teria de providenciá-lo.

Tentando avisar o médico que nada mais adiantaria, ele já havia saído e logo chegava, acabando por atestar a sua morte por problemas cardíacos. E ele mesmo, acostumado a salvar vidas, mas também familiarizado com a morte, ajudou-a, tomando providências imediatas junto das autoridades de direito, para o sepultamento do corpo.

Ah, quando chegaram e pediram a identificação do morto, ninguém a possuía!

- Não podemos enterrá-lo sem saber quem é!

—Ele mesmo se dizia - o Desconhecido—e nunca revelou sua identidade a ninguém.

—Mas não o era, que a senhora o conhecia bem! Precisamos de algum documento. A senhora sabe onde ele morava?

— Tenho noção, mas não sei exatamente!

— Pois mandaremos averiguar e, se a senhora puder nos acompanhar, reviraremos a casa até encontrarmos algum documento.

— Se ele sempre quis se manter como Desconhecido, não temos o direito de violar sua casa!

— Mas perante a lei é necessário! Somos obrigados a fazê-lo!

— Então providencie a retirada do corpo daqui e depois iremos.

As medidas foram tomadas, e os vizinhos que ainda não estavam participando da situação e conheciam o morto, ao verem aquele movimento desusado, achegaram-se também, formando um grande grupo de curiosos.

Quando o corpo foi levado, um dos policiais pediu à senhora para que os acompanhasse na procura da casa e na busca de algum documento.

— Talvez tenhamos que avisar algum familiar!

— Se ninguém nunca se importou com ele, por que deve ser avisado?

— Não sabemos o que houve nem por que se escondeu neste local. Pode ser que o tenham procurado, não sabemos!

— Tem razão!

Depois de alguma procura pelos caminhos íngremes, avistaram uma casinha muito pobre que supuseram, fosse a do Desconhecido.

Para entrar, a porta não ofereceu nenhuma dificuldade. A pobreza do lado de dentro não era menos assustadora que a imaginada e demonstrada pelo lado de fora. Hortaliças, não havia mais! Há tempos ele deixara de cultivá-las, e até fome, deduziram que andava passando, pela dificuldade de chegar à cidade.

Olharam por todos os cantos e, a muito custo, se depararam, bem escondidos sob seu próprio desgastado colchão, uns papéis bem acondicionados de modo que não se estragassem.

Imediatamente o policial exclamou:

— Deve ser o de que precisamos! Vou levá-los!

— Sem examiná-los? — indagou a senhora. - Abra-os e veja, do contrário, continuaremos a procurar.

— Aqui não teremos muito o que procurar!

— Eu gostaria de vê-los! Sempre tive muita pena dele, sempre respeitei a sua decisão de manter-se anônimo, mas entendia, também, que não era um pobre comum. Parecia ter cultura e não veio parar na nossa cidade à toa.

— Está bem, vamos averiguar!

Entre a certidão de casamento e o diploma de engenheiro, havia um outro documento que atestava a propriedade de uma casa muito grande.

— Eu tinha certeza disto tudo! Resta-nos saber por quê! - ponderou a senhora.

— Com todos estes documentos, não ficará difícil! No momento, para a polícia, interessa apenas a sua identidade para que seja enterrado. Depois procuraremos encontrar seus familiares e, se eles desejarem, mandarão buscar o corpo para sepultar junto deles.

— Poderão ignorar! Não sabemos de nada!

— Não se esqueça de que há, aqui, uma escritura de propriedade! Se o sentimento de amor não conta, o de posse falará mais alto.

Levando os documentos que puderam encontrar, deixaram a casinha sem o trabalho de fechar com segurança a porta. Seu morador não mais regressaria e nada do que ali havia tinha valor.

Se outro qualquer, em condições semelhantes de vida, quisesse se apossar do local, poderia fazê-lo sem dificuldade.

Quando os documentos foram entregues às autoridades, a surpresa foi geral. Não tinham contato com ele que nunca lhes dera trabalho por nenhuma contravenção, só não compreendiam o que poderia ter acontecido para que deixasse o lar, uma casa que deveria ser bastante confortável pelo que o documento descrevia, uma profissão de elite e rendosa, sem nunca ter pronunciado uma única palavra a respeito, que a senhora que o ajudava mais frequentemente o afirmara.

Diante do que possuíam em mãos e da curiosidade aguçada, eles tomariam as providências o mais rápido possível.

— Se apenas mandarmos averiguar através dos policiais da cidade, onde a casa se encontra, não será tão eficiente como verificar *in loco*, conversar com algum familiar e ter a história da sua vida.

—O senhor está pensando em mandar alguém pessoalmente para as averiguações?

— Mandar, não! Tomarei a mim mesmo esta tarefa! Eu próprio verei procurar a família, dar-lhe a notícia, verificar a reação deles, se é que ainda lá se encontram, e saber o que aconteceu. Afinal, devem ser pessoas de bem. A casa, pelas dependências, deve ser muito confortável, e ele era um engenheiro!

— Que teve a própria vida arruinada...

— Não sabemos os motivos!

A senhora que ainda se encontrava presente a esta conversa, disse que gostaria de saber o resultado das averiguações, pois tinha o morto em grande consideração.

Aquele resto de dia transcorreu, o corpo foi sepultado junto daqueles que não têm como pagar, e, em pouco tempo, estaria esquecido, deixando até alguns aliviados porque não mais os molestaria com pedidos.

Após uns poucos dias, depois de mandar informar se o endereço anotado na escritura ainda existia, e quem eram os moradores daquela residência, uma pessoa do corpo de policiais, exercendo um cargo de certo destaque e portando todos os documentos, acrescentados do atestado de óbito, partiu para as investigações. O nome de família dos moradores da casa era o mesmo dos papéis encontrados.

Logo após o horário do almoço, chegou à residência procurada. Imaginava-a mais suntuosa, mas a pouca conservação tirava-lhe muito da aparência que deveria ter tido nos áureos tempos, quando fora construída, quiçá por ele mesmo, como engenheiro que o era, cheio de planos, de sonhos, de ilusões...

Depois de anunciar que trazia um assunto de grande importância para conversar com a dona da casa, foi recebido por uma senhora impaciente e sem muita disposição de ouvi-lo, conservando ainda um pouco da beleza que deveria ter possuído quando jovem.

— De que se trata? - indagou ela sem mandá-lo sentar.

— O assunto é um tanto delicado e longo e, se a senhora permitir, gostaria de sentar-me para conversarmos mais à vontade.

— Eu não tenho nada para conversar com o senhor!

— Mas eu tenho e trata-se de um assunto do seu interesse.

Venho falar-lhe sobre o senhor Geraldo de Alcântara.

Ao ouvir esse nome, ela transtomou-se, e, a seguir, falou-lhe:

— Se até aqui não tínhamos nada para conversar, em se tratando dele, temos menos ainda. Nada quero saber dessa pessoa!

— O que ele era da senhora?

— Era meu marido. Se já está satisfeito, pode se retirar!

SE- Ainda não! Venho da parte da polícia da cidade onde ele

se encontrava, e precisamos conversar. Se a senhora não quiser atender-me como cidadão, - perdoe-me o que vou lhe dizer - terá que me atender em nome da polícia. Não terá como recusar. Vim da minha cidade para isso e não irei embora sem lhe falar. Poderia tê-lo feito através dos policiais desta cidade, mas vim pessoalmente e não vou perder a viagem.

A contragosto ela mandou-o sentar-se, acrescentando:

— Seja breve porque, em relação à pessoa citada, nada me interessa!

- Mas ele não era seu marido?

- Infelizmente o foi!

— Bem, então agora a senhora pode considerar-se viúva! Seu marido morreu há alguns dias atrás, mantendo-se sempre em nossa cidade, no anonimato, sendo conhecido pela alcunha de - o Desconhecido, como ele mesmo desejava. Vivia da caridade alheia e na mais extrema miséria, mas nunca fez nada que desabonasse o seu caráter. As pessoas que o ajudavam regularmente, gostavam dele, apiedavam-se da sua situação e desconfiavam, pela educação que revelava através dos menores gestos, que não era qualquer um.

A senhora ouvia-o indiferente. Nada demonstrou que a abalara e nada parecia interessar-lhe, mas era obrigada a ouvir. Ao final da sua narrativa, ela assim se expressou:

— Diante do que o senhor me revelou, pelo menos não preciso mais ter receio de que ele, um dia, possa me bater à porta!

— Para completar o relatório que devo fazer em relação àquela pessoa que foi enterrada como indigente, eu preciso de mais alguns dados: — A senhora é só ou tem filhos?

— Os meus filhos a mim pertencem e não vou expô-los a uma situação de vexame pelo pai que possuíam.

— Não sabemos o que houve, uma vez que a senhora se recusa a falar, mas ele nunca demonstrou, através de nenhuma palavra ou ato, ser uma pessoa como a senhora quer fazer-me acreditar.

— Eu convivi com ele e sei o que sofri! Penso que esta entrevista pode ser encerrada, e o senhor levar a certeza de que me aborreceu profundamente.

— Nem sempre nosso trabalho é agradável, mas devemos realizá-lo. Antes de me retirar, devo deixar com a senhora estes documentos que foram encontrados na pequena casinha onde ele vivia. Agora lhe pertencem.

Ele estendeu-os a ela que pegou por obrigação, mantendo-se fria, indiferente como havia se mantido até então, e foi se levantando, querendo dizer que a entrevista estava encerrada e ele deveria retirar-se.

2 AMARGURA

À retirada do portador dos documentos e das informações, a senhora, cujo nome era Virgínia, com os papéis na mão, dirigiu-se ao seu quarto e, fechando a porta, sentou-se em uma poltrona diante de uma mesinha. Cerrou os olhos e pareceu-lhe que, naquele instante, toda a sua vida desfilou ante seus olhos, mas tendo-a como protagonista de uma tragédia muito grande, tão grande que arrasou por completo a sua existência, a daquele que ela escolhera para companheiro, e a do pequenino ser, a esperança mais pura e mais bela que ela abrigava no coração.

Não, ela não queria recordar!

Lutara toda a sua vida para esquecer e não seriam aqueles papéis, aquela visita inesperada que revolveria um passado de tanta dor.

Descerrando os olhos, olhou para os papéis, abriu-os, leu a sua certidão de casamento que a reportava a um dia que ela julgou, seria o mais feliz de sua vida, e olhou para o documento de propriedade da casa.

Ah, a sua casa! Lembrava de quando era ainda um sonho, e de quando Geraldo, cheio de entusiasmo e planos, crescendo e florescendo na profissão, a idealizava.

A cada dia um pequeno pedacinho, depois de bastante estudado, ia sendo fixado no papel, e ambos participavam, sentindo-se cada vez mais felizes porque estavam mais próximos de concretizar o sonho.

Depois de muitas modificações, de idéias abandonadas substituídas por outras consideradas mais funcionais e modernas, o projeto surgiu todo pronto e belo.

Antes que um único tijolo tivesse sido colocado, mesmo no papel, eles passeavam pela casa e, motivados pelo entusiasmo, viam-se instalados nela com todo o mobiliário e a decoração. Ah, que tempos felizes!

— Quando nosso filhinho chegar, meu querido, já quero estar em nossa casa nova. Veja, este será o seu quarto, e os outros que vierem também terão seus quartos esperando-os! Eu quero muitos filhos, você sabe! Adoro crianças e é o que posso lhe dar para vê-lo mais feliz. Nós todos seremos muito felizes, a nossa família toda reunida... Já pensou quando eles estiverem crescidos, esta sala de jantar será pequena! Quero uma mesa bem grande e longa com todos à nossa volta...

De repente despertou das recordações e, dando um salto da poltrona, colocou-se em pé imediatamente, recusando-se a pensar.

— Por que estes pensamentos agora, por que estas lembranças de um tempo feliz, se a felicidade durou tão pouco? De que me adiantou a casa construída, os sonhos concretizados, se a minha alegria maior, a esperança mais bonita de minha vida se foi por culpa dele? Eu gostava de todos os meus filhos, mas daquele, do primeiro que aguardara em meio a tantos sonhos,... não, não poderia ter sido ele! A minha vida, a partir de então, perdeu a razão. A realidade foi muito dura, e eu não quis vê-lo nunca mais. Expulsei-o daqui e ele se foi! Por que levou o documento que atesta a propriedade desta casa, eu não sei. Ela nunca deixou de ser minha, mesmo sem este documento. E ele, com o documento em mãos, passou a morar numa casinha pobre e a viver da caridade alheia. - Foi o que mereceu, não tenho nem um pouco de pena. O que ele me fez foi o maior sofrimento que uma mãe pode sofrer e não sei como pude suportar. Talvez porque ainda tivesse meus outros dois filhos para criar! Entretanto, cada vez que olhava para eles, que devia cuidar deles, eu o fazia com certa raiva. Por que o meu mais querido não estava comigo? Eles não tinham culpa e tiveram sempre uma mãe amarga, triste e revoltada, mas eu não poderia ter sido diferente.

Recusando-se a prosseguir nestas recordações que a custo sempre tentara esquecer, ela deixou o quarto, mas antes, olhando-se no espelho que outrora lhe revelava tanta beleza, exclamou: — Foi isto o que a vida fez de mim! Foi assim que ele me deixou!

Os documentos ficaram sobre a mesinha como que esquecidos e ela saiu. Andou pela casa examinando cômodo a cômodo, entrando em cada um e saindo logo a seguir, como se estivesse passeando pelo projeto há tantos anos atrás. Sim, muitos anos haviam passado. A casa estava construída há pouco mais de vinte e cinco anos, e a tragédia ocorrera depois de cinco; fazia vinte anos que Geraldo os deixara. Ela lutara para criar os filhos, os dois que restaram. Seus pais a ajudaram e ela conseguiu. Hoje estavam crescidossom rapaz de vinte e três anos e uma jovem de vinte e um. Ah, o seu querido estaria completando vinte e cinco anos. Conforme ela desejara, ele nascera logo depois que se mudaram.

Não havia ninguém na casa, além dela e da criada. Seu filho mais velho, também um engenheiro recém-formado, trabalhava numa empresa para adquirir habilidade e bastante experiência na profissão, para depois abrir sua própria firma. A jovem, completando o curso universitário, logo também estaria apta a desempenhar sua profissão.

Eles sempre perguntavam pelo pai, do qual não se lembravam, mas a mãe dizia que havia morrido e que a família eram apenas eles três. Nem do filho mais velho que se fora, queria falar. Sabiam que haviam perdido um irmãozinho, mas a mãe sempre se recusou a tocar no assunto, e eles não sabiam a causa da sua morte. Ao menos nisso a mãe os preservara de abrigar o mesmo ódio que ela trazia no coração.

Quando aquele dia terminou, encerrado pela tarde que se foi, os dois filhos da senhora Alcântara - que ainda conservava o nome do marido, apesar de tudo e como viúva que se proclamava - retomaram para casa, encontrando-a mais irritadiça, mais sofrida, mais amarga.

A filha, que nunca compreendera bem a mãe, indagou o que havia acontecido, mas ela, como era hábito, mostrando certa frieza, respondeu que nada havia acontecido, que sua vida era sempre a mesma.

— Mamãe, desde o tempo em que a minha memória pode recordar, a senhora é sempre muito triste, muito amarga! O que houve em sua vida que a fez assim? Seja o que for, sou sua filha como o Alberto também o é, e temos o direito de saber. Não a estou recriminando mas não acredito que a senhora tenha sido sempre desse jeito. Deve ter havido algum tempo em que foi feliz, que sorria e tinha esperanças. Ninguém pode revelar tanto azedume a vida toda, sem nenhum motivo. Conte com sua filha que a ama, abra o seu coração! Já não sou mais uma criança que aceita qualquer desculpa. Se a senhora quer saber, nem que papai tenha morrido, eu acredito. Onde ele está sepultado? O que houve, mamãe? Far-lhe-á bem falar, a senhora se aliviará!

Indiferente, ouvia as palavras da filha, sem entender por que justamente naquele dia, quando tantas recordações lhe voltaram à mente, ela precisava tocar naquele assunto. Reconhecia que muito mais poderia ter oferecido aos filhos em carinho e amor, mas e o outro? Não estava presente, ela não o vira crescer nem ir à escola... É certo que eles não tinham culpa, ela também não tinha, mas o culpado agora estava morto. - Poderia dizê-lo sem estar mentindo, como o fizera até então, e estaria mais à vontade para dizer-se viúva.

A filha ainda prosseguiu com alguns apelos, mas Virgínia, pretextando um mal-estar qualquer, disse que iria recolher-se e não queria jantar.

— Jante você com seu irmão, eu vou me deitar!

— Não digo que a senhora, desse jeito, acaba ficando doente!

— Não se incomode comigo, eu sempre fui assim! Se algum dia fui diferente, alegre e feliz, não me lembro mais!

— Então a senhora considera-se infeliz? E nós, nada significamos?

— Eu vou me deitar! - reafirmou ela, sem se importar com as perguntas da filha, nem com o significado de cada uma delas.

Em seu quarto, tomou novamente os documentos deixados sobre a mesinha e guardou-os muito bem guardados, pensando: — Nada farei com eles! Não procurarei passar, em definitivo, esta casa em meu nome, pois não será por muito tempo. Quando me for, eles tomarão as providências, procurarão os papéis e farão o que for necessário. Não quero mais remover cinzas, porque as brasas que elas ainda escondem podem me queimar mais. Quem sabe um dia meus filhos me compreenderão, mas, de minha boca, nunca saberão de nada, de nada...

Mais alguns dias se passaram desse acontecimento, e a senhora, procurando esquecer, num esforço vão, trazia toda a sua vida num desfile de cenas ante seus olhos. Por mais insistisse em evitá-las, elas se tomavam presentes com mais intensidade. A medida do esforço para esquecer o passado, era a mesma com que o fazia retomar.

Quando via que era impossível, seu orgulho ainda falava mais alto, e, como que num desafio, dizia de si para consigo: — Não falta muito! Vocês não me atormentarão por muito tempo mais! O que me consola é que sei, logo me libertarei de tudo isso, e aí quero ver onde ficarão as lembranças que persistem em minha mente, atormentando-me. A libertação é um consolo, é uma esperança e será também uma frustração para essas recordações que eu não desejo trazer tão vivas como se me apresentam, depois daquela visita e da entrega dos documentos.

Ah, pobre senhora! O que pensaria sobre o que acontece com os que partem desta Terra? Que os que a deixam, se é que para eles a vida tem alguma continuidade, estarão libertos de tudo o que o coração abrigava em mágoas e rancores, em frustrações e ódios, e passarão a viver como se a morte fosse um banho de esquecimento e purificação? Ou que as imperfeições que carregam - se assim puderem considerar o mal que trazem em si — se diluem, e cada um, ao deixar o corpo, adquire qualidades angélicas?

Quão importante é o conhecimento para os que ainda se encontram em lutas redentoras no orbe terrestre! Nenhuma ilusão toma o lugar da realidade, pois sabem exatamente o que os aguarda no Mundo Espiritual. Sabem que cada um carrega em si as mesmas frustrações, as mesmas

imperfeições, e, se ainda não conseguiu compreender o seu semelhante, perdendo-lhe as faltas, leva também as mágoas, o ódio e, às vezes, até o desejo de vingança. E ainda mais! Ante tudo isso, todas essas sensações se revelam muito mais intensas, pois limitam-se somente ao Espírito, desligado das lutas diárias pela sobrevivência, dos atrativos que a Terra oferece, e fazem sofrer muito mais.

Para os orgulhosos, porém, para os que se fecharam em sua própria dor, sem compreenderem aqueles que os rodearam e com os quais conviveram, como se todos lhes fossem devedores da paz perdida ou das mágoas com as quais a vida os marcou, o sofrimento será muito maior. O orgulho e o egoísmo são seus companheiros constantes e, com companhias tão consideráveis na escala das imperfeições humanas, com as quais vivem em perfeita harmonia de gostos e atitudes, não precisam de mais nada.

Pobre senhora! Ela deve ter tido seus momentos de sofrimento dos quais ninguém está isento neste orbe, mas não soube enfrentá-los. Não soube compreender, mas tão somente acusar, desejando encontrar um culpado para suas dores. E, com isso, fechou-se em si mesma, amargurou todos os seus dias sem desejar romper o casulo de tristezas que ela própria construiu e fez questão de conservar, enredando-se nele cada vez mais, e amargurou a vida dos que a amavam.

Um dia Virgínia compreenderia todo o mal que espalhou - ela que se julgava a atingida - e teria diante de si toda a verdade dos fatos, a que sempre recusara aceitar.

Como tudo tem sua hora, na hora certa ela saberia, e talvez sofresse ainda mais do que se julgava sofrer até então, e nós prosseguiremos a nossa narrativa, para não retirá-la da linha de acontecimentos que deve manter.

Naquela tarde, a filha, durante o jantar do qual a mãe não participou, comentou com o irmão a conversa que havia mantido com ela, fazendo alguns comentários:

— Gosto muito de mamãe como é justo que gostemos. Reconheço as lutas que ela empreendeu para nos criar depois da morte de papai, mas não é normal nem salutar que tenha se mantido nessa atitude de recolhimento e azedume a vida inteira!

Também penso assim! Na verdade ela lutou para nos proporcionar o melhor, como você afirmou, mas e o amor? Seria suficiente fazer o que ela fez? Mamãe nunca se aproximou de nós para saber se tínhamos algum problema, pois só os que ela considerava seus, eram importantes. Temos mãe, gostamos dela como devemos gostar, mas mamãe é muito distante de nós.

— Não sabemos, mas deve ter acontecido alguma coisa terrível em sua vida para tê-la deixado assim!

— Por mais terrível, tenha sido, o tempo ameniza todas as dores e faz com que as pessoas prossigam a vida dentro da normalidade e da rotina diária.

— Tem razão! Se as mágoas persistem, guardam só para si, sem deixar transparecer, sem se deixar abater e continuam a luta. Mas com mamãe foi diferente. Ela faz questão de sofrer e de mostrar a todos que sofre, não se importando conosco. Agora ela está ausente, mas se estivesse aqui, estaria calada, reprimindo até a nós mesmos que nos sentiríamos constrangidos diante dela.

— Ela deve ter ficado assim depois da morte de papai!

— Você imagina que papai tenha morrido de fato?

— Por que diz isso?

— Não sei mas nunca visitamos a sua sepultura e, quando pergunto onde ele está enterrado, ela, irritada, desconversa ou não me dá resposta. Acho que se separaram e ele pode ainda estar vivo.

— E onde estaria! Gostaria muito de conhecê-lo!

— Um dia nós ainda teremos toda a verdade! Quem sabe a mamãe mesma resolva nos contar!

— Será um pouco difícil, mas não impossível...

Este assunto ainda foi discutido durante algum tempo e com muita franqueza pelos dois irmãos, mas, por mais falassem, por mais revelassem suas frustrações e mágoas, não obstante de natureza completamente diferente das sentidas pela mãe, não tinham solução. Não dependiam do esforço próprio - que este eles o faziam para que a convivência no lar fosse agradável e sentissem um pouco de carinho e atenções da mãe, mas era em vão.

Nunca, nenhum dos dois teve coragem de chegar à mãe e contar um fato presenciado na rua, ou alguma novidade a seu próprio respeito. Diante dela sentiam-se tolhidos em comentar até o rotineiro como é próprio em todas as famílias.

Ela, também, nunca perguntou como estavam se saindo nos estudos, se tinham dificuldades, se estavam sendo bem sucedidos. Era como se não existissem. Seu pensamento estava voltado e cristalizado naquele que se fora, nas suas gracinhas, nas primeiras palavras, nos primeiros passinhos sem o apoio de ninguém, nas suas brincadeiras. Só ele era o centro de tudo, mas não estava mais presente. Havia partido há cerca de vinte anos e ela, sem a presença dele, parara no tempo e vivia de amarguras, sem falarmos no que fizera ao marido que julgou culpado pela morte do filho.

Os outros dois cresceram carentes de afeto, mas o tempo passou. No início, eles não compreendiam. Quando passaram a raciocinar com clareza, a colocar a mãe em comparação com o que outras crianças comentavam dos seus lares, foram vendo o quanto ela era diferente, o quanto eram relegados a si mesmos. E, desse carinho materno que todas as crianças necessitam, eles sentiam falta.

Se agradasse os filhos que restaram, ela sentia como se estivesse traindo e desprezando o que se fora.

Não obstante os dois tivessem crescido acostumados com o pouco que ela lhes oferecia, às vezes sentiam falta do aconchego materno para discutir seus receios, suas frustrações e expectativas, como também falar sobre suas alegrias e vitórias. Ainda bem que os dois irmãos se entendiam e, quando a ocasião se lhes oferecia, conversavam e sentiam-se mais unidos por dividirem os mesmos sentimentos.

Nunca em nada disso aquela mãe pensou, senão em si mesma e naquele filho que não estava mais presente.

Se todos os que perdem um ente muito querido, agirem como Virgínia, mesmo que seja o filho mais próximo do coração, o mundo seria um desfile de tristezas, lágrimas e sofrimento, muitas vezes maior do que já o é, mesmo todos se esforçando e tentando compreender a vontade soberana de Deus que sabe o que é melhor para cada um de nós. Entretanto, ela estava longe desse entendimento.

Há alguns meses Virgínia começou a sentir certas sensações que a perturbavam ainda mais do que tudo o que fizera questão de guardar em seu Espírito. E depois de muito pensar, sem comentar com nenhum dos dois filhos, consultou um médico que diagnosticou um mal que, a qualquer momento, poderia ser surpreendida pela morte.

Por mais grave seja o mal que atinge um cliente, é de obrigação ética do médico e dever de ser humano, animá-lo e dar-lhe esperanças, mesmo porque ele não conhece os desígnios divinos nem sabe o que lhe está preparado.

Contudo, diante da prática e de casos semelhantes que a ciência atesta e com os quais se deparam constantemente, muitos médicos podem fazer uma previsão frente a alguma enfermidade, sem contudo revelar ao paciente a intensidade do mal que o acomete. Mas não foi o que aconteceu com a senhora Alcântara. Ela, com muita insistência, quis todos os detalhes, e ele, pressionado e embaraçado diante de tanta objetividade, foi expondo, fazendo com que ela mesma se antecipasse ao julgamento final, concluindo que não tinha muito tempo de vida. A qualquer momento poderia ser surpreendida com a chegada da morte, mas não se abalou. Ao contrário, parecia feliz, como se ela, ao partir, estivesse pregando alguma peça à vida que lhe fora tão adversa e triste, segundo sua própria apreciação.

Mais algum tempo passou sem que nenhum comentário por parte dela fosse feito, nem em relação aos documentos, nem em relação à morte de seu marido e muito menos quanto ao seu estado de saúde.

Todavia, mesmo sem comentar, os sintomas foram se agravando e, às vezes, durante a noite, ela passava mal e sua mente, de pronto, pensava: — Será hoje? Depois o seu coração ia se asserenando, mas os efeitos do mal iam ficando cada vez mais marcados em seu físico. Tão bem ela escondia e, talvez, pelo seu modo de ser, nunca nenhum dos dois filhos percebeu.

As obrigações domésticas quase não mais as realizava. A filha sempre tomou a si muitas das tarefas, e o irmão, quando passou a perceber seu

próprio salário, para deixar a irmã mais livre, e desejoso também de dar um auxílio à mãe, convenceu-a a admitir uma ajudante.

Mas até com esta era calada, ranzinza e exigente. Só lhe dirigia a palavra para dar uma ordem de serviço ou para criticar alguma tarefa que considerava mal executada.

Na maioria das manhãs, os filhos saíam para suas obrigações sem ver a mãe, que ficava até mais tarde em seu quarto, entregue às suas recordações; por isso, naquela manhã, a sua ausência não foi sentida, e eles deixaram o lar sem saber o que havia acontecido.

Quando a auxiliar do lar chegou, cansou de bater à porta, mas ninguém atendeu. Esperou mais algum tempo, tomou a bater e foi embora, imaginando que todos tivessem precisado sair, sem tempo de tê-la avisado, e considerou a ocorrência normal.

Quando os filhos retomaram, a casa continuava fechada, em absoluto silêncio e perceberam que nem as atividades domésticas mais simples de arrumação e limpeza haviam sido executadas.

A jovem estranhou muito e, pé ante pé, para não ser surpreendida pela mãe e receber alguma admoestação, chegou à porta de seu quarto, aguçou os ouvidos, mas nada ouviu. O silêncio era absoluto.

Nas outras dependências da casa já estivera e não vira ninguém.

Falando com o irmão, ele aconselhou-a a abrir a porta do quarto para ver o que acontecera.

— Eu tenho medo! Nunca fiz isso em toda a minha vida! Ela nunca permitiu que entrássemos em seu quarto, você sabe disso!

— Mas agora é preciso. Ela pode estar lá e precisando de nós!

— Então venha comigo!

Os dois aproximaram-se novamente pé ante pé, tomaram a parar diante da porta para tentar ouvir algum ruído, por menor que fosse, mas nada.

— Vamos! — disse o irmão.

— Vá você na frente!

Decidido, ele girou a maçaneta abrindo a porta cuidadosamente, e entrou seguido pela irmã.

Encontraram-na deitada como se estivesse dormindo. Um olhou para o outro sem nada dizer, com receio, e o rapaz aproximou-se do leito e tocou na mãe.

Qual não foi sua surpresa ao perceber que ela estava sem vida. Virou-se para a irmã, e ainda em voz baixa, como se o receio continuasse, disse-lhe:

— Ela está morta!

— Morta?! Mamãe está morta?!

— Deve ter se sentido mal durante a noite e não nos chamou. Podia tê-lo feito!

— Você sabe que ela nunca faria isso! Quem sabe agora ela poderá se sentir um pouco mais feliz. Não terá mais que suportar a nossa companhia.

— Não fale assim! Ela deve ter tido os seus motivos para ser como o foi!

— Que faremos agora?

— Temos que tomar as providências necessárias! Deixemo-la aqui, que de nada adianta mexer! Eu vou sair para fazer o que é preciso, e, enquanto isso, você procura alguma roupa para prepará-la.

— Eu não tenho coragem de mexer com ela!

— Espere-me que, ao voltar, eu a ajudarei e nós o faremos! Compete a nós como filhos. É a nossa última obrigação em relação a ela.

Dizer que os filhos não ficaram chocados diante daquela situação não revela os verdadeiros sentimentos que os tomaram naquele instante. No entanto, aquele apego intenso que normalmente há entre mães e filhos, não existia. Ela própria os relegara à distância a vida toda, não só física mas a dos sentimentos que envolvem o coração e a alma, e eles a viam, naquele instante, como se vê qualquer pessoa em condição semelhante, mas lamentando que poderiam ter vivido de modo bem diferente.

Enquanto o irmão não regressava, a jovem, depois de separar as roupas com que deveriam preparar o corpo da mãe, sentou-se na sala e, no silêncio da solidão, reviu muitos momentos de sua vida. Por mais aguçasse a memória, por mais procurasse entre todos os dias e situações de sua vida, não encontrou uma só em que a mãe lhe dirigiu a palavra com um certo carinho, mínimo que fosse. E muito menos encontrou uma em que ela tivesse estendido o braço e afagado seus cabelos, como as crianças gostam tanto. Todavia era sua mãe, respeitava-a, mas lamentava a sua morte antes de ter havido alguma modificação.

A chegada do irmão, as medidas necessárias para a ocasião foram tomadas. O corpo foi preparado e exposto na sala da casa, onde passaram a noite sem que ninguém os tivesse visitado. Amizades, ela não possuía. Parentes mais próximos, já os havia perdido. Os filhos, enfrentando aquela situação tão inusitada e surpreendente, não avisaram ninguém e a noite passou.

Pela manhã, porém, Alberto avisou no seu trabalho o que havia ocorrido, justificando sua ausência, e alguns de seus companheiros viriam para os funerais. O mesmo aconteceu com a irmã que avisou a uma amiga, e ela, comunicando às outras colegas, também se reuniram para o sepultamento.

Quando a criada chegou, assustou-se e contou o acontecimento do dia anterior, mas nada mais restava a fazer.

Os funerais foram realizados, talvez, conforme ela própria desejava, sem ninguém vindo vê-la e poucas pessoas acompanhando o féretro. E aquele dia tão cheio de cansaço e frustrações por tudo o que haviam passado no transcorrer de suas vidas, terminou.

— Agora somos só nos dois, mano! Devemos nos unir ainda mais.

-- Sempre fomos só nos dois! Mamãe amargurou a sua vida, amargurou a nossa, cuja causa nunca chegamos a saber.

— Quem sabe agora ela está mais feliz!

3 A BUSCA

Daquele dia em diante, a vida dos irmãos mudaria. Não que estivessem satisfeitos com a morte da mãe, mas gostariam que ela tivesse sido diferente, que tivessem podido estar sempre unidos no aconchego do carinho maternal, tão sublime, tão temo e tão necessário. Porém, não foi possível e lhes deixara mágoas profundas no Espírito. Mas o tempo, que é o grande remédio, com certeza amenizaria todas as dores.

Agora eram só os dois, e um dia, quem sabe, eles constituiriam o próprio lar junto de alguém que amassem, teriam os próprios filhos, e procederiam de modo bem diverso. O carinho, que nunca tiveram, dariam com tanta força àqueles que Deus lhes mandasse, que nunca, em nenhum momento, acontecesse o que acontecesse, seriam relegados a si mesmos.

Passados alguns poucos dias do acontecimento que os atingira, a criada que sempre arrumava o quarto da patroa, sob a vigilância da presença dela para que não mexesse em nada, perguntou aos filhos da senhora que partira:

— Há dias não entro no quarto de D. Virgínia. É necessário abri-lo, arejá-lo e fazer uma boa limpeza.

— Tem razão! Parece que esquecemos dele! — respondeu a jovem.

— Precisamos dar uma busca nos pertences de mamãe e ver o que podemos doar a quem necessite. Não devemos deixar guardado nada que não terá mais uso! - lembrou Alberto, presente à interpelação da criada.

— Nós o faremos! No próximo domingo, se Alberto se dispuser, faremos uma vistoria geral, retiraremos o que deve ser doado, depois você fará a limpeza necessária, e deixaremos aquele quarto sempre aberto! - falou a jovem à criada que esperava alguma resposta.

Depois que ela se retirou, a jovem falou ao irmão:

— Há dias venho pensando em fazer isso, mas não tive coragem nem de lhe dizer. Era como se estivesse invadindo e profanando um local que não me pertence, algum lugar místico, estranho e cheio de mistérios.

— Não exagere tanto! Eu a ajudarei e faremos o que for necessário.

— Quem sabe encontraremos papéis, entre os guardados de mamãe, que nos trarão algum esclarecimento.

— É verdade! Não havia pensado nisso!

— Aguardemos o domingo!

Os dias passaram e, no domingo pela manhã, logo após a primeira refeição, um olhou para o outro lembrando o que haviam combinado. A jovem estava receosa, mas o irmão falou-lhe resoluto:

— E preciso!

— Sentir-me-ei vigiada, lá dentro! Mamãe nunca nos deu liberdade de entrar em seu quarto, como se ele fosse um santuário sagrado para ela.

— Era o depositário maior de suas mágoas!

— Quando mamãe estava só, fechada em seu quarto, sentiria tantas amarguras como demonstrava? Será que nem lá dentro encontrava paz?

— Talvez sim, por isso não permitia que lá entrássemos para não macularmos, com a nossa presença, o seu santuário! Bem, vamos sem demora!

Ao abrirem o quarto para o que pretendiam, a cama ainda se encontrava desfeita, como fora deixada quando seu corpo foi retirado. As roupas trocadas ainda estavam espalhadas sobre a cama, e eles, antes de qualquer iniciativa, pararam, olharam-no de cima abaixo, de um lado a outro, como a lhe descobrir segredos insondáveis, depois abriram a janela para que a claridade e o ar fresco e puro da manhã renovasse aquele ambiente um tanto assustador.

— Por onde começamos? - indagou a jovem.

— Retire, em primeiro lugar, toda essa roupa de cama, recolha todas as peças de uso pessoal aí espalhadas e deixe a cama livre.

Num instante ela fez o que lhe foi pedido, enquanto o irmão abria o armário que guardava as roupas da mãe.

Qual não foi a sua surpresa diante do que viu, que imediatamente chamou a irmã:

— Venha ver o que este armário ainda contém!

— Devem ser todas as roupas de papai! São diversos temos e até camisas! - exclamou ela.

— Então mamãe tinha razão, ele deve ter morrido e ela nunca se desfez de suas roupas. Se ele tivesse ido embora por algum problema entre eles, tê-las-ia levado!

t, — É muito estranho!

— Se vamos retirar as roupas de mamãe para doar, faremos o mesmo com estas! Vou começar a retirá-las e você as dobrará, colocando-as sobre a cama. Depois decidiremos o que fazer.

Temo a temo, camisa a camisa, vestido a vestido, casacos para o inverno, tudo foi separado e dobrado.

Quando os varões do armário se encontravam despidos de tantos cabides, a maioria guardando roupas que nunca viram a mãe usar, restavam as gavetas.

— Tenho um pouco de receio de mexer nelas! Você sabe, as gavetas sempre guardam o que há de mais íntimo em nós. Se quisermos conhecer uma pessoa, sem nunca a termos visto, é só mexer nas suas gavetas. Cada uma é reveladora do caráter das pessoas, tanto pelos objetos que guardam como pela forma que estão arrumadas.

— Deixe de psicologia, agora, e vamos a elas!

Algumas foram abertas, as peças de roupas também retiradas, não só as de uso pessoal como as de cama e banho, e restavam mais duas que, ao abrirem, entenderam que deveriam deixar para o fim.

— Antes de verificarmos os objetos e papéis destas gavetas, convém verificar se nada mais resta além disso.

— Tudo o que pertenceu à mamãe está sobre a cama!

— Pois bem, no espaço que sobra, despejarei os objetos desta primeira gaveta, e vamos verificar, peça a peça, todo o seu conteúdo!

Algumas caixinhas havia contendo coisas sem importância, nada de valor material, mas estavam guardadas, talvez, pelo valor afetivo que um dia puderam representar, e das quais ela não quisera se desfazer.

Em outras, foram encontradas algumas jóias de valor, que nunca a viram ostentar em situação alguma, e compreenderam, deveriam ter sido presente do marido, em algum momento de grande felicidade. Eram lindas e valiosas.

— Por que mamãe nunca se desfez delas, revertendo-as em dinheiro depois que papai morreu, se tivemos sempre dificuldades? - ponderou a irmã.

— Ou ela desejou esquecê-las totalmente ou o valor afetivo ainda contava bastante! Talvez tenha querido deixá-las para você, como lembrança de papai, e não houve tempo de lhas dar?

— Se ela desejasse que fossem minhas, há muito poderia tê-las dado! Mas não faço questão de jóias, você sabe.

— Agora são suas de direito e por merecimento!

— Bem, continuemos a busca! Pelo que nos interessa, suponho que os papéis sejam mais importantes que as jóias.

Encerrando a vistoria naquela gaveta, retirados todos os objetos e separadas as jóias que ela guardaria em seu quarto, começaram a verificar os papéis da outra.

Havia-os bastante! Alguns velhos, amarelecidos, outros mais recentes, e nenhum deveria ficar sem ser examinado.

Em cima de todos, encontraram um papel de receituário médico, com uma prescrição recomendando medicamentos que eles acharam, ela nunca os tomou.

— Então mamãe sabia que estava doente, consultou um médico e nunca nos disse, nem deve ter tomado os remédios prescritos.

— A vida, para ela, não tinha valor, e ainda deve ter ficado feliz pelo que ele lhe disse.

— Separe esta receita que vou conversar com o médico. Quero saber o mal que a levou à morte.

Examinando os outros papéis, encontraram até aquela planta da casa, desenhada há tantos anos atrás e assinada pelo pai deles.

— Quantos sonhos devem ter acompanhado toda a elaboração desta planta, e quantos, também, na construção da casa! Mamãe deveria ter sido diferente!

— Continuemos! Se formos comentar e fazer conjecturas em razão de cada papel encontrado, não terminaremos hoje! - lembrou Alberto.

— Mas eles são o que temos de mais importante de mamãe e até de papai, de quem não lembramos e nada sabemos! Lembra-se do que lhe falei a respeito de gavetas? Esta poderá nos revelar muito sobre a vida de papai e mamãe, que ela nunca quis comentar. Leve o tempo que levar, é tudo o que temos de mais vivo deles dois.

— Está bem! Mas os comentários podem ficar para depois.

— Se deixarmos passar este momento, deixaremos perder muitas coisas! Com o tempo faremos comentários e até suposições começaremos a criar em nossa mente, mas o que nos ocorre agora, devemos falar, é importante!

Outros papéis foram examinados, alguns sem importância que a eles nada revelava, até que, bem no fundo da gaveta, encontraram, dentro de uma pasta fechada, aqueles documentos que o policial havia trazido, e que ela, pretendendo não recordar, os guardara sob os outros papéis, para

não ficarem à vista, se precisasse abrir a gaveta.

—Aqui deve estar o que nos interessa! - exclamou Alberto, tomando a pasta.

— Abra-a logo!

— É o que vou fazer!

Em primeiro plano, sob os outros papéis, encontraram a certidão de casamento e, ao final da leitura, alguns comentários foram feitos.

— Não sabíamos nem a data de casamento de nossos pais! - exclamou a jovem.

— Este, deve ter sido um dia muito feliz para eles!

— Se casamos com quem amamos, é o dia mais feliz de nossas vidas!

Colocando a certidão de lado, eles foram ao outro documento, mais espesso e fechado por uma capa.

Ao abri-lo, um outro papel dobrado, de aparência bem mais recente pela brancura da folha em contraste com as outras amareladas pelo tempo, foi encontrado. O rapaz tomou-o, abrindo em seguida, deparando-se com o título que encabeçava os dizeres abaixo: Atestado de Óbito!

— Aqui está! - exclamou ele. - E de papai! Mamãe não mentia. Papai, de fato, está morto!

—Leia-o com cuidado! - recomendou a irmã! - Esse papel parece recente, veja como é diferente dos outros!

Com vagar, demorando-se em cada palavra, como que a procurar entre elas alguma informação que lhes seria importante, descobriram que o pai havia morrido há não mais de um mês.

— Então eu tinha razão! Papai não estava morto! Onde ele estaria?

— Aqui tem o nome da cidade onde morreu e deve estar enterrado! É longe daqui!

— Mas não é impossível irmos até lá para averiguar! Eu gostaria de saber!

— Como este atestado veio parar às mãos de mamãe? Deve ser por isso que ultimamente ela andava pior, mais calada, mais irritada e mais recolhida aqui em seu quarto.

— Alguém deve tê-la visitado.

— A criada deve saber.

— Tem razão! Amanhã lhe perguntaremos.

Deixando aquele atestado de lado, foram direto ao outro que atestava a propriedade da casa.

Depois de lê-lo totalmente, o jovem lembrou:

— Esta casa agora é nossa, de direito, e devemos passá-la para nosso nome. Amanhã mesmo vou informar-me sobre o que fazer, e tomarei as providências para regularizar essa transferência, o mais rápido que puder. Um dia, quando tivermos condições, faremos uma remodelação total, que ela está muito desgastada.

— Mamãe nunca deve ter feito nada nela. Do jeito que foi construída, ficou!

— Não sabemos o que houve, mas mamãe não tinha condições de se envolver com reparos na casa.

— Mesmo que tivesse, nem sei se faria! Nós a conhecemos bem!

—Não o suficiente, lembre-se disso. Mamãe nunca revelou seu íntimo a ninguém! Sabemos apenas das suas atitudes, aquelas que ela não podia evitar de demonstrar, mas seu íntimo, o que trazia escondido dentro de si, nunca chegamos a conhecer.

Encerrado aquele trabalho que lhes trouxe alívio ao coração pela tarefa cumprida, trouxe-lhes também, por todo o resto do dia, oportunidades de muitas considerações, e, entre uma e outra, o pai voltava-lhes sempre. Num momento, a jovem interrogou o irmão:

—Você imagina que se formos à cidade onde papai morreu e deve estar sepultado, indicada pelo atestado que encontramos, teremos mais informações sobre ele?

— Não sei! Se ele procedeu lá, como mamãe aqui, nada saberemos.

— Se algo devesse estar escondido é porque realmente houve algum acontecimento muito grave entre eles, tão grave que nunca desejaram contar.

— Não podemos julgar nem um nem outro, mas uma atitude como a que mamãe manteve durante todos estes anos, não foi correta. Por mais atingida tivesse sido a sua alma, por maior fosse o seu sofrimento, nós, que convivíamos com ela, não tínhamos culpa e não devíamos ter sofrido suas consequências durante tanto tempo. Foi egoísmo puro, o sentimento maior que ela trazia no coração, independente de qualquer outro de mágoas ou de dor profunda.

— Os sofrimentos com o tempo se amenizam. Se ela tivesse falado sobre eles, teria tido a nossa compreensão, o nosso carinho que sempre recusou, e teria sido menos infeliz, fazendo-nos também um pouco mais felizes.

— Mamãe não pensava assim e não adianta recriminá-la. Ela agiu como lhe pareceu melhor. Se não foi agradável a Deus, agora terá sua reprimenda. Se era assim mesmo que deveria ter agido, terá sua recompensa e não seremos nós a julgá-la!

—Está bem! Mas voltando a papai, você considera de bom alvitre procurarmos mais informações?

— Vamos nos asseregar um pouco, deixar passar alguns dias, depois iremos. Amanhã perguntaremos à criada a respeito da visita que ela possa ter recebido e veio lhe trazer o atestado. Depois daremos um jeito em todas aquelas roupas, e aí, a hora que pudermos, pois teremos que despende, talvez, mais de um dia, nós iremos.

— O que faremos com o quarto de mamãe?

— E o melhor da casa e o mais bem localizado! Se você quiser passar para ele... - propôs Alberto.

—Não me sentirei bem lá dentro! Prefiro continuar no meu, onde estou bem instalada.

— Enquanto fazíamos a arrumação das roupas, pensei até em transformá-lo em escritório, quando puder trabalhar por minha própria conta. HP- É uma ótima idéia! Nossa casa é grande e dará muito bem para você trabalhar aqui! Aí será preciso retirar os móveis.

— Sim, quero-o vazio por completo! Algumas peças poderão ser distribuídas pelas outras dependências da casa, e o que não tiver uso para nós, doaremos também.

— Quem sabe a nossa criada não se interesse por eles?

— Tem razão!

— Não será preciso esperar trabalhar por conta para começar a remodelar o quarto. Sentir-me-ei melhor, aqui dentro, se ele for transformado logo. Com vagar poderá prepará-lo e começar a aceitar algum trabalho, mesmo antes de deixar seu emprego, para ir fazendo o seu nome.

—É um assunto para se pensar. Temos muito tempo à nossa frente e não quero precipitar-me para não vir a arrepende-me depois.

— Mas desocupar o quarto, nós poderemos fazer logo.

— Se você preferir...

Aquele domingo encerrou-se, um tanto cansativo pelo inusitado das obrigações, mas, intimamente, sentiam-se bem. Havia realizado um trabalho necessário, feito algumas descobertas, — não todas as que desejavam - e novas esperanças adentravam-lhes o coração.

O quarto seria remodelado, colheriam informações sobre o pai na cidade de onde procedia o atestado de óbito, e os mistérios, os segredos tão cuidadosamente escondidos pela mãe talvez pudessem ser revelados.

Uma esperança nova também abrigavam em seus corações - a informação da criada a respeito da visita que sua mãe pudesse ter recebido.

Pela manhã, quando foi indagada, sem muito pensar, porque naquela casa não se recebiam visitas, ela logo se lembrou.

— Sim, cerca de um mês antes da morte da sua mãe, lembro-me bem, veio um senhor, após o almoço, desejando falar com a senhora da casa, e ela não queria atendê-lo. Trazia uma pasta na mão que deveria conter papéis. Não sei de mais nada!

— Já está bem assim! Obrigada! - agradeceu a jovem.

Os irmãos entreolharam-se desejando saber quem seria o homem que estava a par do acontecido com seu pai, para ter trazido em mãos aqueles papéis, —; Seria um amigo de papai a quem ele confiara aquela missão? - indagou-se Alberto. Entretanto, perto da criada, esse assunto não deveria ser tratado.

Como vinha até então, a vida de ambos prosseguiu. As roupas foram todas doadas. Algumas peças do mobiliário foram sendo distribuídas pelas outras dependências da casa onde seriam úteis, restando a cama e o armário, peças maiores das quais eles queriam desfazer-se, modificando totalmente aquele ambiente, deixando-o mais agradável e menos sombrio de lembranças.

A criada, conforme previram, interessou-se por eles e mandaria buscá-los logo também.

A vida retomou à rotina anterior, contudo faltava-lhes a visita à cidade onde pretendiam colher informações, mas a oportunidade ainda não havia chegado e mais de um mês se passara da morte da mãe.

Entretanto, o que se deseja se espera, se sabemos adequar a nossa ansiedade às oportunidades, e eles foram se preparando, até que o dia em que puderam realizar a viagem, chegou.

Algum sacrifício foi realizado, tanto em relação às obrigações de cada um, quanto às despesas que seriam obrigados a fazer, mas o que poderiam obter compensaria qualquer sacrifício.

Depois de algumas horas de viagem, chegaram ao local, e, conforme haviam combinado, pois não conheciam ninguém, procurariam, em primeiro lugar, um posto policial onde pudessem, com certeza, obter algumas informações, para depois partir para as investigações.

Em razão do próprio estilo de vida que o seu pai adotara, estranho e incompreensível para muitos, ele passara, não obstante “desconhecido”, a ser conhecido de todos.

Quando expuseram o que desejavam, o policial que os atendeu, disse-lhes:

— Sei do que se trata e conheci a pessoa a quem se refere, mas vou levá-los a alguém que poderá lhes dar mais informações.

Sabedor de quem havia se locomovido até a outra cidade para levar os documentos e quiçá, colher informações, levou-os até ele, em uma outra sala do posto policial, anunciando-os:

— Estes jovens desejam conversar com o senhor a respeito do Desconhecido.

Ao ouvir aquela alcunha os dois estranharam, mas nada disseram.

— Sentem-se! A conversa pode ser longa! Antes, porém, preciso saber o que vocês eram dele.

— Somos filhos do senhor Geraldo de Alcântara, não sei se falamos da mesma pessoa.

— Quando estive em sua casa, não os vi! Fui recebido com certa reserva por uma senhora que nada me esclareceu e só me deixou falar quando disse que fora em nome da polícia e ela teria que me ouvir. Mesmo assim foi muito pouco cordial e dispensou-me logo.

— Mamãe era assim mesmo, sempre irritada e triste. Faleceu há pouco mais de um mês. Foi encontrada morta em seu quarto. Estava doente e nunca nos disse nada.

— Ela era amarga lá, e seu pai, infeliz aqui! O que houve entre eles para que suas vidas ficassem tão estragadas, para que fossem tão infelizes?

— E por isso que aqui estamos! Nós também de nada sabemos! Surpreendeu-nos encontrar o atestado de óbito de papai, com data tão recente, entre os papéis que mamãe guardava, quando ela nos afirmava que ele já havia morrido há muitos anos. Nós não o conhecemos! Não temos nenhuma lembrança dele!

— Muito esquisito! Eu poderia levá-los a uma senhora que o ajudou bastante, mas de nada adiantaria. Ela também de nada sabe. Nem o nome, seu pai revelou. Chamavam-no - o Desconhecido - alcunha que ele próprio incorporou, com o passar do tempo. Só soubemos o seu nome quando morreu, pois precisávamos da sua identidade para sepultá-lo e demos uma busca em sua cabana.

— Então papai não trabalhava?

— Sempre viveu da caridade alheia, mas aquela senhora desconfiava que ele deveria ter uma boa educação, pelo que demonstrava. Soubemos que era engenheiro, pelo diploma entre os seus papéis, os mesmos que entreguei à sua mãe.

— O que nos diz é surpreendente! Nossa viagem até aqui de nada valeu diante do que pretendíamos, mas nos vem reforçar a convicção de que algo muito sério deve ter havido entre papai e mamãe, para que tivessem sido tão infelizes.

— O que posso dizer-lhes e que aquela senhora me contou, foi que uma vez, quando ele se encontrava já doente e ela insistia para que fosse ao médico, até arranjando um que o consultaria de graça, ele respondeu que nada tinha a fazer aqui, que poderia partir a qualquer hora, e só Deus o julgaria, ninguém mais.

— Isto é importante! Ele deve ter sido acusado de alguma ação da qual não se julgava culpado.

— Se fosse ante a sociedade, ele teria sido procurado pela polícia. Deve ser algum ato mais íntimo, mais familiar, até pelo comportamento de sua mãe que revelou muito ódio por ele. Aqui ele era, apesar de mendigo - desculpe-me dizer assim - muito respeitador e correto. Nunca ninguém teve a menor queixa dele.

— Onde ele está enterrado?

— Entre aqueles que nada têm a pagar. A polícia fez o enterro.

— Pode nos levar até lá? - interrogou a jovem.

— Sem dúvida. Mandarei um policial levá-los. Pretendem retirá-lo daqui?

— Ainda vamos pensar. Junto com mamãe é que não devemos pô-lo. Se estavam separados em vida, cada um infeliz por seu lado, não será agora que deverão ficar juntos.

— Seria melhor deixá-lo aqui. - ponderou a jovem. - Se foi este o lugar que ele escolheu para viver, é aqui que deve ficar.

— Talvez você tenha razão. —'obtemperou o irmão.

Depois da visita à sepultura, os dois irmãos tomaram o rumo de volta. Nada mais lhes restava fazer naquela cidade. Algumas novidades para sua curiosidade, eles levavam, mas nenhuma revelação ante o que desejavam.

Se sua mãe era amarga e infeliz, ele não o havia sido menos. Podemos até dizer que o havia sido muito mais. Ela permanecera no lar e, conquanto entre lutas, tinha certo conforto, a companhia dos filhos e só não tinha o carinho deles porque ela própria o recusara. E, se tivesse sabido perdoar mágoas - se realmente tivessem havidogteria sido mais feliz.

E ele, o que tivera da vida? Nada! Apenas dificuldades, miséria e solidão. Como deveria ter sofrido o pobre infeliz! Ah, se eles tivessem sabido, o rumo da vida do pai teria sido diferente!

Onde ficaram os anseios da sua profissão, se nem o lar possuía mais? E o amor pelos filhos, como estaria em seu coração? Como fora o seu viver de privações e mendicância, se possuía uma bela profissão capaz de proporcionar-lhe meios para um viver tranqüilo?

Algo grave deveria ter havido e do qual ele era acusado, para dizer que só Deus o julgaria, ninguém mais. Certamente quem o julgara e fora o responsável pela vida que ele tivera, fora a sua mãe, não havia dúvida.

Ah! Quantas reflexões, quantas suposições e quanta tristeza!

Como uma vida feliz e promissora se transforma, de um momento para outro, por causa da incompreensão? Fosse o que fosse, o pai era uma pessoa digna. Saíra de casa, expulso, talvez, sem ter levado uma única peça de roupa, abandonado a profissão e vivido da caridade alheia, mantendo-se digno até dentro da infelicidade, e, ainda mais, nem o nome revelara. Nunca, ninguém o soubera! Ele era o desconhecido. Sentir-se-ia assim, um pouco melhor?

Com certeza, no intenso desejo de esquecer, de esquecer e esquecer, quisera esquecer até o nome... Era uma forma de nunca ser encontrado por ninguém. Também, quem iria procurá-lo? Os filhos eram muito pequenos, a esposa o rejeitara e deve tê-lo expulsado; só se fosse algum

amigo, algum cliente, e, nas condições em que se encontrava, ninguém iria perder tempo de olhar para seu rosto para reconhecê-lo. Jamais imaginariam que ele estivesse naquela condição e que atrás de um mendigo se escondia um homem de grande capacidade profissional. E, sem o nome, mesmo sem reconhecê-lo pessoalmente, ninguém teria meios de apontá-lo.

Fora a vida que ele escolheu, vivendo muito infeliz, porquanto ninguém é feliz trazendo um íntimo tão pesado. Que não seja de culpas, mas de recordações e de anseios frustrados...

Todo o percurso de volta, tão longo na ida, era pequeno para tantos pensamentos, conjeturas e suposições. Os dois voltavam calados, mergulhados no próprio íntimo, mas vez por outra um quebrava o silêncio para expor uma suposição, o outro respondia com alguma palavra, concordando, discordando ou colocando outra em seu lugar, e a viagem passou.

Bastante longa e cansativa, mas completou-se. Quando chegaram a casa era a madrugada de um domingo que se iniciava e propiciaria a ambos a oportunidade do descanso para o recomeço de uma nova semana. Reingressariam na rotina das obrigações, mas convictos de que nada mais lhes restava procurar para saber o que havia acontecido entre os pais. Algum dia, se Deus lhes permitisse, teriam toda a verdade, fosse quando fosse, e aí fariam o próprio julgamento.

4 EM OUTRA DIMENSÃO

Se os filhos nada mais poderiam fazer para descobrir o que acontecera entre os pais, por não se acharem mais entre eles como encarnados, nós, que tratamos também do Espírito e com muito mais interesse pela sua característica de imortalidade diante de um corpo perecível, vamos ao encontro de cada um deles, obedecendo à ordem com que deixaram a existência terrena.

O Desconhecido, como se chamava e como era chamado, nada mais tinha a esconder que o Espírito nada esconde. Por mais anônimo queira passar, ele se revela por inteiro àqueles que o olham com acuidade espiritual e nada é oculto.

O senhor Geraldo, que assim passaremos a chamá-lo, depois de um longo período de sofrimento não só experimentado pela inocência da culpa que lhe imputavam, e pelo que havia acontecido sem que pudesse ter evitado, trazia também um corpo sofrido pelas privações geradas pelo desencanto da vida e pela vontade de também deixar aquela existência de tanto sofrimento.

Por que cuidar da saúde, se a tendo abalada era o melhor recurso para partir mais rapidamente?

Por que permanecer neste mundo de dores e desilusões, de incompreensões e intransigências, se para ele nada mais restava? Perdera o primogênito adorador e ficara sem a companhia dos outros dois filhos que poderiam, de alguma forma, suavizar a dor que sentia. Perdera a esposa por quem supunha ser amado, mas compreendia-a. Ela, pelas suas atitudes, só poderia ter a mente doentia que se fixara num momento de dor, cristalizando-o em seu coração de tal forma que o expulsara de casa, por mais ele lhe explicasse a verdade. Perdera a profissão para a qual se preparara tanto e lutara para conseguir um lugar ao sol, em meio a todos os que já possuíam um nome de destaque entre os mais capazes. Perdera tudo, só não perdera a vida, justamente aquela que não mais fazia questão de conservar. Por isso, quando percebeu que a enfermidade estava tomando conta de seu corpo, ao invés de entristecer-se, alegrou-se. Retirar-se da vida por si mesmo, ele nunca o quisera - tinha alguma noção de religiosidade e sabia que ninguém deve atentar contra a própria vida sem praticar uma grande infração diante de Deus. E, diante de Deus, ele não queria ser culpado de nada.

Mas esse mesmo Deus que presenciara tanto sofrimento sem ter podido evitar que ocorresse - a razão ele não sabia, porque se era Onipotente, tudo podia - ajudou-o de certa forma. Sempre encontrou pessoas boas que o auxiliaram e até permitiu que não estivesse sozinho e abandonado em seu barraco, no seu momento extremo, mas diante daquela que sempre o considerara, para que tivesse uma sepultura como todos e para que também encontrassem, após, como de fato ocorreu, a sua própria identidade, que sabia, seria preciso.

Entretanto, tudo isso já passara e ele se encontrava no Mundo Espiritual. E como estaria?

Os sofrimentos morais que carregamos quando encarnados, embora minando o físico, partem do Espírito, e, se assim ocorre, quando ele deixa o corpo que não mais consegue abrigá-lo, leva os mesmos sofrimentos até então experimentados - as dores, as mágoas, as frustrações. Por isso deve passar por um tratamento intenso a fim de que, aos poucos, como resultado do esforço e da compreensão, através da ajuda que vai recebendo, esses males possam ir se desfazendo e o Espírito ressurgir mais aliviado, mais confiante e menos sofrido.

Geraldo, após deixar o corpo tão repentinamente à porta da casa daquela senhora, recebeu o auxílio de que se fazia merecedor. Há tempos já estava sendo observado por um ente que lhe fora muito querido - sua mãe - que desejava ajudá-lo no momento do desprendimento. E ela, amparando-o dentro do que lhe era possível e permitido, induziu-o ao local de onde deveria partir.

Assim que se libertou daquele corpo macerado pelo sofrimento, ela, que promovera recursos espirituais para ajudá-la a amparar o filho, recolheu-o e levou-o a um posto socorrista mais próximo à crosta terrestre. Lá passaria por um período de repouso em sua companhia, para que pudesse, após, ser encaminhado a uma Colônia Espiritual - se Deus permitisse, - a mesma onde ela se encontrava, para continuar a ampará-lo, e onde receberia a complementação do seu tratamento.

Ao contrário, o Espírito daquela que lhe fora esposa e o fizera sofrer tanto pela incompreensão e pela intransigência, ao deixar o corpo imóvel sobre a cama, depois de sentir todo o mal-estar que promovera a sua expulsão, não teve o mesmo destino dele.

Conquanto de moral ilibada, ela nunca soubera o significado da palavra compreensão ao sentir-se atingida de alguma forma, e, não obstante o seu julgamento fosse correto diante de si mesma-, levava no Espírito muitas culpas - não só pelo que imputara ao marido - mas todas as que advieram desta sua atitude.

Passara o resto de seus anos que foram mais de vinte - curtindo a própria dor na qual mergulhara, fazendo sofrer os que a rodeavam a vida toda, negando e recusando carinhos, entendimento e atenções. Fora cruel consigo mesma pois aniquilou-se para a vida, aniquilando aqueles que dizia amar.

Agora, porém, com o Espírito liberto, ela teria, quando fosse adequado e tivesse capacidade, condições de compreender toda a verdade e oxalá, depois de tê-la, o arrependimento lhe tomasse o Espírito. Só assim se comprovaria se ainda algum sentimento bom abrigava, e muito mais fácil seria o seu tratamento. Mas, até esse momento chegar, muito ainda teria que amargar.

Ela não fora, como o marido, recolhida para o amparo assim que deixara o corpo, e perambulava por muitos lugares, sem saber ainda o que acontecia. As vezes gritava que queria voltar para casa, que ninguém a tiraria dela, mas, por mais gritasse, por mais se esforçasse, uma força estranha a afastava cada vez mais.

Seus caminhos eram desconhecidos e nada agradáveis. Sentia que pisava em areias ardentes, mas não sob um Sol causticante e cheio de brilho, pois seus caminhos eram, as mais das vezes, escuros e tenebrosos.

Muitas sombras horrendas por eles transitavam. Algumas em desespero de dor, outras sarcásticas, e dela aproximavam-se galhofeiras. Ela corria de medo, sem encontrar nenhum refúgio que a escondesse e lhe desse um pouco de descanso.

Ah, a sua casa limpa, o seu quarto - o seu refúgio preferido - onde estariam? O que havia acontecido para que tivesse uma transformação tão grande? E os filhos? Ah, lembrou-se dos filhos, pela primeira vez, com saudade. Onde estariam? Por que a deixaram naquela situação de abandono?

Muito tempo permaneceu nestas condições. Quando alguma entidade se aproximava, não as sarcásticas nem as tão horrendas, e lhe falava, querendo uma companhia para desabafar suas dores a alguém que a ajudasse a entender melhor o que estava acontecendo, ela expulsava-a sem lhe dar atenção. Demonstrava as mesmas atitudes de quando encarnada, mas agora de modo mais intenso, pelo sofrimento que era muito maior.

Não sabia há quanto tempo permanecia desse jeito, mas podemos dizer, era tanto que, se fosse levada de volta ao lar terreno, não o

reconheceria mais.

A filha havia concluído seus estudos e trabalhava na sua profissão. Os esforços unidos dos dois irmãos haviam promovido a remodelação da casa, e, em uma parte dela, ele instalara o seu escritório e florescia na profissão com projetos que tomavam seu nome cada vez mais conhecido, acumulando bastante serviço. Nem sós, eles se encontravam mais ! Alberto havia contraído matrimônio e já possuía um lindo filhinho que corria pela casa alegrando-lhes a vida.

Sua irmã, em pouco também constituiria a própria família, pois estava com o casamento marcado, e sua própria casa estava sendo preparada com bom gosto e muito amor. Ela deixaria a companhia do irmão e da cunhada, com quem se relacionava muito bem, como se tivesse em sua companhia uma verdadeira irmã. Deixaria, sobretudo o sobrinho que adorava, a quem Alberto quisera dar o nome de Geraldo, em homenagem ao pai que não conhecera e que muito havia sofrido.

No entanto ela, a mãe de ambos, que se encontrava só e muito mais infeliz do que ao se isolar na própria dor que cristalizara em seu íntimo, pela opção de vida que escolhera e adotara, começava a pensar com mais intensidade nos filhos e no lar, desejando estar de volta. Nada acontecia, porém, que transformasse a sua vida. Nem sequer uma pequena claridade que lhe trouxesse alguma esperança, encontrava. Nenhum ponto luminoso, nem que fosse à distância, a fim de que pudesse para ele caminhar, divisava.

Certa vez, tão cansada, tão isolada de tudo se achava, que se arrojou ao chão pedregoso, mesmo sentindo que se feria e chorou muito. Ah, ela encontrara lágrimas para extravasar seu sofrimento!... Finalmente seus olhos sentiam-se banhados de lágrimas! Eles que há muitos e muitos anos, mesmo enquanto encarnada, não sentiam a umidade benfazeja de uma lágrima brotando do seu íntimo, demonstrando que ainda nutria algum outro sentimento que não fosse o orgulho e o egoísmo, nos quais havia se encapsulado.

Ali deitada, chorou muito, pedindo ajuda para sair daquela situação e encontrar um caminho um pouco mais agradável, de menos sofrimento. Não podia precisar quanto tempo permaneceu naquela atitude. Quando conseguiu melhorar um pouco, ao erguer a cabeça, avistou um pequeno ponto luminoso bem ao longe, que lhe trouxe esperanças. Adquirindo energias novas, levantou-se e começou a caminhar em direção a ele.

Por mais caminhasse, a distância era grande e muito difícil atingi-lo. Diversas vezes precisou parar para descansar, mas novamente retomava a caminhada, e o pequeno ponto continuava fixo no mesmo lugar.

O que encontraria e o que aconteceria ao atingi-lo? O que significava ele? O que lhe revelaria ao se deparar com aquela luminosidade? A caminhada prosseguiu, muitas paradas de descanso precisou efetuar, até que, depois de muito tempo, ao chegar onde presumia, aquela pequena luz se encontrava, ela nada mais viu senão aquele ponto luminoso bastante próximo, mas bem acima de sua cabeça.

Olhando de um lado e de outro, pois a claridade que refletia permitia-lhe ver o local com mais nitidez, nada divisou além da mesma paisagem que estava habituada a ver, sem, contudo, as sombras escuras e as presenças assustadoras que lhe punham medo. O local era ermo, porém, um tanto mais agradável.

Depois de olhar por algum tempo, como que imobilizada, exclamou:

— Meu Deus, caminhei tanto, estou esgotada e nada vejo que possa modificar esta minha situação! Estou cansada, queria tanto voltar ao meu lar e ter um pouco de paz. Estou saudosa de meus filhos a quem nunca dei atenção, e não sei onde me encontro. Estou perdida de todos e de mim mesma! Mostre-me um caminho onde possa descansar um pouco! Explique-me o que aconteceu para que esteja sofrendo tanto! Ajude-me, ajude-me!

Suas últimas palavras, dentre todas as outras expressas em tom súplice, foram pronunciadas entre lágrimas. Sem nenhuma resposta de imediato, sentou-se no chão, pois não tinha condições nem estímulo para prosseguir. Quando asserenou o coração, ouviu uma voz que lhe dizia:

— Irmã, temo-la observado há muito tempo, e presenciado o seu desespero e a sua dor. Os seus caminhos têm sido difíceis, e a solidão, sua companheira constante. Aqui viemos para ajudá-la, se aceitar a nossa ajuda, mas é necessário que repense a sua vida.

Ela ouvia-o, procurando o ponto de onde vinha aquela voz e, sem nada encontrar, teve a impressão de que partia daquele pequeno ponto luminoso, mas não tinha certeza.

As últimas palavras ouvidas foram repetidas por ela algumas vezes - repense a sua vida, repense a sua vida... — até que ela própria, numa reflexão mais acurada, indagou:

Rfc Por que repensar a minha vida? Onde estou para que me dêem esta sugestão? O que aconteceu comigo para que eu esteja me deparando com semelhante situação?

Enquanto assim refletia e falava consigo mesma, a voz prosseguiu:

— Assim mesmo, irmã! Pense em tudo o que tem feito, em tudo o que fez quando se encontrava em seu lar, no que fez da vida do companheiro que a amava, e que, num momento difícil de muita dor, foi incompreendido e acusado do que não tinha culpa! Pense em como considerou os filhos que lhe restaram, fechando-se no que julgou ser a sua dor, esquecendo-se de que se fechava no próprio orgulho e egoísmo. Não permitia que ninguém participasse da sua vida, alegrando-a, para que a sua alegria se refletisse nos outros, e eles a sentissem também! Pense, irmã, pense muito!

— Quem é você que me fala, pretendendo conhecer a minha vida, mas só eu sei o sofrimento pelo qual passei!

— Pense, irmã, pense, mas emergindo desse egoísmo no qual mergulhou, que novos caminhos lhe serão mostrados. Esta é uma oportunidade ímpar! Aqui estaremos observando-a e sabemos o que está certo ou não. Não queira enganar-se como o fez a vida toda, mas enfrente a realidade de fato. Não aquela que criou para si mesma para dizer-se sofredora, quando causou, por essa razão, muito mais sofrimento aos outros, do qual a senhora é culpada.

— Eu não sou culpada de nada! - gritava, vendo a sua vida, vivida em seu maior tempo, fechada no quarto e em seu próprio eu, totalmente invadida e exposta por alguém que não conseguia precisar quem fosse. Irritada, prosseguiu gritando:

— Mostre-se! Quem me acusa? Fale comigo frente a frente! Não se esconda!

— Nada mais lhe direi, peço-lhe apenas que pense, pense muito, depois voltarei a lhe falar!

— Eu quero sair daqui! Preciso voltar ao meu lar!

Pretendendo dar um fim às suas pretensões e fazê-la pensar em toda a sua vida, reconhecendo as atitudes erradas que assumira, com conseqüências tão avassaladoras para o marido e tristes para os filhos, a voz tomou a falar:

— Aquele lar não lhe pertence mais! A senhora deixou-o para sempre! Sua vida agora é outra, é entre aqueles que não têm mais o corpo físico e vivem apenas em Espírito - a vida plena, sem mentiras nem subterfúgios. A vida ampla e aberta a todos, onde nada adianta esconder de ninguém nem criar desculpas para se justificar. Por isso recomendo-lhe mais uma vez — pense, pense muito, e o faça, agora que conhece a verdade, com muito mais intensidade e franqueza, pois de tudo sabemos! Quando conseguir pensar e analisar todos os seus atos, reconhecendo em cada um somente a verdade de fato, estaremos prontos a auxiliá-la e retirá-la dessa vida na qual tem estado mergulhada. Receber ajuda, mudar para um lugar melhor, vai depender apenas de si mesma. Nós estaremos aqui dispostos a ajudá-la que para isso viemos.

Diante destas últimas palavras, ela calou-se, mas sua mente passou a trabalhar muito, começando por compreender que não estava vivendo entre os da Terra, e, com certeza, por tudo o que havia passado e visto até então, estaria no inferno.

Não era fácil para quem possuía, arraigados em si, determinados comportamentos e atitudes, resultado de um modo de pensar e agir durante tantos anos - os de encarnada e os de desencarnada que nada mudara - transformar-se de um momento para outro.

É verdade que ela se espojara ao chão e pedira o auxílio de Deus para ser retirada daquela situação, mostrando-lhe um novo caminho onde pudesse ter um pouco de paz. Todavia, seria suficiente o pedir, conservando no íntimo os mesmos sentimentos de revolta? Aquela voz que se lhe assemelhava a de um julgador, lhe dissera que não era suficiente, através de tudo o que lhe explicou e do que lhe aconselhou.

Sem a reflexão, sem a conclusão por si mesma de como conduzira sua vida, fazendo sofrer a tantos por convicções equivocadas que

cristalizara em seu Espírito, o seu pedido não poderia ser satisfeito. Levassem-na onde fosse e lhe proporcionassem um ambiente de paz e amor, prosseguiria do mesmo modo, até destratando aqueles que se empenhavam por ela.

Por isso, a reflexão era necessária. Não era a intransigência devolvida ao seu Espírito, a que ela sempre tivera para com todos, mas um auxílio. Sim, o auxílio a si mesma, como resultado do desejo de deixar aquele local de sombras assustadoras. Se ela promovesse, em seu próprio benefício, o que lhe estava sendo aconselhado, com certeza chegaria a conclusões benéficas e, quando fosse levada, o seria modificada.

Ela precisaria pensar em todas as suas atitudes de encarnada, o que fizera com o esposo e o abandono afetivo em que deixara os filhos, para compreender que tudo isso era a causa do que estava passando e do local onde se encontrava.

Deveria pensar que, se estava num lugar tão sombrio, de tanto sofrimento, outros melhores deveriam existir, como lhe fora oferecido. E se outros melhores havia, os que a eles tinham direito, era porque agiram de modo diferente enquanto na Terra.

Deveria pensar que, enquanto encarnados, escolhemos — é fora de dúvida - o nosso modo de vida e conduzimos nossas ações como melhor nos apraz, pelo uso do livre-arbítrio, mas deveria também, acima de tudo, deduzir que, para cada ação há uma reação, que isso não foge à regra. O caminho por onde enveredamos durante a nossa existência terrena, é o que nos leva ao nosso local de direito, ao desencarnarmos.

Durante o transcorrer de nossa vida, as nossas ações são as nossas condutoras, o nosso guia, e assim vamos caminhando, caminhando... Ao desencarnarmos - o final da caminhada terrena - o nosso ponto de parada está todo à nossa frente, com lugares diversificados, dependendo do ramo que nós mesmos escolhemos. Se preferimos o caminho do bem e do amor, se colocamos em prática, durante toda a caminhada, os ensinamentos que Jesus nos deixou, somos agraciados com um lugar de paz, onde as claridades que nós próprios espalhamos estarão brilhando em tomo de nós.

Entretanto, podemos preferir outros caminhos, aqueles que levam aos outros o sofrimento pela nossa incompreensão, pelas nossas atitudes radicalizadas, fechando-nos em nós mesmos, como se ninguém mais existisse além de nós. E, ao terminarmos a caminhada terrena, não poderemos encontrar ninguém nos aguardando para nos amparar, porque não fizemos por merecer. Não encontraremos claridade porque não a espalhamos pelos nossos caminhos; nos depararemos com lugares íngremes e sombras escuras que serão nossas companheiras, fazendo-nos sofrer, até que, mesmo mentalmente, com vagar e analisando cada ponto, retomemos pelo mesmo caminho, reconhecendo a quantos deixamos feridos, a quantos ofendemos, prejudicando-os; a quantos deixamos de demonstrar um pouco de afeto, a quantos com os quais fomos intransigentes.

Após, quando todo esse reconhecimento fizer parte do nosso Espírito, e o firme propósito de mudar tomar conta de nós, sentindo até o desejo de pedir perdão aos que ofendemos, seremos ajudados e retirados daquelas sombras assustadoras.

Deus, na sua infinita misericórdia e bondade, sempre nos dá oportunidades, mas a sua lei se cumpre. Assim, mesmo amparados e reencaminhados, não estaremos isentos de ressarcir os males que fizemos aos outros, até compreendermos que foi a nós mesmos que o fizemos.

Aquela senhora teria ainda algum tempo para a reflexão.

Uma oportunidade lhe estava sendo oferecida e ali, onde se encontrava, ninguém a perturbaria, nenhuma sombra a atemorizaria nem se mostraria sarcástica. Ela estaria em plena solidão - aquela necessária para que não dispersasse o pensamento com o que estava a seu redor, mas o voltasse todo para si mesma. Só assim seria possível uma análise bem feita.

Talvez ainda demorasse algum tempo até que reconhecesse suas ações, porque, de início, mesmo pensando cuidadosamente em toda a sua existência, iria dar muitas justificativas a si mesma, para demonstrar que havia agido corretamente. Aos poucos, porém, à medida que fosse verificando que a sua situação não mudava, e ela continuava no mesmo lugar, refaria mentalmente toda a sua existência terrena, ajustando os seus pensamentos, não com olhos egoístas mas com a realidade, e ela iria compreendendo. Quando assim tivesse refeito toda a sua vida e entendido, seria levada e tratada, e muitas surpresas ainda encontraria.

Quanto tempo passou naquele lugar isolado, não sabia dizer. Perdera, desde que deixara a Terra, a noção do tempo. A noite e o dia se confundiam pelas sombras e ali ela continuava.

As palavras ouvidas, permaneceram em seu Espírito. A princípio, a sua simples lembrança causava-lhe uma certa cólera.

Por que todas as suas atitudes, tudo o que passara em sua vida era do conhecimento de mais alguém que nem sequer conseguia ver, revelando detalhes dos quais só ela tinha conhecimento?

Por que ela, que se fechara em seu sofrimento e sempre se julgara uma vítima, não da fatalidade mas do próprio marido, era acusada de culpada? Por que de vítima se transformara em algoz? Quem a julgava? Por que teria de sofrer ainda se já sofrerá tanto?

A princípio, o entendimento lhe estava sendo difícil. Mesmo com o passar do tempo, conforme o previsto, nada acontecia de bom e ela estava esquecida no mesmo lugar.

Não estava ela dando um rumo certo aos seus pensamentos?

Aos poucos, com bastante vagar e até um pouco de receio, começou a modificar as suas reflexões, não como convicções adquiridas, mas como indagações.

Teria estado errada durante toda a sua vida? Teria feito um julgamento errôneo, ao responsabilizar o marido pela morte do seu querido filhinho?

Onde estaria a verdade?

Seria aquela que o marido lhe afirmara, e ela se recusara a aceitar naquele momento de desespero, e nunca a admitira até o final de seus dias?

E o que fizera ao culpá-lo?

Também, como poderia conviver com um assassino sem piedade, que deixara o filho morrer? Se o expulsara de casa, e ele, submisso, cansado de se justificar, partira sem nem levar suas roupas, onde estaria a verdade?

Ela não queria vê-lo nunca mais, para evitar lembranças daquela hora de dor suprema, mas, mesmo sem a sua presença, o conseguira?

E os filhos que restaram, eram culpados também do que havia acontecido para terem sido tratados com tanta indiferença como o foram a vida toda?

Como fazer, porém, se o outro não estava mais em sua companhia, ele que também poderia ter crescido belo e saudável?

Ah, quantos pensamentos perpassaram-lhe a mente, e quanto tempo levou com tantas indagações!

Se para elas não tinham as respostas, ao menos algum indício de que não havia agido corretamente, começava a adentrar-lhe o coração.

Após muito tempo, ao rogar que desejava a verdade e que, se erros houvera em seu julgamento, ela já os havia saldado por tanto sofrimento experimentado depois que deixara o lar, aquela luz tomou a brilhar. Esperançosa, mas com mais humildade, ela implorou:

— Se você sabe de todos os acontecimentos, como já o demonstrou, fale-me, prove-me que eu estive errada durante toda a minha vida! Se sofrimentos deveria passar por isso, já os passei. Leve-me, indique-me um caminho de paz, ao final do qual eu possa deparar-me com toda a verdade, a mesma que sempre recusei, que quero me redimir! Ajude-me a sair deste sofrimento, agora muito mais intenso porque não é mais só voltado para os outros, como demonstração de revolta e incompreensão, mas para mim mesma, e as dúvidas e receios fazem-me sofrer mais! Tome-me pelo tempo em que fui boa e tinha esperanças, lembre-se dessa época e auxilie-me!

Passados alguns instantes, sem que nenhuma palavra lhe fosse dirigida, e ela, que estivera todo aquele tempo da rogativa com os olhos fechados, ao abri-los, teve uma grande surpresa.

Não mais havia aquela paisagem de sombras esfumadas ao seu redor, mas uma outra mais agradável. Ela mesma, que até então estivera em andrajos, se surpreendeu mais bem composta.

Admirada, exclamou:

— Eu deixei o inferno, meu Deus! Obrigada por ter me ajudado, por ter ouvido os meus rogos! Auxilie-me agora, mais uma vez, não me

deixe sozinha novamente!

— A senhora não está sozinha! Era preciso que assim a deixasse por alguns instantes para ver sua manifestação.

Ao mesmo tempo em que ouvia a voz, uma senhora de aspecto bondoso se lhe apresentou à frente e, com as mãos estendidas, continuou a lhe dizer:

— Chegou a hora da senhora ter um pouco de paz, como vem pedindo. Eu a levarei para um repouso que é o de que mais necessita neste momento. Depois, muitas surpresas lhe estarão reservadas para um recomeço. Venha, não tenha receio!

Como se encontravam já nas imediações de um posto socorrista, as duas caminharam um pouco e, ao chegar, foi levada a um quarto, colocada deitada e lhe foi transmitido um passe - primeira providência necessária e urgente - para que dormisse.

Muito tempo ainda estaria dormindo, ausente de si mesma, a fim de que a sua recomposição primeira se fizesse, e pudesse, após, ser levada a uma Colônia, dando continuidade ao tratamento pelo qual todos os que deixam a Terra precisam passar, mais dia menos dia, e sobretudo com muito mais intensidade aqueles que mais transgrediram.

5 MOVAS FASES

Algumas semanas Virgínia passou em repouso absoluto, possível apenas através do sono que lhe fora provocado, para que nenhuma lembrança lhe acudisse à mente revivendo mágoas, amarguras e atitudes passadas decorrentes delas, interferindo no que pretendiam.

Quando aquele período fosse considerado suficiente, a despertariam, e uma nova fase se iniciaria. Talvez a mais penosa para ela quando se deparasse com os verdadeiros fatos e tomasse consciência, sem que ninguém lhe dissesse ou apontasse o rumo errado que dera à sua vida, impondo atitudes e comportamentos aos outros como resultado das suas convicções errôneas.

Aí começaria o período verdadeiramente difícil para ela, porque todo o julgamento partiria da sua própria consciência, como o mais profundo remorso.

Sua vida toda poderia ter sido diferente junto do marido e dos dois outros filhos, com outros que pudessem ter chegado. Teriam vivido da união familiar, da compreensão, do auxílio mútuo, uma vida mais feliz. Ela não teria se afastado tanto do que levava como tarefas, provas e resgates, e não teria sido a causa de que outros também, sobretudo o marido, não cumprisse a sua programação de vida, porque, resgates, os realizou mais do que era esperado para aquela encarnação. E levava, ao partir, um saldo bastante benéfico ao seu Espírito, por tanto sofrer e pela forma como se conduzira, tão arrasado pela vida o fora.

Quando ele tomou conhecimento, no Mundo Espiritual, de que já não pertencia ao orbe terrestre, que já cumprira suas provas, pôde ver e compreender, pelo grande bem-estar que sentia após os primeiros recursos que foram utilizados a seu benefício, o quanto o seu Espírito levava em conquistas. O quanto era merecedor de todas as atenções de que estava sendo alvo, comuns a todos os que também o são de recebê-las logo que deixam o corpo físico.

O tempo que vivera em solidão, lutando pela sua sobrevivência, com o coração ferido e a alma sangrando, poderia ter sido diferente. Ele poderia ter retomado à profissão e vivido tão somente do produto do seu trabalho, sem ter se entregado ao sofrimento, mas sentia-se tão abalado que não tivera coragem de reagir.

E, mesmo assim, dentro das condições em que passou a viver, procurou retirar da Terra algum pouco para a sua subsistência. O que pedia era pouco, apenas o necessário para cobrir o corpo e para não morrer de fome, quando o que plantava não lhe era suficiente. Nunca aborrecera ninguém, nunca perturbara a ordem nem se imiscuira em locais degradantes, e sempre se mantivera íntegro, mesmo em meio a tantas dificuldades. Por isso, tinha os seus méritos. E hoje, na mesma Colônia para onde sua esposa seria levada, depois de deixar o posto socorrista, gozava de boas condições e realizava o seu trabalho.

Se na Terra, após o acontecido ele se abandonara a si mesmo, hoje era diligente e sentia-se feliz em poder auxiliar os que ainda se encontravam em situação de maior dificuldade. Em relação à esposa, logo que soubera da sua partida, também se dispusera a ajudá-la, mas não lhe foi permitido.

— Nós sabemos a hora certa de ela receber o auxílio. De nada adiantaria precipitar o que deve vir a seu tempo, para não perdermos trabalho. O senhor a conheceu bem, sofreu todas as consequências do que ela lhe imputou e sabe não será trazendo-a para cá, como ainda se encontra, que irá se modificar instantaneamente. Ela terá que fazê-lo aos poucos e por sua própria vontade, voltando-se a Deus, cujos desígnios sempre desprezou e, arrependida e mais consciente do que fez, pedir ajuda. Mesmo assim, quando isso acontecer, teremos que ir com cuidado para obtermos êxito. — Explicou-lhe um seu superior, quando ele o procurou pretendendo ampará-la.

Na verdade, Geraldo lembrou-se destas palavras muitos anos depois, quando soube, chegara o momento de lhe proporcionarem o auxílio, porque ela mesma o pedira, e de ser trazida, no devido tempo, à mesma Colônia onde se encontrava. Quando esse dia chegasse, o sofrimento, tão somente ele, seria o móbil da sua transformação, ninguém mais. Prosseguindo nas suas recordações, lembrou que o mesmo orientador, na ocasião, falou-lhe:

— Já imaginou se ela o vir a seu lado, querendo ajudá-la? Recusará toda e qualquer ajuda que parta do senhor e ainda se revoltará, retardando o que esperamos, um dia aconteça.

Depois de algum tempo, quando perceberam, ela teria condições de se defrontar com a verdadeira vida que é a do Espírito, a despertaram. Quantos dias, quantos meses ficara adormecida, não havia necessidade de lhe dizer que não era importante. Diante da eternidade do Espírito o que menos conta é o tempo, mas tão somente o que ele representa para que feridas sejam amenizadas, culpas redimidas, aprendizado efetuado, num feixe que leva ao progresso.

Entretanto aquela senhora, ao ser despertada, esquecida do muito que levava, dos sofrimentos pelos quais passara perdida de si mesma, seria trabalhada de tal forma para que cada lembrança retomasse no tempo devido, fazendo-a meditar, até que um dia, teria toda a verdade. Não que alguém lhe contasse procurando convencê-la, mas, se fosse possível, se depararia com o próprio filho — cuja morte fora causa de toda a sua transformação - e ele próprio a faria ver o quanto estivera errada a vida toda.

Esse momento, porém, ainda não estava tão próximo. Teria a sua hora certa para que fosse eficaz e alcançassem os objetivos a que se propunham. Ainda mais, onde ela se encontrava não era o lugar adequado para isso. O posto socorrista está preparado e equipado para os primeiros socorros, os mais urgentes que podem transmitir um pouco de paz ao Espírito, e o conscientiza da sua verdadeira condição, mas nada lhe revela. Somente o prepara para as revelações que são realizadas em outro local - nas Colônias para onde são levados quando uma nova fase se inicia na vida do Espírito, e nas quais, quando em condições, também auxiliam e se preparam para nova existência.

Tratada com carinho e ainda trazendo algumas das lembranças do período post-mortem do corpo, mais algum tempo passou até que entenderam, ela poderia ser levada. Explicado lhe foi o que fariam para que não se surpreendesse e não deixasse perder, talvez, todo aquele tempo de preparação, e novamente a adormeceram para ser transportada. Não seria conveniente que a levassem desperta porque ainda não tinha condições de conhecer o que estava ao seu redor, evitando perguntas, as mais das vezes de respostas incompreensíveis para o estágio em que se encontrava.

Geraldo tinha conhecimento do que acontecia e ansioso aguardava. Não se mostrava indiferente mas fazia questão de estar a par de tudo e, pela bondade que expressava em forma de interesse, sabia quando fora despertada e também quando seria trazida.

Entretanto, recomendaram-lhe que se mantivesse à distância. Ainda não era o momento de se apresentar para que lembranças que ela considerava desagradáveis e causa de todo o seu sofrimento, não retomassem, desajustando novamente a sua constituição espiritual.

Quando soube que ela já se encontrava na mesma Colônia que o abrigava há tantos anos e para a qual ele prestava seus préstimos, mesmo

aguardando aquele momento, transtornou-se. Ele não poderia apresentar-se a ela, mas como ainda dormia, pediu autorização para vê-la.

— O seu trabalho entre nós tem sido importante pela ajuda que presta aos necessitados, e pelas suas tarefas bem cumpridas, mas não deve antecipar momentos. De nada lhe adiantaria vê-la agora, nem a ela própria. Mesmo dormindo ela poderá captar a sua presença, despertando. A ocasião adequada e propícia chegará de forma benéfica a ambos, sem desequilíbrios nem ressentimentos. Portanto, saiba aguardar! Quando menos esperar, se deparará com ela. O senhor, sabemos, está equilibrado, mas não podemos prever a reação que ela terá! Deixe, pois, os acontecimentos a eles mesmos, que, acima de nós, da nossa vontade, temos o nosso Pai Supremo que rege a nossa vida e sabe o que é melhor para nós e a hora que pode acontecer o que tanto desejamos. Entregue-se a Deus, cumpra as suas tarefas, instrua-se e ore, para que tudo aconteça conforme desejamos e esperamos, sobretudo a ela que é tão necessitada. Ela será trabalhada e preparada, sem saber que o senhor aqui se encontra, a fim de que nada interfira na sua recomposição nem o receio de encontrá-lo tome conta de seu Espírito.

— Eu entendo e agradeço as explicações. Por mais nos preparemos, sempre temos o que aprender, colocando-nos à distância dos sentimentos e emoções, para que nada venha em nosso prejuízo ou daquele que desejamos auxiliar.

— Já que começamos esta conversa, e como conhecedor de tudo o que lhe aconteceu e dos sofrimentos e humilhações por que passou, eu lhe pergunto: — O senhor ainda a ama?

Um tanto desconcertado, Geraldo abaixou a cabeça mas, sabendo que sentimentos não se ocultam, ainda mais dos que já têm uma certa elevação espiritual, ergueu a cabeça e respondeu:

— Eu a amei muito e a vida em família, dentro da casa que construímos com tanto amor e esperanças, era tudo o que eu possuía e alegrava-me a existência, mas depois...

— É justamente o depois que desejo saber!

— A senhora sabe e não há necessidade de eu revelar!

— Se perguntei é porque quero ouvir de sua própria voz, far-lhe-á bem! Será como fazer emergir de si mesmo o que traz guardado em seu íntimo. É bom falar dos nossos sentimentos, sejam eles quais forem. Se falamos de amor, o nosso entusiasmo, a nossa ternura em relação ao ser, objeto desse amor, parece que o temos aumentado. Se falamos de mágoas e ressentimentos—pela bondade de Deus - temo-los diminuídos. Fale, pois!

Foi muito difícil, mas, com o passar do tempo, tendo a solidão como companheira e amiga, às vezes, e meu algoz, outras, procurei compreendê-la e não lhe tinha ressentimento. A distância faz com que mágoas se amenizem e procuremos analisar os acontecimentos e as pessoas neles envolvidas e compreendê-las. Sabemos, cada um abriga no Espírito condições diferentes e não sabe suportar a mesma adversidade que outro, com serenidade e equilíbrio. Entretanto, eu nunca retomei. Não sabia se ela ainda abrigava aquele mesmo ódio que demonstrou por mim, acusando-me e expulsando-me de casa, ou se o tempo a fizera refletir e havia modificado o seu modo de pensar. E eu, sem nunca lhe ter dado notícias nem a procurado mais, não lhe dera chance de me pedir perdão. Não sabia o que se passava e nunca tive vontade de voltar com receio de ser novamente humilhado.

— Agora, porém, o senhor já sabe, até pelos sofrimentos que ela passou, pelo tempo que deixou seu corpo na Terra, que nada mudou em seu íntimo. Ao contrário, cristalizou-o na dor, vivendo uma vida de lembranças amargas, fechando-se em si mesma, não aceitando nem o carinho dos outros filhos que cresceram num ambiente de tristezas, amarguras, irritação e azedume.

— Sei de tudo, mas desejo, mesmo assim, se for benéfico a ela, auxiliá-la.

— No momento certo vocês se encontrarão e, dependendo da reação dela, o senhor saberá se poderá ajudá-la ou não.

Algum tempo mais passou. Geraldo mantinha-se informado de como estava ocorrendo o tratamento da então sua esposa e já sabia, logo ela seria novamente despertada para o início de outra fase, aquela em que se depararia com a própria consciência com toda a carga que trazia.

O receio, porém, era que, ao acontecer, esquecida de tudo o que recebera e do que ela própria implorara, vendo-se num ambiente agradável e bem tratada, retomasse sua mente àquele mesmo ponto em que a cristalizara no passado. Era uma possibilidade com a qual deveriam contar, mas, após tanto empenho e tantos cuidados, esperavam que ela despertasse diferente e nada ocorresse conforme temiam.

Numa manhã, talvez mais bela para os que trabalhavam com amor e desejavam ver seu trabalho coroado de êxito, uma conversa foi travada entre os que a auxiliavam:

— E hoje, então?

— Sim, hoje teremos a comprovação da eficiência do nosso esforço!

— Não se esqueça de que os resultados não dependem só da nossa capacidade de trabalho, nem do amor que colocamos em nossas tarefas, porque não trabalhamos sozinhos!

— Tem razão! O trabalho, o amor são dirigidos a irmãos nossos necessitados, que nem sempre correspondem à nossa expectativa de bons resultados, ao amor que lhe dedicamos.

— A eficiência do trabalho e a receptividade que teve em seu Espírito, somente depois é que verificaremos!

— Nós o faremos sozinhos ou alguém mais nos auxiliará, diante da delicadeza do caso?

— Irmã Jacobina virá em seguida e estará conosco, não só no despertar em si, mas no que for necessário após, quando ela fizer indagações.

— Assim me sinto mais seguro e confiante!

Ao final desta conversa que travavam a certa distância do leito de Virgínia, Irmã Jacobina entrou, com o seu sorriso de amor dirigido a todos os que ali se encontravam, dizendo:

— O Pai reservou-nos, nesta manhã, mais uma tarefa de amor, e vamos realizá-la em conjunto com a dedicação que faz parte do nosso modo de trabalho. Não tenha receio de nada.

— Estamos já habituados à sistemática do trabalho, mas sempre recebemos pela surpresa que poderemos ter. A senhora sabe, irmã Virgínia é muito difícil, trouxe no Espírito muitas marcas, a maior parte delas provocadas por si mesma, e quando assim acontece, o despertar é como abrir uma caixa de surpresas - nunca sabemos o que vamos encontrar!

— Seja como for o seu despertar, confiemos no Pai que nunca nos desamparou! Encontramos, às vezes, casos mais difíceis que outros, é verdade, mas justamente nesses é que mostramos a eficiência do nosso trabalho e toda a carga de amor que acumulamos em nós para ser distribuído aos que necessitam. Há irmãos nossos que despertam tranquilamente e, agradecidos, facilitam o nosso trabalho, mas têm do mesmo modo o nosso amor, mas outros precisam tê-lo em muito maior dose, pois são os mais necessitados. Lembrem-se das palavras do nosso Mestre Jesus - *Não são os que gozam saúde que precisam de médico*. Nós nos faremos em médicos espirituais, em irmãos dedicados, em filhos, em pais, o que for mais adequado e requerido a cada caso, para conseguirmos os nossos objetivos que é encaminhá-los para esse mesmo Jesus que ama a todos do mesmo modo - os bons e os maus. Vamos, pois, ao trabalho. Oremos a Deus para que Ele nos auxilie, que tudo transcorrerá tranquilamente!

O pequeno grupo comandado por Irmã Jacobina encaminhou-se em direção ao leito de Virgínia, e, circundando-o aplicaram-lhe um passe, no qual colocaram todo o amor que possuíam, e o faziam em nome de Jesus.

Após, Irmã Jacobina, à cabeceira, colocou as mãos sobre a fronte da paciente e chamou-a com doçura:

— Irmã Virgínia, desperte! Aqui estamos para recebê-la com muito amor, com todo o amor que o nosso coração abriga, para que o seu despertar seja sereno e perceba esse sentimento que lhe dirigimos. Que esteja calma, tranqüila, para que, com muita paz, possa recomeçar entre nós! Desperte, irmã, desperte!

Após alguns apelos, apoiada nas preces de todos ao redor do leito, ela abriu os olhos, olhou para Irmã Jacobina, olhou para todos os outros, e,

num primeiro momento, esquecida de que já possuía o conhecimento de que deixara a Terra, esquecida de tanto sofrimento que enfrentara naquele ambiente sombrio no qual se vira mergulhada, e esquecida até do auxílio que já recebera no posto socorrista, indagou:

— O que aconteceu? Onde estou?

Irmã Jacobina adiantou-se na resposta e disse-lhe:

— Está entre nós, que a tratamos com amor para que se recuperasse de um período de dificuldades e sofrimentos.

— Estou num hospital?

— Se assim entende melhor, lhe direi que sim, mas um hospital que promove o auxílio ao Espírito a fim de que se refaça e sinta-se em paz!

— O que houve? Não me lembro de nada!

— Aos poucos se lembrará de tudo. Agora não é conveniente que o faça, mas posso esclarecer-lhe que a senhora vive no Mundo Espiritual, entre os que já deixaram o corpo na Terra.

Ao ouvir estas palavras, ela arregalou os olhos e, de supetão, ergueu o tronco, sentando na cama, olhando todos ao seu redor, bastante espantada:

— Lembrei-me! Lembrei-me! Eu me senti mal durante a noite, tentei levantar-me mas não consegui, e fiquei ali mesmo, só, sem ninguém.

— Não tenha essas lembranças ! Não deixe que interfiram no seu restabelecimento.

— Que lugar é este?

— Já lhe expliquei, é o lugar para onde são trazidos aqueles que deixaram a Terra!

— Quando a deixei? Não me lembro!

— Não é importante ! Procure ficar em paz, que, aos poucos, todas as lembranças lhe acudirão à mente, até ter toda a totalidade da sua existência na Terra, quanto a do período que enfrentou depois.

— Por que me tratam com carinho?

— ‘ Porque a senhora é uma irmã nossa em Jesus, e dispensamos esse tratamento a todos os irmãos trazidos aos nossos cuidados. Procure descansar e não se preocupe com lembranças. Cada uma virá a seu tempo!

Com muito cuidado, Irmã Jacobina, tocando os ombros de Virgínia, colocou-a deitada novamente, recomendando-lhe mais uma vez que estivesse serena. Logo deixaria o leito e poderia realizar passeios pelos parques e jardins daquela Colônia que a abrigava. Calada, ela permaneceu deitada olhando ao seu redor. Irmã Jacobina dispensou todos os que ali se encontravam para auxiliá-la, dizendo que logo estaria de volta para vê-la, e retirou-se também.

Uma nova fase iniciava-se para aquele Espírito que muito já sofrerá em densas sombras, mas que soubera, no auge do sofrimento, dirigir-se a Deus em súplica e foi ajudada.

Algum tempo ainda passaria no leito. Depois, seria levada a pequenos passeios, e, aos poucos, esclarecida de todos os acontecimentos que a envolveram durante a sua existência terrena. Seria lembrada da postura que mantivera diante da vida e dos familiares, sem que ninguém a julgasse mas apenas a elucidasse, à medida que as lembranças fossem retomando, em forma de ensinamentos e orientações.

Aos poucos também ela iria compreendendo, até que tivesse, ao final de todas as recordações, a verdade plena do acontecimento que fora o marco e a causa da sua transformação em forma de desequilíbrio, e lamentaria o tempo que perdera da convivência dos que lhe foram caros. Ai nada poderia ser refeito que não se refaz um passado, apenas se aprende para que, num futuro, não se repitam as mesmas ações, os mesmos comportamentos. E o que ela faria, se realmente cada esclarecimento que recebesse fosse integrado ao seu Espírito como conhecimento adquirido. Só assim Virgínia se prepararia para uma futura encarnação, para ter condições de enfrentar os problemas e vicissitudes da vida com mais equilíbrio.

6 RENITÊNCIA

A nossa vida de encarnado é plena de momentos que se sucedem - alguns alegres e felizes, mas outros tristes e de muita dor.

Se aqui estamos em caminhada terrena permitida pelo Pai, convivendo com aqueles que foram colocados conosco, seja na condição de parentesco ou de amizade, teremos que saber enfrentar esses momentos com o equilíbrio necessário - nos bons e felizes, com alegria equilibrada, para não os transformarmos em momentos infelizes. Mas, nos adversos, precisamos também e muito mais da sensatez e do discernimento, para saber enfrentá-los mesmo sofrendo, seja em razão de problemas conosco ou com aqueles que nos são caros e nos afetam, às vezes, muito mais.

Neste orbe todos sofrem porque aqui não viemos a passeio. A Terra não se faz como um parque de diversões, mas como um verdadeiro campo de lutas, com períodos de batalhas, mas também com os de tréguas.

Se assim não fosse, pelo próprio estágio em que nos encontramos espiritualmente, aqui não estaríamos. A bondade de Deus, porém, não solta seus filhos nesse campo sem uma proteção e um preparo anterior para que percam todas as batalhas, não! Esse Pai bondoso quer seus filhos todos vencedores, para poderem comemorar em sua companhia, a vitória alcançada. Saibamos, pois, lutar e vencer, que esta deve ser a nossa meta como Espíritos imortais e endividados como ainda o somos. Que em cada batalha aprendamos a lutar cada vez melhor, para que tenhamos somente vitórias. São das vitórias conquistadas neste campo de lutas que teremos os louros para nosso Espírito, que se desfaz de compromissos, aprende e progride. E também, não se pode esquecer que, durante as lutas, sempre encontramos companheiros mais inexperientes e que já foram mais atingidos que nós e precisam de auxílio. Auxiliemo-los, pois, sempre, amparando, esclarecendo, ensinando e estendendo-lhes as mãos para que todos caminhem conosco a fim de que não nos sintamos sós em nossos momentos de dor. Quanto mais auxílio, compreensão e amor espalharmos, mais os receberemos para nós mesmos.

Daí por diante, aquela que fora trazida para completar o seu refazimento com a plena consciência de toda a sua última experiência terrena, do que havia enfrentado depois, por um tempo que não sabia quanto, e do auxílio que recebera no posto socorrista, passava por períodos de sono e períodos de vigília. Nessas alternâncias, tanto induzida quanto de modo espontâneo mas permitido porque era necessário, ela foi tendo a totalidade de todas as lembranças. E, aos poucos, foi parar naquele ponto, causa da sua transformação, aquele no qual se fixara como se após, nada nem ninguém tivesse tido importância nem valor para ela, e inquietou-se bastante, despertando a preocupação dos que dela cuidavam.

Como Irmã Jacobina era uma criatura sempre presente, ninguém se apressou em chamá-la, pois sabiam, logo ali estaria e não havia necessidade de retirá-la de suas atividades. Por isso apenas transmitiram-lhe passes reconfortantes, acalmando-a um pouco.

Quando ela chegou e aproximou-se do leito, percebeu que algum fato estranho havia ocorrido e, olhando para um auxiliar que acompanhava Virgínia, indagou:

— Como aconteceu?

Ele narrou-lhe o que presenciara, porém, não tinha ainda a habilidade para captar o que estava se passando no íntimo da recuperanda. Irmã Jacobina, percebendo, logo pensou: — Era o que esperávamos! O momento chegou!

Um tanto sonolenta, Virgínia abriu os olhos ao sentir as mãos delicadas da irmã sobre sua cabeça, e indagou:

— Onde ele está?

— A quem se refere?

— Ao meu filhinho! Onde ele está? Sei que não estou mais na Terra e se continuo vivendo, ele também deve estar vivo! Onde ele se encontra?

— Agora não é o momento de falarmos sobre isso! Depois que estiver totalmente restabelecida, conversaremos bastante.

— Eu quero levantar-me ! — exclamou ela, mais ativa depois que entabulara conversa com a bondosa irmã que a auxiliava.

— Mais tarde, talvez! Vejo-a um pouco ansiosa, e isso não deve acontecer. Esteja calma, repouse, por ora, que lhe fará bem! Agora não é o momento!

— Mas eu quero levantar-me, preciso saber de meu filhinho! s! tomou ela demonstrando certa irritação.

Irmã Jacobina não poderia deixá-la desequilibrar-se para não retornar ao que já fora um dia, e precisou usar de energia. Com o mesmo tom que ela exigira a satisfação da sua vontade, disse-lhe que lá, entre eles, nada acontecia antes do momento certo. Que se acalmasse e soubesse esperar. Eles estavam promovendo a sua recuperação para o seu próprio bem e ela não podia exigir nada, mas apenas aceitar. Ali trabalhavam em nome de Deus e de Jesus, com a melhor das intenções. Quando chegasse o momento, nada precisaria pedir que permitiriam o que ela já estivesse em condições de enfrentar.

Um tanto envergonhada, reconhecendo que Irmã Jacobina tinha razão por tantas e tantas demonstrações de interesse e bondade, Virgínia acalmou-se e, quando a bondosa irmã completou suas palavras, falou:

— Desculpe-me! Sei que me excedi e não tinha o direito. Procurarei ficar calma e esperar. Mas a dor da saudade é muito grande.

— Nada devo dizer-lhe agora porque já falei o necessário e urgente para o momento, mas voltaremos a conversar sobre esse assunto. Tenho muito a lhe dizer.

Irmã Jacobina fez menção de sair, mas Virgínia, antes que ela deixasse a sua companhia, indagou:

— Quando poderei deixar o leito?

— Assim que estiver bem para caminhar.

— Eu já me sinto bem para isso! Estou cansada de ficar nesta cama!

— Amanhã de manhã a senhora se levantará e eu mesma conduzirei seus primeiros passos.

— Por que antes de ser recolhida eu tinha condições de deambular e andei tanto tempo perdida de mim mesma numa região tão feia e sombria?

— Aquela foi uma outra época! Seu Espírito se encontrava ainda muito apegado, à Terra, como se estivesse encarnado, no que respeita às energias que trazia. Agora é diferente, está sendo tratada para que, ao readquirir todo o seu equilíbrio, o tenha como um estado permanente em seu Espírito, e não transitório, melhorando sempre cada vez mais, à medida que se aplicar ao estudo e a alguma tarefa, até que precise retomar. Por isso estamos cuidando da senhora com carinho e queremos vê-la bem, sem recaídas, razão pela qual, às vezes, precisamos usar de energia. Bem, falei além do que devia, e não sei se a senhora me entendeu, mas, a seu tempo, terá outras explicações.

Conforme o prometido, na manhã seguinte, Irmã Jacobina foi ao leito de Virgínia para fazê-la levantar-se e acompanhá-la a um pequeno passeio. Com certa dificuldade, ela levantou-se, mas logo, apoiada na bondosa irmã, deu os primeiros passos. Porém, determinada como o era, e até um pouco obstinada, colocou toda a sua vontade no que realizava e pôde caminhar bem.

Quanto a Geraldo que realizava as suas atividades, foi recomendado que se mantivesse à distância naqueles primeiros dias em que ela deixaria o leito por algumas horas. Após, quando estivesse bem mais reequilibrada e fortalecida, o encontro se daria, ocasional como se apresentaria à Virgínia, porém, de bastante efeito. Contudo, antes que acontecesse, esses passeios teriam um outro objetivo que não somente a recuperação total de seu Espírito quanto ao cansaço e a debilidade, mas recuperá-lo em consciência. Para isso, Irmã Jacobina conduziria algumas conversas, induzindo-a a falar, a fim de que tivesse, de cada fala, de cada momento, a oportunidade de verificar como estava o seu íntimo em relação ao seu passado terreno. Transmitir-lhe-ia orientações e ensinamentos, para que ela mesma, aos poucos, sem que ninguém a julgasse ou lhe apontasse os erros, pudesse compreendê-los, para arrepender-se e tentar modificar-se. Depois que o arrependimento começasse a fazer parte do seu Espírito, aí, sim, seria a hora de encontrar-se com Geraldo.

Naquela manhã, após os primeiros passos depois de deixarem o quarto, Irmã Jacobina levou-a a sentar-se em um banco num pequeno jardim. O sol aquecia o ambiente dando maior brilho ao colorido das flores, proporcionando, também, àqueles que se refaziam, o calor suave da esperança.

— A senhora costumava fazer passeios assim, enquanto encarnada? Gostava de se dirigir a um jardim, sentar-se, admirar a Natureza que Deus criou para enfeitar a Terra e levar um pouco de beleza a seus filhos?

A princípio Virgínia não respondeu, como se seu pensamento, às palavras da irmã, tivesse se perdido no tempo. A bondosa irmã perguntou se havia ouvido, e ela, como que retomando, respondeu-lhe:

— A nossa vida, enquanto estamos na Terra, passa por muitas etapas.

— E verdade, irmã! Mas precisamos saber enfrentar cada uma, conscientes de que somos filhos de Deus que nos ama e faz sempre o melhor para nós. Por isso, seja em que etapa for, seja qual for o sofrimento ou as alegrias que nos estão sendo reservadas, precisamos saber vivê-las. Continue, irmã, o que começava a dizer, por favor!

— Lembrava-me do meu tempo de criança depois que me perguntou se gostava de ir aos jardins. Depois, da minha juventude cheia de sonhos, em que os jardins sempre fizeram parte da minha vida, com tudo o que podiam oferecer-me.

— E depois? Só os freqüentou enquanto criança e jovem? Pelo que sei, a senhora deixou a Terra em idade madura!

— Depois a vida me atraçou e eu perdi o encanto de tudo!

— Como? Não entendi, se acabei de dizer que em qualquer situação e circunstância, devemos saber apreciar a beleza da Natureza que nos circunda, e retirar dela o réconforte para o físico e para o Espírito. Sempre quando somos abatidos por algum acontecimento adverso é que precisamos mais desse conforto que ela nos proporciona. Parece que ela, ao ver-nos, absorve para si e deixa depois se diluir no ar um pouco do nosso sofrimento, e este último se toma menor. Se tivermos o hábito de realizar esses passeios diários, a cada dia vamos melhorando e logo nos recomporemos outra vez.

— A senhora não entendeu o que aconteceu comigo! Como poderia retomar aos jardins sem ele?

— Ele quem, irmã? A quem se refere? - indagou a paciente irmã, para que ela falasse, dando-lhe a oportunidade de ir lhe transmitindo esclarecimentos.

— Não desejo continuar este assunto ! Ao menos, hoje, não ! Quem sabe algum dia ainda lhe conte toda a minha história e a senhora me dará razão!

— A senhora tem todas as lembranças em sua totalidade? Lembra-se de tudo o que lhe aconteceu?

— Como se ainda estivesse vivendo aquele momento e todas as conseqüências dele, depois.

— Se não deseja falar, deixaremos para outra ocasião, amanhã, talvez ! O importante é que retenha toda a nossa conversa que irá auxiliá-la bastante. Se quiser entrar agora, nós o faremos, mas amanhã irei buscá-la para novo passeio, até que possa fazê-lo sozinha e se alongar mais pelos nossos outros jardins. Aí a senhora vai sentir, em toda a sua plenitude, os efeitos do que lhe falei. A nossa Natureza, aqui, é muito bela, muito mais bela que na Terra, e seus efeitos, mais eficazes. Tudo aqui é puro, ninguém a destrói nem a conspurca, e nós podemos aproveitá-la plenamente, como se tivesse acabado de sair das mãos de Deus.

Alguns dias mais aqueles passeios foram realizados, e Virgínia, sempre que Irmã Jacobina voltava ao assunto que não quisera prosseguir, recusava-se a falar.

— Não quero falar sobre ele. Recuso-me a reviver, pelas minhas próprias palavras, momentos de tanta dor.

A senhora mesma disse que tem toda a sua vida, com todos os acontecimentos em suas lembranças, como se os tivesse vivendo novamente! Se isso acontece, melhor será falar! Aliviará o seu coração e, quem sabe, eu poderei transmitir-lhe um conforto maior. Creio que a senhora tem me conhecido o suficiente para confiar em mim. Tem visto e sentido o meu empenho juntamente com todos, para proporcionar-lhes o melhor. Se insisto que o melhor será abrir o seu coração, mesmo que esteja cheio de mágoas, é para o seu próprio bem. Quando dividimos com alguém o

que nos faz sofrer, nosso sofrimento fica diminuído.

Virgínia ouvia calada, pensativa, quase se rendendo aos apelos da bondosa irmã. Mas até que se decidisse, Irmã Jacobina continuava:

— Não desejo que exponha as aflições de sua vida por curiosidade, que isso não faz parte de nós. Falo pela senhora mesma. Entretanto, como vacila, teme e se mantém renitente nesses seus princípios, eu posso afirmar-lhe, para que entenda, que o meu interesse é apenas fazê-la melhorar, livrando-se de tanta carga que retém no coração. Aqui, nada fica escondido de ninguém, sempre sabemos tudo, principalmente sobre os que estão sob nossos cuidados.

Ao ouvir que ela sabia o que se passava em seu íntimo, Virgínia, encarando-a, indagou:

—Então a senhora sabe que tive razão, que ninguém suporta o que suportei, e que a minha vida não poderia ter sido diferente?

— Pelo fato de saber o ponto de partida, a causa da sua modificação pelo resto da sua vida, as atitudes que tomou, a forma como viveu, não quer dizer que eu concorde com a senhora. Por isso desejo que fale! Da nossa conversa, muitos esclarecimentos poderão ser feitos e a senhora compreenderá melhor.

— A senhora já foi mãe, Irmã Jacobina?

— Como deve saber, não vivemos na Terra uma única vez, porque aqui está viva em Espírito e um dia retomará, como para lá já foi e retomou muitas vezes, assim como eu e todos os nossos irmãos, filhos de Deus. Se assim é, todas as mulheres, em uma ou outra encarnação, são mães. Todas levam, dentro de si, o instinto da maternidade em alto grau, mesmo que não sejam mães em qualquer uma das suas existências. Por isso, sua pergunta não tem razão de ser. Já fui mãe muitas e muitas vezes na Terra, e aqui, procuro ser a mãe mais dedicada e carinhosa de todos aqueles de quem cuido, da senhora também!

— Temos mais ou menos a mesma idade pelo que aparentamos. Não poderia fazer-se minha mãe!

— A senhora não entendeu as minhas palavras, mas não tem importância; a qualquer hora eu a esclarecerei melhor. Por ora digo-lhe apenas que o que importa, aqui, é o Espírito, com todos os sentimentos e virtudes que acumulou em toda a sua trajetória, e não a sua aparência, que pode modificar-se a qualquer momento!

—Então a senhora sabe que eu perdi o ser que mais amava em minha vida, de uma forma estúpida, por culpa de meu marido?

— Sabia que a senhora havia perdido um filhinho muito querido, como o são todos os filhos para todas as mães. Não sabia, porém, da causa da sua morte nem do culpado dela, porque aqui sabemos apenas a verdade, pois é ela que importa. Agora, o que os encarnados supõem, e das suas suposições passam a agir e a sofrer como consequência do que eles mesmos criam, eu não sabia.

— A que verdade a senhora se refere?

— Aquela que promoveu a volta do seu filhinho à Pátria Espiritual!

— O que quer dizer? Explique-se melhor!

— A senhora deve saber que cada Espírito que vai à Terra para viver uma nova experiência como encarnado, leva consigo uma programação para desenvolver. Alguns a cumprem num tempo mais longo, mas há outros que devem retomar logo, como foi o caso de seu filho. Ele nada pôde realizar nesse período, porque a sua permanência lá foi muito pequena, mas fazia parte da sua programação de vida. Por razões que a senhora ainda não está preparada para saber, seu Espírito levou como prova aquele momento difícil que teria de enfrentar, justamente para que conseguisse transpô-lo da melhor forma possível. Sabemos o quanto é doloroso, enquanto lá estamos, vermos arrancado de nossos braços um ser tão querido que é parte de nós mesmos. Todavia Deus, que visa ao Espírito, sempre faz o melhor para nós, não obstante muitas vezes achemos que Ele nos esqueceu. Se naquele momento o seu sofrimento foi muito atroz, o seu Espírito ressarcia débitos. E através da forma como a senhora conseguisse suportar o depois, prosseguindo a sua vida sem ele, embora tendo-o sempre no seu coração, que de um filho nunca se esquece, a programação que levou para desenvolver, teria sido cumprida. Mas, em virtude daquele acontecimento, a senhora não só deixou de cumprir o que lhe faltava, mas malbaratou toda a sua vida, ao ponto de ter assumido compromissos que a levaram àquelas regiões sombrias nas quais esteve por um longo tempo.

Virgínia, atenta, ouvia cada palavra da irmã, e quando as deu por encerradas, falou:

— Parece que a senhora sabe bastante a meu respeito mas ainda não sabe de tudo. A verdade só eu a tenho e não me arrependo de nada do que fiz, pois todas as minhas atitudes, eu as devia ao meu filhinho.

— Tem certeza do que afirma?

— Se não a tivesse, continuaria calada!

— Então a senhora tem certeza do que não viu, do qual não participou, e ainda culpou o seu marido? Já imaginou se a sua situação fosse invertida e seu filhinho estivesse com a senhora naquele momento e tivesse acontecido o mesmo?

— Comigo nunca teria acontecido!

— Por quê? A senhora se considera infalível? Não sabe que as crianças são, às vezes, rebeldes e não atendem aos apelos dos pais, e, de tão imprevidentes, fogem à mais apurada vigilância e o pior acontece sob seus olhos?

— Comigo nunca teria acontecido, repito! Lá não era lugar para Geraldo ter levado nosso filho!

— A senhora sabe o quanto ele era zeloso da sua profissão e muito competente. Se saiu para levar seu filho a um passeio enquanto a senhora cuidava dos pequeninos, e resolveu passar pela obra que dirigia, não pode acusá-lo de nada! Tudo interessa às crianças que são sempre muito ativas e curiosas, e o seu filhinho ficou contente de estar com o pai examinando o seu trabalho.

— Se ele não tivesse se descuidado, não teria acontecido!

—j Seu filho levava uma programação de vida muito curta,

e, se não tivesse ocorrido lá, teria sido em outras circunstâncias, mas sempre da mesma forma - repentina, chocante e inevitável como o foi!

— Não me conformo até hoje!

— Pois deveria, depois de tudo o que já conversamos! Deveria, também, começar a reviver mentalmente todos os seus atos, depois daquele acontecimento, para verificar o que a senhora fez da sua vida e da daqueles que lhe eram caros.

— Fiz o que mandava o meu coração! Com meu marido, não poderia conviver depois do que ele fez e, olhar para meus outros dois filhos, sem ver aquele que mais amava, era-me penoso, eu não conseguia.

— Pois então reconhece o que fez, só não reconhece que estava errada! A senhora já se encontrou com seu marido, algum dia, depois que também deixou a Terra?

— Nunca o vi nem desejo vê-lo!

— Se ele fosse tão culpado quanto imagina, não estaria nas mesmas regiões sombrias onde a senhora estagiou, uma vez que deixou a Terra um pouco antes da senhora? Pense nisso! A senhora o culpou, mas, diante de Deus, teria ele se apresentado como culpado? Já imaginou como foi a vida dele depois que o expulsou de sua casa? Privou-o da sua companhia que ele amava e de quem precisava compreensão, e privou-o da companhia dos filhinhos que também amava. Isto sem falarmos na falta que um pai faz aos filhos. Se a senhora o tivesse compreendido, o tempo cicatriza ferida e juntos, um apoiando o outro num auxílio mútuo, teriam vivido mais felizes e outros filhos poderiam ter chegado. A senhora talvez não saiba, mas ele, do momento em que deixou a sua casa, teve a vida completamente transformada. Nem o nome revelou a ninguém e era chamado de Desconhecido. Vivia só, numa quase choupana afastada da cidade, pedia o que lhe faltava, tão arrasado ficou, e tão incapaz se sentiu de continuar trabalhando. A sua vida ficou destruída e se a senhora lhe imputou culpas que ele não teve, certamente Deus, que tudo vê e sabe, lhe imputou as culpas que realmente teve, muitas das quais até já pagou. Pense, reflita, analise e deduza por si mesma, tendo por base tudo o que já conversamos. Depois me procure para continuarmos este assunto. Sem a reflexão, já vi que não adianta prosseguirmos, pois aqui o nosso tempo é precioso; há muitos que necessitam do nosso auxílio e se esforçam por aceitá-lo, para se sentirem mais felizes. Nunca mais voltarei a este

assunto porque o que me era permitido dizer, já o fiz! Agora cabe somente a si mesma o trabalho de reflexão e da compreensão! No dia em que isto acontecer, esteja certa, será muito mais feliz e terá muitas surpresas agradáveis, mas deverá esforçar-se por merecê-las.

Irmã Jacobina convidou Virgínia para se recolher. Deixou-a em seu leito, em cuja cabeceira recostou e, de olhos abertos, pensou muito. Não era a primeira vez que realizava aquela atividade. Antes de ser recolhida à Colônia onde se encontrava, pediram-lhe que pensasse, repensasse, refletisse, para ter toda a sua vida memorada e revivida em seus pormenores. Que pensasse em cada um deles, analisasse e concluísse, modificando as suas atitudes para ter o direito de ser retirada daquele local de abandono e sofrimento.

Agora, tudo se repetia! Por que lhe pediam para realizar a mesma operação com muito cuidado? O que teria acontecido? As conclusões chegadas naquela ocasião teriam se modificado? Teria ela esquecido o que pensara e as suas convicções retomado ao ponto de partida? Enfim deveria obedecer, se quisesse sentir-se melhor, receber ainda mais do que recebia e do muito que já havia recebido.

Ali quieta em seu leito, trouxe para a memória toda a sua vida, desde os momentos felizes do dia do seu casamento, e toda a trajetória que já conhecemos, acompanhando suas próprias lembranças. O que não entendera do que Irmã Jacobina lhe dissera? Não podia imaginar nada diferente do que pensara até então e tinha como convicções adquiridas, por compreendê-las verdadeiras. O que estaria errado? Teria que saber, mas, partindo de si mesma, não conseguiria afastar-se do que já cristalizara em sua mente e em seu coração. Precisava ver para crer! Desejava ver toda a sua vida como se assistisse a um filme, para não mais duvidar, mas que esse filme fosse de tal forma organizado que não lhe restasse nenhuma dúvida, e não se confundisse com um filme de ficção, cuja história não convence.

Depois de algumas horas nessas reflexões, levantou-se e foi a procura de Irmã Jacobina. Entretanto ela, ocupada em uma tarefa junto a um interno bastante necessitado, não pôde atendê-la, mas mandou-lhe dizer que, na manhã seguinte, logo cedo, a procuraria e que ela aproveitasse aquele período para pensar, pensar muito.

Um tanto irritada pela resposta, pois estava cansada de tanto a mandarem pensar, ela decidiu dar uma volta pelo jardim, sem Irmã Jacobina. Não sabia se ela lhe daria permissão de realizá-la sozinha, mas não se preocupou. A passos lentos andou, andou e afastou-se do local onde costumava permanecer. Pelo inusitado da hora e do lugar, encontrou pessoas que já podiam afastar-se mais, e outras que já não tinham mais nenhuma barreira que lhes impedisse de caminhar pelo tempo e por onde quisessem, desde que os passeios não intervissem no horário de atividades que desempenhavam, mas os auxiliassem a desempenhá-las cada vez melhor.

Envolta pelos próprios pensamentos e caminhando, ela divisou, ao longe, caminhando também desacompanhado, uma figura que lhe chamou a atenção. Olhando fixamente, reconheceu, naquele homem, o seu marido Geraldo, com uma aparência bastante jovem, bem disposto e feliz. Não ia cabisbaixo, mas parecia admirar a Natureza que o cercava, regozijando-se com a sua beleza e retirando dela as energias que lhe proporcionavam tanto bem-estar. Seu coração sobressaltou-se ante tal visão. O que fazer? Voltar correndo para seu quarto? Sem ter percebido, afastara-se demais e já se encontrava cansada; não teria forças para correr nem para caminhar apressadamente. Enquanto ela parou para decidir como fazer, deve também ter sido vista por ele que parou, fixando nela o olhar que, mesmo à distância, desconcertou-a. Sem saber que ela saíra sem permissão, foi ao seu encontro e, aproximando-se, também parou sem nada dizer.

Ele reconheceu-a que os Espíritos se reconhecem, mas ela trazia ainda a aparência envelhecida e sofrida dos últimos anos de vivência na Terra, e sentiu pena. Mais alguns passos ele achegou-se, indagando:

— Está precisando de ajuda?

— Se estivesse, não seria a você que a pediria!

— Ainda guarda tanto ódio por mim? Não teve, ainda, neste lugar, consciência de tudo o que aconteceu?

— Não desejo falar com você! Se soubesse que aqui estava, teria preferido permanecer naquelas regiões sombrias onde estive por muito tempo.

— Você não sabe o que diz! Quando souber toda a verdade, modificará seu modo de pensar, e queira Deus seu sofrimento não seja maior por verificar o quanto estava errada. Saiba que, apesar de tudo, não lhe guardo rancor e desejaria ajudá-la. Tenho muitas coisas para lhe contar, mas só o farei no dia em que você mesma desejar e se encontrar preparada.

Virgínia nada respondeu, tão surpresa estava, e ele prosseguiu, indagando:

— Vejo-a cansada e abatida. Quer que a acompanhe de volta? Onde está Irmã Jacobina?

— Sei voltar sozinha! Não preciso da companhia de ninguém!

«— Está bem! Vou continuar o meu passeio!

E, antes de se afastar, ainda lhe disse:

— Seja feliz, é o que eu mais desejo para você!

Virgínia começou o seu caminho de volta, cansada, abatida e irritada pelo encontro. Entretanto, um pensamento começou a rondar a sua mente em forma de indagação. Por que só eu envelheci, só eu trago esta aparência desgastada e sofrida e ele se apresenta jovem e bem disposto? Não era mais velho que eu e não sofrerá privações, pelo que soube? Por que o seu Espírito não traz as marcas que o tempo e o sofrimento fazem em nós? Se assim não estivesse, eu não o teria reconhecido! Eu o vi como nos velhos tempos de felicidade, antes do acontecimento fatídico ter transformado nossas vidas. E ele, se estou tão diferente, por que me reconheceu?

Caminhando e pensando, sem encontrar respostas às suas indagações, ela foi se aproximando do edifício onde tinha o seu quarto. O que Virgínia não sabia era que Geraldo, à distância, seguia-a, com receio de que ela não suportasse a caminhada. Em seu quarto, novas memórias cheias de indagações, tomavam-lhe a mente e, àquela noite, ela não conseguiu o repouso necessário. A nova manhã encontrou-a desassossegada, condição em que Irmã Jacobina também a encontrou.

— Como está? - indagou ela. — Não a vejo bem. O que houve? Queria falar comigo, pois serei toda ouvidos, mas não aqui! Vamos ao nosso passeio!

— Não quero passear, ele está aqui!

— De quem fala? Quem está aqui? Quem é ele?

— Meu marido! Eu o vi ontem e ele falou comigo! jgS- Onde esteve? Deve ter ido a algum lugar a que não devia!

Vamos, fale! Por isso se encontra intranquila?

— Não estou bem; não tenho condições de levantar-me!

— Aqui temos regras que devem ser seguidas, porque sabemos o que convém a cada um dos que se encontram em tratamento. E não devem ser transgredidas para que não tragam consequências desagradáveis como estão lhe trazendo agora. Por que não fez apenas o que lhe recomendei? Seu marido encontra-se aqui, sim, entre nós, mas a senhora ainda não estava preparada para encontrá-lo. Por isso recomendávamos sempre a reflexão, a fim de que pudesse compreender melhor o que houve e desfizesse tanto rancor do seu coração. Seu marido não é culpado de nada do que lhe atribui. Se um culpado há em toda essa situação que se criou depois, é somente a senhora, e nada do que temos feito tem adiantado. Acho que devemos tomar medidas extremas, que esperávamos não fossem necessárias por enquanto, porque podem não trazer tão bons resultados como desejamos. Mas como se recusa a entender, seremos obrigados a apelar para os recursos externos a si mesma, que podem nos apresentar surpresas. Se tivesse acontecido como nós aconselhamos, seria muito mais benéfico ao seu Espírito, porque as deduções partiriam das suas próprias reflexões; e o que parte de nós mesmos, sem nos ser imposto, tem muito mais valor diante de Deus. Entretanto, aos renitentes, recursos outros têm que ser utilizados e nós os utilizaremos. Só espero que depois não reste mais dúvida de nada, e a senhora encontre um pouco de paz, se os resultados não forem contrários ao que esperamos. Pelo menos em relação ao seu marido e à forma como conduziu a sua vida, lhe será benéfico!

A medida que Irmã Jacobina falava, Virgínia ia se encolhendo e recebendo suas palavras como a mais profunda advertência, e, pela primeira

vez, depois de ter deixado aquele período de sofrimentos intensos em que se sentia ao abandono, sentiu medo. Se teriam de se utilizar desse recurso para convencê-la, e se assim acontecesse, estaria ela errada em suas convicções? Todos lhe diziam que sim, e sempre a mandavam pensar, mas, e o seu filho, onde estaria? Ela o perdera, e se o marido não tivesse culpas, ele teria crescido como as outras crianças, teria estudado e lhe dado muitas alegrias. No entanto, por culpa do marido, nada disso aconteceu.

Terminadas as suas palavras, Irmã Jacobina, vendo-a encolhida e olhando-a fixamente, indagou:

— O que aconteceu? Sente algum receio? Será o da verdade que nunca quis aceitar, mas com a qual terá de se deparar agora? Teria sido sempre a recusa de entendê-la e aceitá-la, um recurso para continuar a sentir piedade de si mesma e ter alguém para acusar, justificando sua atitude doentia?

A bondosa irmã, que precisava usar de energia como um recurso a mais para que ela se sentisse tocada, falou-lhe em tom de ordem:

— Vamos, levante-se! Não demore, que não vai ficar aí curtindo a própria piedade! Caminhar um pouco lhe fará bem!

De início, Virgínia não obedeceu a ela, mas, com a insistência da irmã, foi relaxando a tensão e, vagarosamente, se levantou. Ao se encontrarem na parte externa, Virgínia apontou para o lado onde fora na véspera, e encontrara Geraldo, exclamando:

— Foi naquela direção! É lá que ele está!

— Ele não está lá, apenas esteve naquele local a passeio, como o fazem todos que o podem e descansam das atividades que desempenham, revigorando as energias. Sentemo-nos! A senhora não tem condições de caminhar muito. Deixou-se desequilibrar e fez perder muito do que já havíamos conseguido, pela própria imprevidência.

— Como poderia imaginar que iria encontrá-lo?

— Por isso deveria ter obedecido! Nós sabemos tudo com que contamos aqui e o que pode acontecer. Não que teméssemos esse encontro por ele que o anseia de há muito, mas pela senhora que não sabe ainda aceitar a verdade.

— O que é que prometeu fazer?

— São recursos nossos! A senhora a eles se submeterá e, se nem assim entender o que aconteceu, restam-nos apenas o tempo e a sua boa vontade! Todavia, sabemos, não podemos contar com nenhum dos dois. Boa vontade a senhora não a tem, pois, se a tivesse, já teria entendido; e o tempo, este nada lhe significou enquanto esteve na Terra, pois que o deixou passar, curtindo apenas a sua autopiedade, sem nenhum esforço para melhorar-se, melhorando o ambiente em que seus outros filhos cresceram.

— O que fará, não vai explicar-me?

— Na hora certa a senhora verá! Contudo, se continuar a rememorar a sua vida e a pensar no quanto poderia ter sido mais feliz e proporcionado felicidade aos outros, mesmo sem ele, ser-lhe-á mais fácil entender o que verá!

— Então é algo que verei?

— Sim! Se só lhe falar, só apelar para o seu bom-senso, não adiantou, temos que lhe mostrar!

— O que irá mostrar-me?

— No momento certo a senhora verá! Hoje mesmo, depois que a deixar, tomarei as providências necessárias e, se tudo ficar pronto, amanhã de manhã, a levarei para essa realização.

— Tenho medo!

— Medo de quê? A verdade nunca deve causar medo mas serenidade, porque derruba convicções errôneas e nos faz ver os acontecimentos despidos de qualquer deturpação que queiramos lhes dar. A senhora sabe que a verdade é uma só; não existem diversas verdades. Nem a minha verdade nem a sua, mas a única que é a real e deve ser demonstrada e entendida. Se existissem diversas verdades, nem nela poderíamos confiar. Porém, atrás de todas aquelas que se possam criar para dar desculpas a nós mesmos, existe a que surge pura e imaculada e que convence, pois é a que deve subsistir sempre, para dirimir enganos que só nos confundem.

A conversa entre ambas prolongou-se ainda por mais um pouco, mas Irmã Jacobina tinha suas obrigações com outros necessitados, além da importante tarefa a que se impusera, e convidou Virgínia para entrar.

7 O PASSADO

Irmã Jacobina ao deixá-la procurou o Mentor da Colônia para levar-lhe notícias de Virgínia, e pedir autorização para realizar o que vira como necessário e urgente.

— Nada que eu diga ou faça para convencê-la tem adiantado! Ela tem se mantido renitente como se tivesse sido desvinculada de toda a verdade e passasse a viver na que criou e cristalizou em seu Espírito, como forma de autocomiseração. Já tentei tudo o que podia, esgotei meus recursos e argumentos, e penso que podemos, se me autorizar, entrar com a visualização de tudo o que houve. Do contrário, é perda de tempo, e o nosso, aqui, é precioso, porque a necessidade é grande.

— Sabíamos que não seria fácil. Temos conhecimento de tudo o que ela fez com nosso irmão Geraldo e como se manteve depois. Pode providenciar o que deseja, e queira Deus o consiga com sucesso, porque sabe, poderá ter um efeito contrário ao que esperamos.

— Sei de todas as possibilidades e confio que vá dar certo, senão, nada mais nos resta a fazer, e as dificuldades continuarão até o dia em que ela própria resolver modificar-se.

— Confiemos em Deus, no nosso esforço e no desejo de sempre promovermos o bem!

— Não quero mais ocupar seu tempo! Vou agora mesmo tomar as providências, e, se for possível como espero, amanhã mesmo realizaremos essa nova e última tentativa.

— Que Deus a proteja e a auxilie a ter bons resultados! Comunique-me, depois, como transcorreu.

— Com certeza.

Irmã Jacobina fez a solicitação à pessoa encarregada daquele trabalho, e, no fim da tarde, teve notícias de que tudo estava pronto conforme o seu desejo.

— Conseguimos recompor os fatos da melhor forma, dentro da mais pura veracidade, e nada haverá que a impeça de acreditar. Entretanto, não sabemos o que ocorrerá depois, diante do que a senhora nos expôs. Se ela é e sempre foi uma pessoa difícil, como reagirá? Até aqui viveu dentro da sua própria criação mental e do que lhe convinha, e depois que tiver a verdade, como será? Se conseguir entender e aceitar, imagino que vá sofrer mais que agora.

— Se assim acontecer, será um sofrimento bendito, como resultado do arrependimento, do remorso, da compreensão da falsidade de suas convicções, e significa que ela não é tão insensível. Será, também, o ponto de partida para a sua redenção.

— A senhora tem razão! É melhor sofrer pela verdade do que por uma fantasia que se cria para justificar atitudes!

—Ninguém se modifica partindo de convicções fantasiosas, irrealis! Só quando a verdade plena tomar o seu lugar é que poderemos pensarem modificação. Confiemos, pois! Agora vou avisá-la do que faremos e pedir que se prepare, pois, amanhã pela manhã, irei buscá-la!

Virgínia foi avisada, não deu muita importância, pois supunha, nada além do que possuía como verdade, ser-lhe-ia mostrado. Acontece que os recursos de que o Mundo Espiritual dispõe, são inimagináveis pelos habitantes da Terra, e mesmo por aqueles que dela já se libertaram mas a ela vivem apegados, e Virgínia não tinha condições de suportar o que veria. No dia seguinte, à hora combinada, em companhia de Irmã Jacobina, ela foi colocada diante de um aparelho manejado por um jovem técnico, e veria cenas que esperavam, a convencessem de vez.

Antes do início, pela importância do momento, Irmã Jacobina achou por bem proferir uma prece, dirigindo a Deus suas palavras, pedindo-lhe proteção e auxílio para que o coração de Virgínia fosse aberto e sensibilizado. Só assim ela terminaria de vez aquele período de

dificuldades, amainando o coração para as verdades eternas, as únicas que levam o progresso ao Espírito, porque do conhecimento delas é que decorrem todas as atitudes, todos os esforços para a modificação.

Quando sentiu ter abordado os pontos necessários para a ocasião e para a situação, a Irmã Jacobina pediu ao jovem que acionasse o aparelho. De início, Virgínia não estava entendendo bem, e, a certo momento, dirigiu-se à bondosa irmã que a acompanhava, dizendo:

— Não vejo em que essas cenas podem dizer respeito à minha vida na Terra, com tudo o que me aconteceu!

Sem se admirar desse julgamento, Irmã Jacobina pediu ao jovem que fixasse a cena que mostrava uma pequena reunião promovida por uma entidade de grande responsabilidade no meio onde se encontravam — a Colônia de onde ela havia partido para a sua última existência terrena. Irmã Jacobina, diante da imagem fixa na tela, exclamou:

— Irmã, nada do que vê é estranho à senhora mesma! Preste bastante atenção!

— Vejo uma senhora e dois senhores. Quem são eles?

— Um trio muito importante, entre os quais um assunto de grande relevância é discutido.

— De que se trata? Não entendo aonde quer chegar!

— Se não compreende, eu lhe direi! Veja bem a senhora que participa da reunião! Não a reconhece?

Instantaneamente, como que numa transformação realizada através de alguma mágica, aquela figura foi se modificando, e ela reconheceu-se nela. Ato contínuo, a mudança foi se desfazendo e ela retomou ao que era antes, acontecendo, depois, com a mesma técnica, a um dos dois senhores, que ela reconheceu ser Geraldo, seu marido.

— E o outro, quem é? - indagou ela.

Ah, a transformação que viu foi assustadora e tão rápida que ela não pôde acompanhar os detalhes. De repente aquele homem, como se fizesse parte de um filme de ficção científica, foi diminuindo de tamanho, e ela viu, diante de si, aquele menino belo e forte que fez o encanto de sua vida, e cuja morte a desgraçou por completo. Ao vê-lo, ela não se conteve e gritou:

— Meu filho, meu filho, onde você está?

Antes de mais nada, porém, ele voltou à aparência anterior, a cena foi recomposta, e ela teve, ante seus olhos, aquelas mesmas três pessoas, diante de uma quarta que dirigia a pequena reunião, e ela pôde perceber, depois, que decidiam a sua volta à Terra, juntamente com o marido e o filho. Faltavam-lhe ainda muitos detalhes, os mais importantes, mas ela, sob o impacto do que presenciava, ainda não se recompusera de todo. Aguardando alguns instantes, Irmã Jacobina indagou:

—Podemos prosseguir, irmã? A senhora deverá ver o resto do que temos preparado, para compreender melhor o que se passou com a senhora.

— Não sei se terei condições de suportar, mas desejo ver, preciso ver!

— Prossigamos, então! — exclamou a bondosa senhora.

A imagem, antes imobilizada, não se modificou. A cena foi a mesma, apenas começou a ter vida e conversas foram entabuladas, às quais Virgínia passou a prestar muita atenção. O que dirigia a pequena reunião, falou:

—Diante da necessidade redentora de cada um de vocês, a próxima reencarnação, como já conversamos, irá reuni-los na Terra. A senhora receberá, no devido tempo, este irmão como seu companheiro, pelo longo passado que já tiveram juntos e pelo muito que erraram. Todavia, pelo progresso que já realizou e pelo grande amor que lhe dedica, ele dispôs-se a ajudá-la na próxima existência terrena, a ressarcir um grande mal que a senhora promoveu em uma das suas vidas passadas. Ele será o seu alento, a sua força, a sua coragem, num momento em que tiver de enfrentar uma situação de muita dificuldade.

Sem entender bem, Virgínia observava atenta, e Irmã Jacobina a ela, enquanto o senhor prosseguia:

— A senhora deve lembrar-se do fato que a envolveu com este nosso irmão que precisa, juntamente com a senhora, completar alguns anos que lhe faltam daquela existência em que acontecimento tão trágico lhe tirou a vida, pelas suas próprias mãos, lembra-se?

A senhora que estava diante de Virgínia, na tela, e que representava ela mesma, abaixou a cabeça e chorou. Como que adivinhando em Espírito o que poderia ser, pediu que interrompessem um pouco a demonstração daquelas imagens, dizendo:

— Não sei se irei suportar! Sinto que meu Espírito vem trazendo, do mais profundo do seu ser, um acontecimento muito trágico, já totalmente esquecido por mim. Tenho medo dessas lembranças.

^—Estamos aqui para auxiliá-la! Não tenha receio de nada! Seja o que for que irá presenciar, já aconteceu e em nada mudará o rumo do que não tem mais modificação. As mudanças terão de ser efetuadas daqui para a frente, gostemos ou não!

Se fosse por Virgínia aquelas imagens jamais retomariam e ela deixaria a sala rapidamente para nunca mais voltar. No entanto, nada disso podia acontecer. Deveria permanecer e enfrentar o que divisava em seu Espírito como desagradável, terrível e profundamente comprometedor. Passado algum tempo, como a sua decisão de retomar às imagens tardava, Irmã Jacobina, falou-lhe:

— Irmã, se até aqui chegamos, fomos obrigados pela sua renitência. Não vimos outra possibilidade de fazê-la compreender, senão mostrando esses fatos. Por isso, não podemos tardar mais. Se se sente amedrontada, é um bom alvitre. Significa que estávamos certas em achar que essa era a medida correta e necessária, portanto, continuemos! Mantenha-se firme e resista, nada poderá ser evitado! Queira ou não, os fatos já aconteceram. Tudo o que fazemos e promovemos, aqui, tem finalidades elevadas e visam sempre ao Espírito, como estamos visando ao seu bem-estar pela plena consciência de tudo o que aconteceu. Enfrente-os, pois, para a sua libertação, a fim de que possa prosseguir a sua caminhada de Espírito liberto, dentro da verdade, tendo ainda a felicidade de poder receber, agora, a ajuda daquele que a senhora recusou, imputando-lhe culpas, quando todas elas cabiam à senhora, não as daquela existência, mas de uma anterior que estava ressarcindo. Levante a cabeça, enfrente, que vamos prosseguir!

Sem ter como responder porque as afirmativas eram verdadeiras, Virgínia colocou-se em posição de visualizar o que lhe seria mostrado, e a bondosa irmã fez um sinal ao jovem técnico que desse movimento às imagens anteriormente imobilizadas. Logo a seguir, ela pôde ver aquela que era representada por si mesma, em grande pranto, dizendo que aceitaria o que lhe fosse imposto, e tudo faria para ressarcir o grande mal que havia feito àquele que amara tanto e do qual tirara a vida de modo trágico e impiedoso. EJa voltaria à Terra e ressarciria, juntamente com todo o amor que deveria lhe dedicar, aquela dívida do passado.

Sem que precisassem explicar, Virgínia compreendeu a sua última oportunidade terrena, com o filho tão querido que lhe deram. Compreendeu o grande amor que lhe dedicara, agora puro e maternal, e compreendera a posição de Geraldo, que, apesar de tudo, se dispusera a ajudá-la naquele resgate e ela o rejeitara, afastando-o da sua companhia, impedindo que ele cumprisse o que lhe havia proposto. Ao final das suas próprias conclusões, quando uma grande dor tomava o seu peito, ela, em lágrimas, conseguiu dizer:

—Não desejo ver mais nada! Se o que pretendiam era fazer-me entender, já o conseguiram. Se antes eu sofria de uma forma, por um motivo, agora terei um outro muito mais grave para o meu sofrimento. Se antes eu descarregava a minha dor naqueles que me amaram, hoje eu terei de curti-la sozinha. Ela não partirá mais de mim em direção a ninguém, mas terei que senti-la em toda a sua intensidade, porque está dentro de mim.

Após ouvir estas considerações, Irmã Jacobina tentou interrompê-la, dizendo-lhe:

— Ainda não terminamos! A parte mais importante ainda não lhe foi mostrada, mas, se não se sente bem, temos o necessário entendimento e respeito para atendê-la momentaneamente. Voltaremos aos fatos ainda em outra oportunidade, porque fazem parte dos nossos arquivos; porém, muito mais que simples arquivos, fazem parte do Espírito daqueles que os viveram, neste caso, a senhora e seu filhinho querido da sua última existência.

— Eu não quero nem preciso ver mais nada!

— Se não quer, por ora respeitamos a sua decisão, mas, quanto a não precisar, isto compete a nós julgar, e nós sabemos o de quanto a

senhora precisa. Nada disso lhe teria sido trazido se a senhora tivesse sabido se manter mais compreensiva, dócil e submissa, mas fomos obrigados, e, como começamos, iremos até o final. Esse período entre as imagens e lembranças de hoje, e aquelas que voltaremos a lhe mostrar mas já fazem parte das recordações de seus atos infelizes, a senhora usará para refletir. A reflexão é sempre a melhor amiga, quando nós mesmos sabemos dirigi-las dentro da verdade, sem desculpas nem subterfúgios. Pois que medite, reflita bastante, e quando desejar falar sobre o assunto, terá uma amiga, uma irmã sempre pronta a ouvi-la e confortá-la, mostrando-lhe novos caminhos que farão a sua redenção e trarão paz ao seu Espírito. Que Deus, nosso Pai de amor e justiça, possa auxiliá-la nesse novo período que irá iniciar, para que possa lhe ser extremamente salutar!

Irmã Jacobina retirou-se, levando Virgínia abatida e preocupada. Seu coração fora tocado e, com certeza, não seria mais como antes. Em nenhum momento ela se referira às suas atitudes, mas sua mente fixava-se nelas. Um tanto confusa pelas revelações às quais não tivera como contestar, foi acompanhando Irmã Jacobina que a dirigiu a seu quarto. Quase ao chegar, Virgínia, dando acordo da sua situação daí em diante, exclamou:

— A senhora não vai me deixar sozinha!

— Todos temos nossas obrigações, e irmãos necessitados como a senhora há muitos, esperando também receber um pouco de auxílio. O que lhe compete fazer agora, não deverá ter a interferência de ninguém, porque só a si mesma pertence. Portanto, deve ficar só e refletir. Mais tarde, depois que colocar em ordem seus pensamentos — seu passado recente com seu passado longínquo, pelo que viu e pelas lembranças que lhe acudiram à mente — aí pode procurar-me que conversaremos bastante. Neste momento, minha presença em nada lhe adiantaria.

— Minha mente está confusa; sinto-me, como duas que se sobrepõem, mas devo separá-las.

— Certamente, pelo que visualizou, assim deve se sentir; mas depois que meditar e conseguir ordenar as imagens e as lembranças, o entendimento será mais fácil. E é justamente desse entendimento que dependerá a sua paz, o reconhecimento de seus erros, liberando de culpas aqueles que não a tinham e foram obrigados a uma vida de sofrimento por suas atitudes. Veja como há muito em que pensar.

— Eu não conseguirei ordenar tudo isso sozinha!

— Pois é sozinha que terá de fazê-lo! Os pensamentos são seus, as lembranças lhe pertencem, e as atitudes foram tomadas pela senhora. Veja como não pode haver interferências, que em nada a ajudariam. Após, sim, estarei à sua disposição como já me propus. Entre, faça o que lhe recomendamos e lembre-se, também, antes de tudo, de orar, da grande eficácia de uma prece e confie, que mesmo lhe parecendo, não estará só! Deus sempre está conosco em todos os lugares, em todas as situações. Basta queiramos nos ligar a Ele.

Sem ter o que responder, Virgínia entrou e Irmã Jacobina seguiu rumo às suas outras tarefas que eram sempre muitas, porque muitos eram os necessitados.

Apesar das recomendações e do aconselhamento, Virgínia sentiu-se um tanto amedrontada, mas teria que enfrentar. Sentou-se em uma cadeira a par de seu leito e elevou o seu pensamento confuso a Deus, pedindo-lhe a sua ajuda para tarefa tão importante que deveria realizar. Que Ele não a abandonasse, apesar de que ela, conforme as explicações da bondosa irmã, O abandonara por tanto tempo, revoltada por tudo o que lhe aconteceu, tomando atitudes impensadas, desviando o “destino” dos que amava.

Ao final, um tanto mais confortada, foi ordenando seus pensamentos, e, pelo que visualizou, levou-os ao ponto mais longínquo de suas lembranças, e teve novamente aquele momento em que decidiam a sua volta à Terra, junto daquele que muito ofendera, apesar de amar, e de outro que, por amor, se dispusera a acompanhá-la para ajudá-la. Entretanto, pensando melhor, esse era um ponto intermediário, pois se retomariam juntos pelo mal que ela lhe fizera, deveria levar seus pensamentos àquele tempo ainda mais longínquo, e vir, aos poucos, trazendo as lembranças, até chegar ao ponto em que elas se fundiam num encontro real e intenso, à sua realidade presente.

Assim ela permaneceu pondo em ordem as lembranças e teve, em sua memória espiritual, uma época bastante remota, num país distante, quando viu um belo e forte rapaz conversando com um senhor de aparência rígida e intransigente que lhe pareceu ser seu pai. O motivo da conversa era ela mesma e um pedido de casamento. Escondida de tal forma que eles não podiam vê-la, ela observava. Sua ansiedade não lhe permitia não participar daquele momento. Ela amava o jovem e desejava casar-se com ele, mas receava que o pai não a concedesse em casamento. As famílias não eram simpáticas uma a outra, e ela temia. Os jovens pretendentes ao matrimônio encontravam-se durante passeios pelo campo, sem que o pai dela soubesse, mas a coragem e amor do rapaz queria uma união sólida, consistente e definitiva, através do casamento, e criara coragem e fora pedi-la ao pai. Ele, porém, intransigente, negara e até o expulsara de sua casa, ao saber de quem se tratava e do motivo que o levava à sua presença.

A Virgínia daquela época, não suportando a inflexibilidade paterna, saindo do seu esconderijo, mostrou-se rebelde, exigindo que ele permitisse o casamento. Disse que nada tinham a ver com desavenças entre família, pois amavam-se, e se o rapaz quisesse, ela partiria dali mesmo com ele, esquecendo o pai para sempre.

O jovem, tentando convencê-la a esperar mais um pouco, disse que a amava mas não era daquele modo que pretendia unir-se a ela, e não quis levá-la. Prometia retomar outras vezes e voltar ao assunto, até que seu pai entendesse o amor que os unia e concordasse com o casamento. Ouvindo o jovem dizer que retomaria, o pai dela, antecipando-se, advertiu-o:

— Não se atreva a voltar aqui, que será recebido à bala! A complacência que tive hoje, em ouvi-lo, não a terei mais. Filha minha não se une a ninguém da sua família. Se algum ato menos digno ela praticar, fugindo para encontrar-se com o senhor, mandarei segui-la nem que seja no inferno e eliminar os dois! Considere-a, pois, a partir deste momento, morta para a sua pretensão, se não quiser tê-la morta de verdade, juntamente com o senhor. Já fui paciente demais dando-lhe todas estas explicações. Agora pode retirar-se e não volte nunca mais! Se se atrever a voltar, não retomará vivo para a sua casa!

Terminadas estas palavras, exigiu que a filha se retirasse da sala, e o jovem, lançando-lhe um último olhar de muito amor, retirou-se também, convicto de que não voltaria mais. Por ele mesmo nada temia, mas o intransigente senhor havia sido bem claro. Ameaçara a própria filha e, a ela, não desejava que nenhum mal acontecesse, pois a amava.

A filha trancou-se no quarto, deixou de se alimentar, adoeceu, mas os cuidados e carinhos da mãe fizeram-na voltar à vida, e, aos poucos, a normalidade foi sendo readquirida. E ela, não mais aquela jovem esperançosa no amor, mas amarga e triste, nunca mais viu o seu amado, nem teve notícias dele.

O tempo foi passando, e o que conformava o seu coração era lembrar que ele a amava e que também deveria estar sofrendo muito, pela saudade, pela sua ausência, pela lembrança dos encontros que nunca mais se realizaram.

Decorridos alguns poucos anos em que a separação dos dois se dera, o pai foi relaxando a vigilância e ela, mesmo amargurada, saía às vezes a cavalgar pelas imediações da casa, sem se afastar muito. Ainda era discretamente vigiada, apesar de ele estar convicto de que não só o romance, mas qualquer esperança que cada um deles pudesse abrigar no coração, estava totalmente desfeita. A jovem sofria, mas pensando que ele também sentia a sua ausência, conformava-se e ia vivendo.

Um dia, porém, o intolerante pai, retomando de um negócio, entrou em casa trazendo um certo sorriso de vitória, e, mandando chamar a filha, que nunca mais aceitara nenhum pretendente, comunicou-lhe, com a finalidade de acabar de vez com aquela situação e devolver-lhe um pouco de alegria:

Hoje tive uma notícia que me deixou muito feliz! Penso que a deixará também e mudará a sua vida. Você verá que de nada adiantou recusar todos os pedidos de casamento que tive para você, nem ter essa fisionomia de tristeza. Alegre-se, pois, e sorria comigo que estou feliz! A partir de hoje, você estará completamente livre, poderá retomar aos seus longos passeios, às suas cavalgadas pelos campos, que nenhum perigo mais oferece.

A jovem, sem entender onde o pai queria chegar, ficou atenta às suas palavras, mas nada perguntou esperando-o concluir, e ele, sem piedade, mas bastante feliz, disse-lhe:

— Não desejo nem pronunciar o nome que me faz mal, mas quero dizer-lhe que aquele por quem tem sofrido, o culpado de você ter essa vida triste, não gostava tanto de você como dizia, e eu estava certo de não ter permitido o casamento. Amanhã ele estará se casando com uma jovem que veio de fora.

Sem desejar ouvir mais nada, ela retirou-se da presença do pai e saiu correndo para o seu quarto, fechando-se, já abrigando uma tenebrosa idéia na mente: — Ele não se casará, eu não deixarei ! Eu o impedirei, nem que tenha de matá-lo! Papai permitiu que eu saia, pois vou fazê-lo agora mesmo, mas levarei uma arma. Se verificar que a notícia é verdadeira, eu o matarei. Ele não se casou comigo, não foi corajoso o suficiente para enfrentar papai, não se casará com mais ninguém! Sei que ainda me ama, e talvez se case por insistência da família ou por algum entusiasmo passageiro, mas esse entusiasmo irá acabar hoje mesmo. Eu não permitirei!

Imbuída desses pensamentos, deixou passar algum tempo, saiu do quarto, andou pela casa demonstrando naturalidade, mas procurando encontrar uma das armas que o pai mantinha em casa. Quando a encontrou, escondeu-a em suas vestes e avisou à mãe que iria dar uma volta porque a notícia que o pai lhe trouxera a perturbara um pouco e ela queria distrair a mente.

Como o pai a libertara da vigilância, ela tomou um animal e galopou em direção à propriedade onde o seu amor morava, para fazer averiguações. Depois de algum tempo, divisou, ao longe, dois cavalos, e reconheceu, montado em um deles, aquele que amava tanto, e no outro, uma jovem, com certeza aquela com quem ele se casaria. Então o pai não mentira, era verdade! Ele a esquecera; e ela, que nunca mais se interessara por ninguém só pensando nele, com que então era esquecida daquela forma?

Escondendo o animal em meio a um arvoredor fechado, foi se aproximando do lugar onde vira que eles desmontaram e, de mãos dadas, caminhavam segurando a rédea dos animais. Logo a seguir o viu prender os animais num tronco e afastou-se, pedindo à jovem que o esperasse, pois vira uma flor muito bonita e queria colhê-la para ela. Aquela que na sua última existência fora Virgínia, não teve dúvidas. A uma distância que lhe era favorável, ainda sem se deixar ver, mirou-o bem, disparou alguns tiros e, vendo-o tombar, saiu correndo.

Sua noiva, ouvindo os disparos, ocorreu ao local, encontrando-o ao chão em meio a muito sangue, já inconsciente e quase sem vida. Ninguém viu quem atirou! Voltando ao seu animal, tomou a esconder a arma e, montando-o, afastou-se do local num galope ligeiro rumo à sua casa.

Quando a notícia chegou à sua família, o pai chamou-a, interrogando-a, mas ela, fingindo nada saber, negou tudo e retomou a seu quarto. Como para o seu pai, o rapaz morto não significava nada, pelo contrário, dava-lhe mais tranquilidade, deixou a filha em paz, agradecido por ela mesma ter feito o que ele sempre quisera fazer.

8 CONSIDERAÇÕES

Virgínia foi tendo todas essas lembranças em seqüência rápida e ininterrupta, para que nada interferisse, nenhum pensamento cristalizado em si mesma pudesse se imiscuir, facilitando-lhe as desculpas e justificativas. Jorravam como uma fonte abundante, e ela as ia incorporando ao Espírito e aceitando como verdades insofismáveis e indiscutíveis, porque se sentia penetrada em toda aquela situação, como se, momentaneamente, tivesse deixado de ser Virgínia para ser aquela da história. Fora mais um recurso aplicado pelo Mundo Maior, para que não houvesse nenhuma contestação.

Ao final, identificando o seu antigo amor com aquele com quem aparecera na tela em reunião, nenhuma dúvida mais restou. Geraldo, que também participara, se dispusera a ajudá-la, e ela, néscia e obstinada, cega e empedernida, o acusara e se negara a ouvi-lo, expulsando-o de casa.

Então o seu querido filhinho, aquele que perdera numa circunstância com a qual não se conformava, era o seu querido e único amor de outrora? Por que vieram juntos daquela forma? Por que não fora ele o seu marido, o que seu pai recusara e não pudera sê-lo naquela existência, ao invés de Geraldo? E por que, mesmo como filho, amando-o exageradamente, lhe fora retirado dos braços tão cedo?

Se até então sua mente estivera cristalizada no acontecimento que envolveu o filho, a partir daquele momento, estaria plena de indagações. Se sempre encontrara justificativas para seus atos, agora não encontrava respostas para suas perguntas. Era preciso conversar com Irmã Jacobina. Ela, com certeza, teria muitas explicações que satisfizessem seus anseios de mais saber.

Assim pensando, retomando totalmente a sua identidade de Virgínia, não mais apresentando renitência e obstinação, levantou-se e deixou o quarto à procura da bondosa irmã. Não foi fácil encontrá-la, tantos afazeres assoberbavam suas horas, mas, ao final, passando por um corredor, deparou-se com ela deixando uma sala. Demonstrando ansiedade, Virgínia foi ao seu encontro, surpreendendo a irmã sempre diligente e prestativa, mas também energética, quando a energia se fazia necessária.

— O que faz aqui? Pelo que sei, seu quarto não fica nesta ala, e a senhora deveria estar repousando para a sua reflexão e para ter condições de enfrentar o que ainda lhe deve ser mostrado.

— Nada mais precisa me ser mostrado!

— Como não? Iniciamos um trabalho e devemos concluí-lo!

— Eu tive, em minhas reflexões, as lembranças mais precisas possíveis do que pretendem mostrar-me! Revivi, como se fosse naquele momento, uma parte muito importante de uma outra existência vinculada àquelas imagens que me foram mostradas, e à minha última existência.

Sabedora do que se preparara, Irmã Jacobina ficou contente do sucesso da empreitada, mas dissimulando para fazê-la falar, assim se expressou:

— Estou surpresa! O que foi que viu?

— Aqui não, irmã! Gostaria de conversar com a senhora mais demoradamente e lhe contar tudo.

— Pelo que vejo, nossa conversa será longa.

— Não só pelo que tenho a lhe contar, mas pelas interrogações que estão em minha mente, para as quais eu preciso de respostas.

— Realmente, se assim é, agora não podemos! Preciso visitar mais alguns necessitados que estão me esperando, mas, amanhã pela manhã, no horário em que me dedico à senhora, conversaremos.

— Só amanhã?!

— Sim, somente amanhã! Saiba esperar, pensando em tudo o que viu, refletindo, não só nas suas lembranças mas nas suas atitudes, para que elas lhe sejam realmente benéficas, e o nosso esforço seja coroado de êxito, não por nós mesmos mas pelos efeitos que possam ter em seu Espírito. Somente depois de tudo isso a senhora terá uma recuperação normal e equilibrada, e poderá partir para uma outra fase da sua vida de Espírito imortal, disposta sempre a progredir mais e mais, aprendendo e ressarcindo erros. Volte ao seu quarto, passeie, faça o que desejar, mas aguarde-me até amanhã.

Antes de toda a sua atividade daquele dia, Virgínia, nessas condições, estaria irritada e impaciente. Mas, naquele momento, compreendendo que deveria submeter-se, que não era a única necessitada na Colônia, conformou-se, obedeceu e retirou-se da presença da bondosa irmã, pretendendo dar uma volta pelo jardim e aguardar até o dia seguinte, mais tranquila e em paz.

Ao se encontrar sob o amplo céu aberto que cobria o jardim, Virgínia só levava um pensamento — Geraldo. Ah, como queria vê-lo, falar-lhe, abrir seu coração, pedindo-lhe perdão! Entretanto sabia, pelas imediações onde estava autorizada a ficar, ele não estaria. Caminhar onde presumivelmente poderia encontrá-lo, não deveria. Seria como sair da sua jurisdição e penetrar onde lhe era proibido. Mais compreensiva, menos rebelde e irritadiça, entendeu que não deveria transgredir ordens. Saberá esperar pela manhã seguinte, quando teria a oportunidade de conversar com Irmã Jacobina e receber alguns esclarecimentos tão necessários às respostas que desejava.

Em referência a Geraldo, a paciente orientadora saberia aconselhá-la quanto ao que lhe seria melhor e como deveria fazê-lo. Assim pensando, caminhou algum tempo, observando, entre os seus pensamentos e as indagações que persistiam em sua mente, seus companheiros de Colônia,

cada um trazendo também, problemas, anseios e esperanças.

E ela o que esperava? Problemas ela os tivera muitos, provocados, a maioria deles por ela mesma. Anseios, o seu coração abrigava, mas, e a esperança de realizá-los, e o seu futuro, como seria?

Sempre fora aconselhada a refletir, a meditar, mas nunca conseguira como era esperado, até que lhe promoveram aquelas visualizações que acabaram por provocar tantas lembranças. E o seu querido e tão amado filhinho? Aquele mesmo que amara tanto em uma existência pregressa, desejando unir-se a ele em matrimônio e fora proibida, impedindo-o, depois, da forma mais comprometedoras possível, de se unir a outra? Onde estaria ele? Onde estaria o seu filhinho? Que aparência ele guardava? De que forma se apresentaria a ela, se um dia lhes fosse permitido um reencontro? E ele, como a veria? Como a mãe zelosa, carinhosa e cheia do mais puro amor maternal, ou como a mulher que amara e o assassinara?

Quanto mais passavam as horas, mais interrogações vinham povoar-lhe a mente. E Geraldo que também a amara e fora amado por ela, a ponto de se oferecer para ajudá-la naquela sua última existência, como estaria nesse entrelaçamento das vidas sucessivas? Em que ponto da sua vida de Espírito imortal eles haviam se encontrado? O que haviam sido um para o outro? Por que também não lhe fora mostrado? Com certeza, na manhã seguinte, todas essas indagações teriam respostas.

Por mais algum tempo permaneceu no jardim e depois se recolheu. No leito, muitas delas retomaram insistindo em levar-lhe intranquilidade, mas após, vencida pelo cansaço e pelas revelações do dia, adormeceu. Pela madrugada despertou mais serena, porque, em poucas horas, sua bondosa orientadora lhe dispensaria sua atenção e, quem sabe, um novo direcionamento poderia dar à sua vida.

Irmã Jacobina, por sua vez, depois que Virgínia a procurou, ficou pensando no seu caso, no que ela vira e no que recordara, e ansiava também por saber como a encontraria na manhã seguinte, o que desejaria saber, o que lhe explicaria. Teria que ser cuidadosa em suas palavras, sem se apegar a muitos detalhes das visualizações e lembranças, mas retirando, de cada uma, as condições de lhe transmitir aconselhamentos para a sua condução daí para a frente. Deveria esclarecer apenas o necessário e após, estar atenta, para que todo o esforço realizado pudesse ter algum proveito ao seu Espírito, a fim de que ela rompesse o encasulamento em que sempre se mantivera, e estivesse ajustada dentro da nova realidade que, a partir de então, deveria fazer parte do seu Espírito.

A manhã ansiada por Virgínia, não com a pressa que desejava, chegou. A bondosa irmã esperava que aquele dia, juntamente com o anterior, fosse um marco importante na vida de Virgínia, e que após as explicações que desejava, ela mudasse completamente o rumo de sua vida. Não a mudança do que ali realizava, mas a mudança interior, para que conseguisse conviver com toda a realidade dos fatos, não em desespero, mas com novos propósitos. E que, numa próxima oportunidade terrena, pudesse viver mais ajustada à realidade, sabendo aceitar os revezes da vida, com serenidade e equilíbrio, retirando de cada um o ensinamento mais profundo para a sua vida de Espírito imortal.

Como o que tanto desejamos tem o tempo de se realizar, Irmã Jacobina, à hora costumeira reservada àquela irmã, chegava à sua presença.

— Aguardava-a tão ansiosamente, que me estava sendo difícil esperar.

— A ansiedade é inimiga da paz e deve ser evitada a todo o custo. O que foi reservado para nós, permitido pelo Pai que está atento e conhece as nossas necessidades, à sua hora se realiza.

— Ainda quero voltar a conversar com a senhora sobre essa sua afirmativa, mas agora não é o momento, diante de tudo o que preciso saber, se me for permitido.

— Não seria melhor irmos ao jardim? Se tem perguntas a fazer, o formular e o entender serão facilitados pelo agradável ambiente de paz e pureza.

— Como a senhora desejar.

— Pois então vamos.

Durante o curto percurso, o silêncio se fez, mas, ao chegarem ao lugar que Irmã Jacobina escolheu como o adequado, Virgínia logo se manifestou:

— Ontem pensei muito, lembrei de outros fatos anteriores à cena que me foi mostrada, e muitas indagações povoaram-me a mente. Agora, entretanto, não sei por onde começar, não sei o que perguntar.

— Ordene suas lembranças, suas dúvidas, sua curiosidade e indague!

— Quando vi o que disseram fora meu filhinho, naquela configuração de adulto, não conseguia entender como havia sido possível tê-lo amado tanto, e não reconhecê-lo como o meu filhinho adorador.

— Pelo modo como fala parece-me que agora já compreendeu!

— Não totalmente, porém, no silêncio do meu quarto, uma história veio-me à mente e eu vi-me inserida nela como a sua protagonista principal, juntamente com aquele que lá esteve como adulto.

— O que lembrou? O que viu?

— A senhora sabe!

— Sim, eu sei, porque aquelas lembranças foram preparadas por nós, a fim de que as tivesse como reais por terem partido de si mesma, e não impostas como nas visualizações, que se nos apresentam como situações externas a nós mesmos.

— Tem razão, irmã! Pelo que lembrei, compreendi o meu compromisso com aquele que amava tanto, mas pergunto-lhe: — Por que não viemos juntos como marido e mulher, como desejávamos tanto, ao invés de ele ter vindo para os meus braços maternos e me ter sido arrancado tão cedo?

— Veja, irmã, como a Justiça Divina se processa! A senhora impediu-o de viver, de construir a sua vida com outra pessoa, porque nutria por ele um amor egoísta, incapaz de vê-lo interessar-se por outro alguém, uma vez que em sua companhia fora impossível. E ele fê-lo até para preservar-lhe a vida, que seu pai prometera matá-la também. Enquanto quis preservar a sua vida, a senhora retirou a dele. Justo era que o tivesse novamente nos braços e o perdesse, não mais por si mesma, mas que sofresse a dor da perda.

— E por que como meu filho?

— Para que aprendesse a sublimar aquele amor tão intenso e egoísta, transformando-o num sentimento puro que só as mães sabem sentir por seus filhos.

— Mas ele poderia ter vivido mais!

— Todos nós temos débitos a ressarcir, quando aportamos na Terra com a bênção de um corpo físico, e ele também os tinha. Unindo as duas necessidades, os dois tiveram alguns débitos ressarcidos. A senhora, porém, depois, pelo modo como conduziu a sua vida, adquiriu outros profundos, haja vista o que fez com Geraldo.

— Minhas vidas, pelo que vejo, são uma sucessão de erros! O que representa Geraldo nessa minha caminhada de Espírito imortal? Dele eu nada me lembrei!

— Lembramos o que nos é permitido, e, por enquanto, a senhora precisa ater-se a si mesma, ao seu filhinho, ao que realizou naquela outra existência da qual teve as lembranças, e ao que fez da vida de Geraldo e da de seus outros filhos, nesta última. Só isso já lhe dará muitos elementos para a reflexão, que é o ponto de partida para a sua modificação. Quanto a Geraldo, deixemo-lo para quando for permitido, lembrando apenas que ele também a ama muito e ainda está disposto a ajudá-la, mesmo depois de tudo o que passou.

— Eu preciso falar com ele; quero pedir-lhe perdão.

— Graças a Deus já tem esse entendimento! Ele espera ansiosamente o momento de poder estar com a senhora para auxiliá-la na sua recomposição. Soube sofrer com resignação, humildade e entendimento, e granjeou, do Mundo Espiritual, os louros da vitória, ressarciendo de uma só vez, muitos dos débitos que seu Espírito trazia, e hoje se encontra muito bem.

— Então, indiretamente eu o ajudei?

— De certo modo, sim, mas o mérito do que ele conseguiu é só dele, e para a senhora que o fez sofrer, os compromissos. Todos, enquanto encarnados, passam por muitas dificuldades, pois renascem para os resgates. Uma grande maioria, porém, não sabe aproveitar as oportunidades que Deus lhe oferece e deixa perder momentos preciosos que lhe seriam benéficos. Não é pelo muito sofrer que ressarcimos compromissos, mas pelo modo como enfrentamos o sofrimento. Se não somos resignados, se reclamamos, se não sabemos suportá-lo com entendimento, mas o fazemos com revolta e acusação; se temos o pensamento voltado para Jesus e para o Pai Eterno, imaginando que Eles nos esqueceram e nos escolheram para padecer injustamente, o sentimos ainda mais intensamente porque não temos o consolo da compreensão. Se, ao contrário, formos resignados e agradecidos a Deus, aprenderemos que o sofrimento é apenas um momento passageiro na nossa vida de Espíritos imortais e que uma vida de felicidade nos espera.

Ninguém, na Terra, sofre dessa maneira, sem revoltas, sem achar que está sendo alvo de injustiça, ainda mais quando vê outros felizes. — replicou Virgínia.

Nunca podemos avaliar a vida dos outros pela nossa. Cada um tem o seu momento. O que é felicidade hoje, poderá, se for para o nosso bem, transformar-se em lágrimas amanhã. Vivemos, na Terra, pela bondade de Deus, momentos que se alternam, porque de outro modo não suportaríamos. Cada um sabe de si! O sorriso que vemos nos lábios de muitas pessoas, nem sempre revela alegria, mas entendimento. Explicou a Irmã Jacobina.

— Nós estamos nos desviando do ponto inicial da nossa conversa! — reclamou Virgínia.

— Não tem importância, porque nunca devemos deixar perder oportunidades. Fale, o que deseja saber agora?—continuou a mentora.

— Suas explicações desordenaram minhas idéias e eu nem sei mais.

— Isto é bom! Significa que absorveu meus esclarecimentos e eles estão entrando em choque com o que trazia no íntimo até agora. Só espero que aí permaneçam e se sobrepujem a qualquer das convicções errôneas que teve até agora.

. — Pois bem, deixando tudo o que me falou, eu pergunto: — Onde está o meu filhinho? Já nem sei se é assim que devo chamá-lo.

— Veja, irmã, a sua própria colocação ! Por ela deve entender que o Espírito é imortal, com constantes idas e vindas à Terra, nas mais variadas condições de parentesco. Nesta última existência, a senhora teve um filho a quem dedicou um amor desmedido e o perdeu. Mas esse mesmo filho já fora o seu amado, e antes devem ter tido outras experiências juntos. Por vezes os Espíritos se afastam para uma convivência com outros com os quais também estão entrelaçados, ou por ação de um sincero amor ou por compromissos menos felizes. Os laços do parentesco terreno são frágeis, modificam-se, desfazem-se, só o amor é que persiste e resiste a tudo. Desse modo a senhora pode concluir que formamos, na Terra e no Mundo Espiritual, uma grande família, abrangendo um grande número de componentes, que não podem unir-se todos de uma vez numa encarnação. Mas existe um revezamento que promove a evolução se cada um já tem o necessário entendimento de que está caminhando para Deus. É das nossas boas ações, do nosso conhecimento, do nosso esforço, que vamos diminuindo esse caminho. Todavia, se não praticamos ações pautadas nos ensinamentos de Jesus, se abrigamos ainda no Espírito todas as imperfeições geradoras dos vícios que nos degradam, ao invés de nos aproximarmos desse Pai bondoso, Dele nos afastamos cada vez mais. Mesmo assim, o progresso é uma lei, e um dia, mais cedo ou mais tarde, chega. Cabe a cada um de nós limitar o seu tempo, até para o seu próprio interesse. Quanto mais nos afastamos de Deus, mais sofremos. Quanto mais nos aproximamos Dele, mais felizes seremos.

— Pelo que me diz, tudo sempre depende de nós!

— De nós, somente! Somos senhores de nós mesmos e ninguém, por mais nos ame, evolui por nós. Os amigos poderão nos ajudar, mas o nosso caminho em direção ao Pai cabe unicamente a nós!

— São explicações muito importantes, eu as compreendo bem, mas a senhora não respondeu à minha pergunta. Onde está o meu filhinho?

— Mais uma vez tomo ao mesmo assunto... Veja que se refere a ele como o *meu* filhinho. Sim, ele foi o seu filhinho nesta sua última existência, mas já foi o filhinho igualmente querido de outras mães, como continuará sendo. Apenas o Pai, aquele que deu vida a todos nós, tem o direito de dizer — meu filhinho — pois, antes de sermos filhos das mães terrenas, somos filhos de Deus.

— Pois onde está ele? Gostaria de abraçá-lo!

— Nem sempre os acontecimentos se dão conforme o nosso desejo! As vezes, enquanto continuamos na Terra, muitos dos nossos queridos retomam e quando retomamos, muitos também já estão de volta para outra experiência terrena.

— Quer dizer que o meu filhinho já voltou à Terra?

— Eu não disse isso; quis apenas explicar como se processa esse fenômeno das nossas idas e vindas sucessivas em oportunidades terrenas e em experiências aqui no Mundo Espiritual.

— Vejo que não quer responder-me!

— Mesmo que o queiramos, muitas vezes não o podemos! Não me é permitido, no momento, adiantar-lhe nada do que se prepara aqui. Dependendo da sua reação a tudo o que tem visto, da sua aplicação a alguma atividade, dos seus esforços de aprendizado, a senhora terá o que deseja. Por enquanto, nada mais posso adiantar-lhe sobre ele ou sobre a senhora mesma.

— E sobre Geraldo, quando poderei vê-lo?

— Em breve, muito breve poderá vê-lo, pedir-lhe o perdão que deseja, se realmente esse sentimento faz parte do seu coração, e ele a ajudará nesse novo período que se avizinha. Mas tenha cuidado, faça-o com convicção e amor, para não desferir nele mais um golpe da sua insensatez.

— A senhora ainda não está acreditando em mim!

— Tudo o que promovemos para a senhora teve a finalidade de ajudá-la a modificar seu íntimo, e acredito que tenhamos obtido êxito. Mas é necessário, ainda, algum tempo para que nos conscientizemos de que nada a fará retomar ao estágio antigo de revolta e irritação. Creia que estamos nos esforçando para o seu próprio bem, mas, como afirmei há pouco, por mais desejemos ajudar, cada um trilha a estrada da modificação e do progresso por si mesmo!

— Eu entendo, irmã! Procurarei meditar bastante e corresponder a tudo o que tem feito por mim!

— Faça-o, não por nós, mas por si mesma! Agora preciso recolher-me; tenho obrigações com outros companheiros seus, igualmente necessitados. Se desejar, poderá continuar aqui, fazer alguma caminhada, respirar esse ar puro nessa atmosfera tão agradável; pense e esforce-se, que tudo o que promover em esforços, virá em seu próprio benefício. Deus está atento a todos nós e sabe nos recompensar.

9 PEDIDO

O que se preparara para a continuidade das visualizações, não foi necessário demonstrar, uma vez que, da forma como previram, as finalidades se cumpriram com mais eficácia, e ela conseguiu ter os fatos como lembranças convincentes. Desse dia em diante, Virgínia pareceu mudar. Não permitiram que ela se encontrasse tão logo com aquele que fora seu marido, a fim de mais poder pensar, de mais reconhecer seus erros, de mais se modificar. Assim, quando o encontrasse, o faria plenamente convicta das suas palavras, pois partiam de um coração que caminhava para a redenção.

Várias vezes mais ela voltou ao assunto com Irmã Jacobina, fez indagações, satisfez curiosidades e manifestou o desejo de encontrar-se com Geraldo, mas estava sabendo esperar. Ele, por sua vez, sempre a par do que se realizava e de como a transformação dela se operava, estava satisfeito. E, enquanto não pudesse vê-la frente a frente, tinha-a constantemente no pensamento através das preces que dirigia a Deus em seu favor.

Algum tempo mais passou. A revelia de ambos, um plano muito importante se preparava, não só a eles, mas, à distância, também àquele que

um dia fora o ser amado de Virgínia, em companhia do qual ela esperara viver uma existência de amor, e, mais recentemente, lhe fora o filho querido.

Nada ainda lhes devia ser comunicado, mas os planos eram organizados. E como no Mundo Espiritual o entendimento a respeito do momento exato em que os acontecimentos se devem dar, é regra, sem ansiedade mas também sem descuido, na hora certa eles seriam notificados e consultados. Assim se daria a fim de que a empreitada fosse bem sucedida e resultasse, para cada um, em bastante proveito para o Espírito, pois que é sempre a ele que se visa.

Algum tempo mais até que Virgínia conseguisse a plena recomposição de si mesma, mas para isso ainda deveria encontrar-se com Geraldo, encontro esse também em preparação. Se uma vez ela o avistara e lhe fora um tanto desastroso, o que se preparava e estava próximo de se concretizar, tinha de ser diferente. A surpresa, desta vez, seria totalmente eliminada. Ela deveria partir para ele consciente do que ocorreria, a fim de que nenhuma recaída pusesse a perder ocasião tão significativa.

Chegada a ocasião, Virgínia foi recomendada estar no jardim, mas, a certa distância, Irmã Jacobina estaria à espreita, pronta para intervir, se necessário fosse. E, como já havia combinado com Geraldo, ele a chamaria mentalmente, com intensidade, como já estava capacitado a fazer.

Caminhando um tanto ansiosa, sem saber por onde ele viria, ela olhava por todos os lados. Imaginando que nada ocorreria, pois talvez ainda não fosse merecedora ou não estivesse procedendo adequadamente, ela sentou-se num banco afastado e, sem olhar para lado nenhum, fechou os olhos rogando a Deus que não deixasse perder aquela oportunidade da qual estava tão necessitada.

Sem saber como, sem nada ouvir, sem nenhum ruído ter perturbado a sua concentração, ao abrir os olhos, ela deparou-se com ele, em pé à sua frente. A surpresa foi grande. Geraldo, conforme ela já o vira, readquirira a aparência mais juvenil, apresentava-se bem disposto e sorrindo. Emudecida pela surpresa, ela nada disse, mas ele, sem se fazer esperar, sentando-se ao seu lado, tomou-lhe as mãos e falou:

— Há quanto tempo esperava por este momento! Vejo que está mais bem disposta de quando a vi pela última vez. Sua fisionomia está tranqüila e só pode demonstrar o que está em seu coração. Estou muito feliz!

— Não me humilhe assim, Geraldo!

— Não foi para isso que ansiava por este encontro. Jamais passou pela minha mente fazer qualquer coisa que pudesse humilhá-la. Quero apenas ajudá-la, vê-la cada vez melhor!

— E justamente por isso que me sinto humilhada. Depois de tudo o que lhe fiz, você ainda demonstra os bons sentimentos que traz no coração.

«*=5-Esqueçamos o que houve e façamos de conta que estamos nos encontrando hoje, pela primeira vez, sem que nenhum de nós tenha passado, mas apenas um futuro de esperanças, de alegrias e felicidade.

E- Não podemos fazer de conta, quando a realidade cruel está dentro de nós, atormentando-nos a todo instante.

— De que fala? Não quero que nada a atormente, mas que esteja feliz e esperançosa.

— Só quando lhe pedir perdão e sentir que o mal que lhe fiz já foi perdoado.

— Não posso perdoá-la!

— Eu entendo! Mas julguei que você, por esse carinho e compreensão que demonstra, pudesse fazê-lo, mas tem razão, o que lhe fiz não tem perdão!

— Não me lembro se você me fez algum mal! Se estamos nos encontrando agora, pela primeira vez, nada tenho a lhe perdoar, porque você nada fez! Compreende-me?

— Estou tentando compreender a sua bondade, a sua elevação de caráter, a sua nobreza de Espírito, mas não deve ter esquecido tudo o que sofreu por minha causa.

— Se algum dia eu sofri, o sofrimento foi a alavanca de que meu Espírito precisava para progredir. Se hoje estou na situação em que me encontro, foi porque aceitei o sofrimento, mas nem sei quem o provocou. Esqueçamos este assunto e vamos aproveitar este momento de felicidade!

— Eu não mereço você!

— Vamos dar um passeio pelo jardim, só nos dois, sem recordações, sem tristezas, mas alegres e esperançosos de que ainda possamos estar juntos no futuro.

Muitas outras vezes eles se encontraram. Muitas demonstrações de arrependimento compunham as palavras dela, sempre com a compreensão de Geraldo tentando amenizar o seu sofrimento, que ele sabia, não era pequeno.

Quando praticamos ações inadequadas, quando conduzimos a nossa vida levados pelo orgulho, distanciando-nos dos ensinamentos de Jesus, ao retornarmos à compreensão da realidade de nós mesmos, a dor do arrependimento é muito maior que qualquer outra anterior. Virgínia passava por um período difícil. Caíra na realidade da sua vida terrena, interligara as duas existências das quais tinha conhecimento — a que lhe mostraram e a última que vivenciara — e entendera o quanto errara, o quanto fizera a tantos sofrer, sobretudo ao próprio Geraldo que a tratava com carinho e se esforçava para que ela pudesse estar a cada dia um pouco melhor.

Certa ocasião, em conversa com Irmã Jacobina, agora mais raras pois ela contava com o apoio de Geraldo, Virgínia falou-lhe:

— Tenho sofrido muito, irmã!

— Todos nós sofremos! Cada um de uma forma, mas o sofrimento ainda é nosso companheiro, até que nos liberemos de todos os débitos que trazemos. E mesmo liberados, temos as lembranças do que fizemos, mas as utilizamos de forma benéfica em favor de nós mesmos e de outros, auxiliando e amparando os mais infelizes.

— Até que eu chegue a esse ponto, muito, muito tempo terá passado!

— De que se queixa?

— Tenho tido a companhia quase constante de Geraldo... Quando suas tarefas lhe permitem, ele tem me ajudado bastante, mas, justamente porque esse esforço vem dele é que sofro mais.

— Deveria agradecer a Deus ter a companhia de alguém que a ama!

— Sim, irmã, sobre isso agradeço, mas me é difícil estar com ele vendo tanta dedicação, sem me lembrar de tudo o que lhe fiz! Cada vez mais as minhas atitudes na Terra crescem dentro de mim, e não estou mais suportando. Ah, irmã, se eu pudesse refazer toda aquela minha vida, se tivesse uma outra oportunidade, tanto com Geraldo quanto com aquele que foi meu filhinho, a viveria de modo diferente! Eu os compensaria de todo o sofrimento que lhes causei, a Geraldo desta última existência, e a meu filhinho, pelo mal que lhe fiz naquela que me foi permitido ver.

— A senhora estaria disposta a voltar à Terra junto com essas criaturas para tentar desfazer os males que lhes ocasionou?

— Tentar, não, irmã! Tenho a certeza de que se tiver essa oportunidade, eu a viverei de forma diferente! Tenho estudado, aprendido, e o que mais faço é pensar, como sempre me foi recomendado.

— Só agora a senhora compreendeu o significado da palavra pensar e acredito que o tenha feito adequadamente. Quando refletimos em nossas ações, sobretudo naquelas que atingem a outros, temos de fazê-lo com imparcialidade e justiça, não vendo somente o nosso lado, nem baseando-nos no que cristalizamos em nós como o correto. Precisamos ter um pensamento duplo, aquele que analisa não só a nós mesmos, mas aqueles a quem fizemos sofrer. Imagino que assim tem procedido agora.

— Penso muito mais neles que em mim mesma!

— Então a senhora já atingiu um ponto mais desejável — esquecer de si mesma para pensar nos outros.

— Não é bem assim, irmã! Procuo não pensar muito em mim para não ter mais motivos de arrependimento. Talvez aí ainda seja uma demonstração de egoísmo.

— De qualquer forma a senhora está no caminho certo!

— Voltando ao que já lhe falei, gostaria muito de ter outra oportunidade na Terra. Onde está aquele que foi meu filhinho querido? Seria possível nos reunirmos novamente, fosse na condição que fosse, para que eu pudesse demonstrar a minha dedicação abnegada a ambos?

. — A senhora sabe que aqui não é o nosso lugar definitivo. Estagiamos quando retomamos da Terra, preparamo-nos para novas existências e voltamos. Este lugar pode ser considerado um hospital, uma escola, onde os Espíritos, trazendo as enfermidades dos males que provocaram na Terra, curam-se, para depois aprenderem a se direcionar corretamente. É lá que vão demonstrar se se prepararam adequadamente para enfrentar novas lutas. E como o estudante que recebe o diploma depois de anos de dedicação, e mesmo que o tenha sido com grande mérito, ao começar o desempenho da sua profissão, ele não está isento das lutas.

— Sei de tudo isso, e gostaria de ter essa outra oportunidade para redimir-me diante dos que ofendi e diante de mim mesma. Quando aqui regressar, depois de outra existência — a que pretendo, me permitam — quero chegar feliz da tarefa bem cumprida, ante as lutas vencidas com esforço e entendimento.

, — Vejo que a senhora está bem intencionada! Quando esse desejo parte justamente daquele que pretende retomar sem que nada lhe seja imposto, a probabilidade de sucesso é muito maior.

— Então, irmã, o que devo fazer para ter esse meu desejo satisfeito?

— Lembre-se de que cada retomo à Terra é precedido de uma intensa preparação; um plano é organizado, porque sempre levamos resgates para realizar. A vida lá é difícil, mas precisamos da aprovação dos nossos maiores. Geraldo faz parte desses seus anseios?

— Nunca lhe revelei nada. Tenho vergonha.

— Mas não é com ele que deseja retomar?

— Se ele tem sido o meu apoio aqui, por que não o seria lá?

— Porque cada um levará, por sua vez, os resgates particulares. Por mais nos amemos, temos as nossas faltas, independentemente do amor que nos dedicamos. A união é para que cada um resgate seus débitos com o auxílio dos que ama, e resgate os outros que foram praticados juntos, em que um é devedor do outro. Por isso, uma encarnação na Terra é muito importante. Lá não é um lugar aonde se vai para divertimento ou para mudar de situação. Cada um é responsável por si mesmo, conquanto todos tenham a proteção do Pai. Quanto mais fizermos, a nosso benefício, maior será a nossa evolução, mais felizes seremos, e mais próximos do Pai estaremos.

— E o que lhe pedi, como ficará?

— Poderei fazer uma consulta aos nossos Maiores. Eles é que decidirão quanto ao atendimento do seu pedido porque, retomar, todos nós ainda precisamos.

Essa conversa não foi mais além, porque não seria necessário. Entretanto, sempre que o ensejo se apresentava, Virgínia perguntava a Irmã Jacobina se ela já fizera a sua solicitação.

— E um assunto muito importante, irmã, e não pode ser tratado entre uma pequena conversa e outra, quando interesses mais urgentes assoberbam as nossas horas. Contudo, não me esqueci ! Assim que me for possível, levarei a sua proposta a nosso Mentor Maior. Mas, enquanto esse momento não chegar, vá se esforçando e se preparando para fazer-se merecedora de um atendimento.

Diante desta explicação, Virgínia calou-se por mais algum tempo, mas nem com Geraldo fizera tais comentários. No momento certo, quando tivesse o consentimento, falaria, assim pensava. Todavia, uma experiência que envolve não só um Espírito mas diversos, não pode ser decidida assim, apenas porque um deles manifesta esse desejo. O plano tem que ser conjunto e a consulta necessária para maior probabilidade de êxito, e não se perca uma existência, ou por não se estar preparado, ou por não se concordar com ela e realizá-la compulsoriamente. Isto deve ser observado sobretudo para aqueles que se encontram em condições de auxiliar nas decisões e ajudar na planificação, conforme seu maior ou menor desejo de resgatar mais rapidamente seus débitos.

Virgínia era observada porque Irmã Jacobina, sem nada lhe ter comunicado, já levava sua solicitação, mas fora recomendada que estivesse atenta para que esse desejo não fosse apenas o resultado de um impulso momentâneo, e, enquanto isso, o tempo ia passando. Entendendo que ela estava se esforçando e fazia por merecer o atendimento do seu pedido, a diligente orientadora levou a informação ao Mentor, e ele próprio, manifestando-se, disse:

— Bem, chegou a hora de eu próprio ter uma entrevista com essa nossa irmã, e aquilatar, por mim mesmo, as suas condições e as suas expectativas. Peça-lhe, pois, para vir falar comigo amanhã, logo pelas primeiras horas das nossas atividades de atendimento.

— Está bem, irmão! Ela ficará feliz. Essa observação, partindo do senhor, terá maior condição de ser bem realizada.

Irmã Jacobina levou a comunicação à Virgínia, que se sobressaltou.

— Por que o nosso Mentor quer falar comigo? O que fiz eu?

— Examine a sua consciência! Ela a acusa de algum ato indevido?

— Tenho me esforçado, irmã, e nada me lembro de ter feito contra as boas normas que aqui vigem, nem mesmo em pensamento!

— Pois esteja tranqüila! A conversa que ele quer ter com a senhora é de outra natureza!

— Então a senhora sabe e não quer me dizer, deixando-me em aflição?

— É sempre bom fazermos um exame de nós mesmos, ainda que nada encontremos e de nada nos inculpe a consciência!

— A senhora tocou num ponto que eu já não posso mais me sentir isenta de culpas. Sabe que a minha consciência tem me acusado e muito! ;0 importante, quando a consciência nos inculpa, é reconhecermos que ela está com a razão, que realmente somos devedores de tais culpas. Bem, a senhora está avisada, não se esqueça de que é do seu interesse!

Na manhã seguinte, juntando-se a duas pessoas mais que aguardavam uma entrevista com o Mentor, Virgínia ficou esperando, aproveitando aquele momento de preocupação para recolher-se em prece.

A sua vez, ela entrou receosa, mas a bondade do Mentor logo a colocou à vontade:

— Então, irmã, como tem se sentido neste nosso abrigo de paz, de aprendizado e de trabalho?

Agora sinto-me bem, só não posso sentir-me melhor pelo que me acusa a consciência.

— E de que ela a acusa?

— De tudo o que fiz nessa minha última encarnação, e em uma outra que me foi mostrada!

— Compreendeu que não agiu corretamente e poderia ter feito melhor?

— De certa forma, sim! Mas quando lá nos encontramos, não nos lembramos do compromisso que levamos para ressarcir e reincidimos nos mesmos erros, senão da mesma forma, de outra, mas atingindo as mesmas pessoas.

— Quando temos essa consciência já é indício de algum progresso. Entretanto, no que se refere ao esquecimento que levamos à Terra, é a bondade de Deus agindo a nosso favor. A senhora imaginou se, em lá estando, nos lembrássemos de tudo o que fizemos àqueles que conosco convivem ou do que sofremos com o que eles nos fizeram? A Terra, sem essas lembranças, já é um campo de lutas. Se para lá vamos em resgates, é porque ainda somos imperfeitos, e, mesmo não recordando de nada, o nosso Espírito guarda as lembranças, de modo intuitivo, de algum ressentimento, de alguma desavença. Se não formos firmes e completamente convictos do que estamos lá fazendo, colocando as virtudes em ação, aquelas preconizadas por Jesus, certamente falharemos. Cada ser encarnado tem que entender que os desafetos antigos colocados para conviver com ele, e que se apresentam muitas vezes como antipatias gratuitas e recíprocas, o são para que nós as transformemos em afetos, porque ali está alguém que nos deve ou de quem somos devedores. Mesmo sem as lembranças, se guardam esse conhecimento, o esforço será maior para deles se desfazerem!

— Eu compreendo, irmão, mas nem sempre é fácil!

— Deus, na sua bondade, não nos coloca apenas no meio de desafetos. Ele leva a sua misericórdia e desejo de que vencamos, mais longe, e coloca, junto de nós, afetos que se dispõem a nos auxiliar nos momentos em que as provas são mais acerbadas. Nem sempre, porém, reconhecemos e acabamos por afastá-los de nós, comprometendo-nos ainda mais.

— Foi o que aconteceu comigo!

—Justamente, irmã! Eu quis fazer essa advertência, porque chegou ao nosso conhecimento uma solicitação sua de retomo ao orbe terrestre, desejosa de reviver aquela situação que lhe foi causa de tantos erros, para ressarcir-los.

O senhor já sabe do meu desejo?

— Por isso a chamei para esta conversa. Em regressando à Terra, nós não precisamos reviver a mesma situação para nos vermos livres dos débitos. Muitas circunstâncias se nos apresentam que podem ser vividas com aqueles a quem ofendemos, e nos liberarmos dos compromissos que temos para com eles. Basta que saibamos nos conduzir diante das situações, porque não se perde uma oportunidade terrena apenas porque cada um tem os resgates particulares que leva para saldar, de forma independente daqueles que foram assumidos em conjunto. Mas se souber viver de forma cristã, respeitando e auxiliando o outro, os débitos serão ressarcidos e, ao final, todos serão vencedores.

— Irmã Jacobina já me deu essas explicações!

— E mesmo assim, diante de todas as dificuldades que se apresentam em lá estando, a senhora confirma a sua solicitação? Ela ainda persiste?

— Cada vez com maior intensidade!

— Espero que não esteja se deixando levar por nenhum impulso repentino, ou um entusiasmo passageiro decorrente do ambiente em que agora vive, e depois não consiga cumprir tudo quanto a que se propõe.

— Tenho vivido aqui, pensando lá e me esforçando para reter todas as minhas experiências e todo o conhecimento que tenho adquirido.

— Mesmo considerando todas as suas palavras, irmã, cabe-me adverti-la como o venho fazendo, por isso ainda acrescento: toda reencarnação é um risco! A vida na Terra, pelos atrativos e ilusões que oferece, pelos problemas que cada um leva para ressarcir, por outros que ele próprio cria, é muito difícil; e, sem nos referirmos às lembranças que cada Espírito deve reter em si do que preparou, do que prometeu, ele pode comprometer-se ainda mais.

— Não será o meu caso! O meu Espírito guarda, com muita intensidade, todos os erros que pratiquei, e, a par deles, está acumulando, também, este grande desejo de retomar.

Não diga depois que não foi advertida, aconselhada, avisada! Quando lá nos encontramos, tudo é diferente! Muitos propósitos se perdem à primeira dificuldade, porque deixamos emergir do mais íntimo de nosso Espírito, antigas tendências que ainda se encontram mais fortes em nós que qualquer desejo de modificação.

— Pelas suas palavras, o meu pedido será negado!

— Não afirmei isso, apenas quis lhe mostrar todos os ângulos que uma encarnação às vezes esconde a nossos olhos, mas surgem bem agudos à primeira contrariedade, e acabam por nos ferir.

— O que posso esperar, então?

— Precisamos estudar mais, fazer verificações, consultar aqueles com quem a senhora deseja conviver, e organizar um plano que satisfaça a todos, dentro dos resgates que têm a realizar, diante dos débitos que trazem.

— E tudo isso demora muito?

— Aqui, neste plano onde nos encontramos, não nos preocupamos muito com o tempo, mas nos esforçamos para fazer o melhor e conseguir os melhores resultados, demore quanto demorar. A pressa é inimiga da perfeição, como sabiamente afirmam na Terra, e não faz parte dos nossos métodos. Isto posto, não quero dizer que devamos ser negligentes e preguiçosos, mas diligentes e cuidadosos. Compreendeu, irmã?

. — Terei de esperar muito tempo ainda?

— Todo o que for necessário, e agradeça a Deus o que puder ser feito em relação a esse desejo. Durante o seu período de espera, continue se preparando, estudando, observando, agindo, refletindo e se aperfeiçoando! Nunca seja impaciente nem se desespere, porque se isso acontecer, estará demonstrando que não se encontra preparada para realizar o que pede.

jj.—Está bem, irmão, saberei esperar! Agradeço sua bondade em atender-me e aconselhar-me, e procurarei seguir as suas recomendações. Não quero que nada do que pretendo dê errado, pois desejo retomar bem sucedida.

—Não se esqueça de que, diante de tudo o que foi exposto, faremos o possível para atendê-la, mas tanto a senhora quanto os outros, levarão, além do seu desejo, outros débitos para ressarcir.

— Eu entendo! Só me resta agradecer! Posso retirar-me agora?

— Vá com a paz de Deus, refletindo sempre em tudo o que lhe falei!

Virgínia retirou-se da presença do Mentor, não tão satisfeita como esperava. Aquela sua antiga irritação diante dos desejos não satisfeitos imediatamente, quando só decidia a seu bel-prazer mesmo ferindo os outros, parece ter retomado, mas ela procurou conter-se. Estava bem avisada, esforçava-se, e, se pretendia retornar para se redimir, tinha que ser dócil, obediente e compreensiva.

Dirigindo-se ao jardim, começou a pensar no que seria a sua vida na Terra, junto daqueles que tanto ofendera, e lembrou-se também dos outros filhos. Tanto tempo havia passado — em anos não saberia dizer quantos — nunca mais ouvira nada a respeito deles, e esse desejo de ter alguma notícia começou a crescer dentro dela. No mesmo instante lembrou-se de Geraldo. Ele deveria saber. No próximo encontro assim que ele se desobrigasse das suas tarefas do dia, ela lhe perguntaria. Ao pensar no trabalho que ele executava, Virgínia viu que ela mesma nada realizava em favor de ninguém. Ajudava em uma ou outra atividade, esporadicamente, mas não tinha um trabalho regular. Se ainda deveria esperar a autorização plena de seu pedido, com a confecção do plano, tempo haveria para isso. Por que não se lembrara antes? Por que só naquele momento irrompeu do mais íntimo do seu Espírito essa vontade? Conversaria com Irmã Jacobina a respeito e ela, com certeza, se aprestaria em atendê-la. Ante todas essas expectativas, seu coração se apaziguou, e ela passou a esperar a realização do que pretendia.

Quando Virgínia se avistou com Geraldo, na tarde do mesmo dia, procurou saber se ele tinha notícias dos filhos que haviam permanecido na Terra. Lembrava-se deles, estava consciente de que, pela sua própria cegueira, não os tratara convenientemente. Obrigara-os a viver sem o pai e, mesmo assim, não soubera compensá-los da falta que ele lhes fazia.

— Não se preocupe com eles! Sempre que me é possível e permitido os visito, levo-lhes lembranças agradáveis de momentos felizes que tiveram em sua companhia, para que se esqueçam dos outros.

— Eles nunca tiveram momentos felizes comigo pois, sempre amargurada, nunca me doei a eles como as mães devem se doar aos filhos!

— Esqueça-se disso agora, já passou e eles guardam boas lembranças de você! Qual o filho que não tem lembranças agradáveis de uma mãe? Hoje a nossa menina também é mãe* assim como Alberto tem sua família. São pessoas de bem que trabalham, lutam e se dedicam com muito amor à família.

— Eu não poderei visitá-los com você?

— Penso que ainda não lhe seja permitido! Eles estão bem, apegue-se nisso apenas e prossiga preocupando-se com você mesma, com o seu aprendizado, com a sua evolução.

— Vou pedir à Irmã Jacobina que me dê uma atividade mais efetiva, para que eu tenha, como você e quase todos os outros aqui, uma obrigação diária. E também uma forma de aprendizado.

— Das mais eficazes, porque sai da prática, da nossa dedicação em favor de alguém!

—É o que desejo! Será, talvez, uma forma de compensar a mim mesma o que neguei a nossos filhos, só pensando naquele que se fora.

—E como estão seus sentimentos em relação a ele, agora?

—Meu coração está apaziguado e o entendimento adentrou o meu Espírito. Gostaria de vê-lo mas não sinto mais aquela ansiedade anterior. Quando soube que já convivera com ele, unidos por um sentimento de amor muito grande que eu não soube sublimar, tenho-o mais na memória como aquele a quem muito ofendi, e sinto que ainda não estou preparada para reencontrá-lo.

— Em nossas vidas de Espírito imortal sempre trazemos ligações com outras existências e, quando nos é permitido ter esse conhecimento, confundimo-nos entre uma e outra, lembramo-nos dos atos infelizes que praticamos e esforçamo-nos para redimi-los. É uma forma de promovermos o próprio progresso através do conhecimento dos nossos erros, esforçando-nos para nos modificar, agindo para substituir os atos infelizes por outros mais nobres.

As conversas que ela mantinha com Geraldo sempre fortaleciam seu Espírito, infundindo-lhe coragem e objetivos para o esforço de modificação. Não obstante todos os assuntos que conversavam, Virgínia continuou mantendo sigilo sobre o seu desejo de retomo à Terra em sua companhia; ela só não sabia que ele já se colocara à disposição para ajudá-la da forma que fosse, pelo muito amor que lhe dedicava, e acataria qualquer plano que organizassem para eles, mesmo advertido de que, numa recaída, poderia sofrer muito mais que anteriormente.

Geraldo não se importava, dizendo que débitos, no estágio em que se encontravam, todos os tinham para ressarcir. Se tivesse que sofrer novamente, pedia a Deus que lhe desse forças para suportar, como lhe dera na existência anterior, cujo sofrimento lhe proporcionara melhores condições na vida espiritual. Diante de tudo isso, só restava a Virgínia aguardar o plano que organizariam para o seu retomo, do qual ela não sabia se teria conhecimento ou não, e, enquanto aguardava, conforme o pedido que fizera à irmã Jacobina, já desempenhava a sua atividade junto aos irmãos infelizes, mais necessitados que ela.

10 O RETORNO

O tempo ia passando. Tão envolvida Virgínia foi ficando no seu trabalho que já não esperava com ansiedade, mas sabendo aguardar, sentindo-se útil. Por isso, quando a chamaram para outra conversa com o Mentor, ela estranhou.

Ao entrar em sua sala, deparou-se com Geraldo, surpreendendo-se.

— Veja, irmã, que não nos esquecemos do seu pedido! Eu quis promover esta reunião, hoje, para apresentar-lhes, em suas linhas gerais, o plano que cuidadosamente realizamos.

— Nunca falei nada a Geraldo.

— Fez bem! Esse pedido a nós competia e ele, como sempre o fez, colocou-se à disposição para acompanhá-la mais uma vez.

— Eu o reconheço, irmão, que assim tem sido, mas só agora, que lá eu o magoei muito.

— Daí vêm todas as advertências que lhe fiz e que não adianta recordarmos. Sigamos em frente esperando que sejam bem sucedidos e que a senhora não tenha uma nova recaída e coloque tudo a perder!

— E a outra pessoa que lhe pedi fosse incluída nesse plano?

— Dela falaremos depois! Vamos à nossa exposição, primeiro! Se concordarem, só nos resta tomarmos as providências para que ele se efetive.

O Mentor, bondosa e pacientemente, expôs todo o plano nas suas linhas gerais, dentro do que lhes era necessário saber para obter a confirmação do pedido ou a sua recusa.

Geraldo ouvia sem nada dizer, satisfeito apenas de poder ter uma nova vida junto de Virgínia, que esperava, diante do seu arrependimento e do desejo de ressarcir compromissos, fosse uma convivência mais longa, mais eficaz e mais feliz. Virgínia, da mesma forma, ouvia atentamente, considerando o que haviam preparado, muito simples e fácil de ser vencido. Ao final, quando todos os itens que deviam e podiam ser do seu conhecimento, foram expostos, ela manifestou-se:

— Concordo plenamente, irmão, mas considero simples diante dos débitos que adquiri lá, por minha própria insensatez!

— As vezes assim pensamos, enquanto aqui, afastados das situações que devemos viver, mas lá, queixamo-nos de que fomos esquecidos por Deus.

— Jamais faria esse julgamento.

— Mas com certeza já o fez!

— Agora estou diferente!

— Julgamos que é muito mais profícua uma experiência terrena onde podemos ressarcir alguns débitos, realizar algum aprendizado, adquirir algumas virtudes, que levarmos um plano repleto de realizações ou adversidades para encurtarmos o tempo das nossas provas, pois que as mais das vezes sucumbimos e nada realizamos. Mesmo provas mais fáceis e menos penosas nem sempre são cumpridas a contento! A primeira contrariedade, à primeira decepção, nós nos revoltamos e deixamos perder aquele pequeno ponto que seria tão importante à nossa redenção. Devemos levar ainda em consideração que, nem sempre, seja pelos atrativos que a Terra oferece despertando ilusões inadequadas, pelo desespero ou pela negligência, cumprimos aquilo a que nos propomos. O aprendizado é aqui que se realiza mas a prova desse aprendizado é lá que deve ser efetuada. Muitos retomam vitoriosos, pois, como o aluno que não se satisfaz apenas com o conhecimento que os professores lhe transmitem, vão além, enquanto outros, diante da mesma situação, se retraem, não cumprem metade das suas obrigações e acabam por ser reprovados. Sejam, vocês, aqueles que cumprem suas obrigações se não podem ir além, mas nunca sejam negligentes e relapsos para não terem que ser reprovados e retomarem trazendo mais compromissos.

Geraldo e Virgínia, atentos, nada diziam e ele prosseguia:

— Por esta exposição, devem ter compreendido que é do mais profundo interesse de cada um cumprir suas tarefas com dedicação e esforço, porque do bom desempenho de cada uma delas, é que advém a evolução. Sejam pois, diligentes, cuidadosos, pacientes, estudiosos, humildes, caridosos, como nosso Irmão Maior, Jesus Cristo, nos ensinou, pelo próprio interesse de cada um de vocês. Seja a situação que for, saibam aceitar com entendimento e resignação, procurando retirar de cada experiência a melhor lição para seus Espíritos, porque tudo o que fizermos de bom o atinge e nele fica perene para futuras encarnações. Dessa forma vamos contabilizando créditos para o Espírito, que, ao final, se vê liberto de todas as imperfeições, evoluído e feliz, que deve ser a meta de todos - a felicidade junto do Pai.

— Suas palavras foram de grande sabedoria, irmão, e muito importantes para nós. - manifestou-se Geraldo a uma pausa do Mentor.

— E nossa obrigação mostrarmos todos os ângulos que podem surgir, ou para elevá-los ou para fazê-los perderem-se.

— Pelo exposto vi que renascerei junto daqueles meus filhos que lá deixei. Ando pensando muito neles pela conscientização do quanto os fiz sofrer. - deduziu Virgínia.

— Pois foi pensando justamente nisso que lhe daremos essa nova oportunidade. A convivência que terá com eles não será longa, pois daqui a alguns anos eles deverão retomar, mas será um tempo suficiente para lhes levar alegria, dedicação e amor. Aquele mesmo amor que as crianças dedicam aos avós. A senhora renascerá como neta de sua filha e estará mais junto dela, que mais sentiu a falta do seu carinho.

— Eu a compensarei, irmão! Esforçar-me-ei para estar sempre junto dela, levando-lhe carinho e a minha companhia, justamente a que lhe neguei. E assim terei a oportunidade de estar também com Alberto a quem me afeiçoarei como meu tio-avô.

— Que suas boas intenções se cristalizem em seu Espírito com a mesma obstinação que deixou cristalizar nele convicções errôneas, para que não erre mais.

— Tudo farei para isso! De tudo o que me expôs, porém, um detalhe não me foi mostrado. Onde entra, nesse plano, aquele meu fdhinho e que já havia sido meu noivo? Não vi nenhuma referência a ele.

— Desta vez ele não será seu filho, pois lá já se encontra! Já nasceu há alguns poucos anos, cerca de quatro ou cinco, e vocês se encontrarão. Será a prova maior que levará para resolver, e que não adianta entrar em detalhes neste momento. É suficiente dizer que a senhora precisará de uma força muito grande em seu Espírito para vencê-la!

— Como diz, assusta-me! O que ele será para mim?

— Nada e tudo! Dependerá da senhora! Nada mais posso adiantar-lhe, mas se se encontra preparada, se deseja ressarcir débitos, da forma como elaboramos o plano, será o melhor meio para isso. Ore bastante, medite, estude, reflita em tudo o que já fez e proponha-se, de maneira intensa, a não cometer os mesmos desatinos. Não quero dizer com isso que se deparará lá, com situações idênticas, não, que isso seria difícil e não necessário. Porém, dentro de novas situações, convivendo com as mesmas pessoas em amizade ou parentescos diferentes, a oportunidade de resgates e aprendizado sempre se faz. Quanto a você, Geraldo, leve novamente os bons propósitos de ajudá-la, pois ela irá necessitar, e leve também bastante entendimento e paciência, caso o que esperamos não aconteça, venha a acontecer.

— Dispus-me a ajudá-la e o farei com muito amor, irmão!

Algumas outras considerações ainda foram aventadas, algumas indagações, respostas explicativas, e os dois foram dispensados. No momento em que a preparação mais circunscrita ao cumprimento do plano devesse se iniciar, eles seriam notificados. Não demoraria muito, por isso, recomendado lhes foi que aplicassem a mente e o coração não só nos projetos em si, mas nas intenções mais profundas que eles traziam, de acordo com a solicitação de Virgínia e a concordância de Geraldo.

Os encontros entre eles tomavam outro rumo. As conversas convergiam para o que se passaria, e Geraldo, confiante até certo ponto, pois conhecia bem a esposa que tivera, fortalecia-a com palavras de estímulo e de apoio incondicional, para que se sentisse mais encorajada do que o

demonstrava. Apesar do desejo de retomar, apesar das promessas feitas a si mesma, Geraldo receava novo fracasso, não por ele, que tudo suportaria se fosse pelo bem dela, mas por ela mesma que perderia uma excelente oportunidade de ressarcimento.

As conversas com Irmã Jacobina foram prosseguindo na medida das disponibilidades e até do sacrifício de outras horas que a bondosa irmã passou a dedicar à Virgínia, compreendendo a necessidade pelo retomo que se daria, e o dia em que ela deveria recolher-se para a preparação mais intensa, objetiva e direcionada aos seus planos, chegou. Irmã Jacobina levando-lhe a comunicação, estimulou-a bastante com palavras de encorajamento, fortalecimento e esperanças, mas tão convicta ela se mostrava que parecia não necessitar de nenhuma delas.

O último encontro entre ela e Geraldo, que também partiria quase na mesma época, foi de promessas, sobretudo da parte dela que demonstrou desejo ardente de compensá-lo pelos danos que lhe havia provocado, mostrando-se, também, amorosa e reconhecida pela aquiescência em acompanhá-la naquela nova incursão terrena. Sempre pronto a ajudar, sempre bondoso, agradecia-lhe a oportunidade de mais ajudá-la, amparando-a na Terra, dizendo que ela lhe fizera um grande bem, pois que resgates ainda os possuía e era uma nova oportunidade de efetuar-los.

Ambos lamentavam o tempo em que se veriam separados. Só se reencontrariam na juventude, quando o amor que teriam despertado no coração, seria o móvel que os impeliria ao casamento, quando os resgates e o auxílio maior seriam efetuados.

Conforme deve se realizar, a preparação foi efetuada dentro do prazo a que se propuseram, um pouco mais longo para Virgínia, de forma que quando partisse, Geraldo lá já estaria há cerca de alguns meses. Talvez, quando fosse levada para acompanhar a formação do corpo que utilizaria, ele já estaria vendo a luz com os próprios olhos. Diante de Deus e sob a supervisão Dele esses fenômenos são muito naturais pois que a nossa vida de Espíritos imortais se compõe de uma seqüência de idas à Terra e retornos ao Mundo Espiritual, até que todos os compromissos sejam saldados e o Espírito se veja liberto para outras jornadas em mundos mais elevados. Entretanto, enquanto isso não acontece, somos submetidos a essa lei e a ela temos que cumprir, como Virgínia e Geraldo estavam cumprindo.

Há dez anos os dois já se encontravam na Terra, cada um por si, junto dos seus familiares, sem nunca se terem visto, que esse era o programado, não obstante ambos tivessem renascido na mesma cidade, a mesma onde tiveram uma existência comum há anos atrás.

Virgínia estava junto daquela que lhe fora filha, como sua neta. A menina, desde a mais tenra idade, mostrava-se, às vezes, dócil, mas, à primeira contrariedade - as mais simples relativas a folguedos infantis ou a normas de educação que os pais desejavam lhe transmitir—demonstrava rebeldia, e fechava-se em seu quarto sem desejar falar com ninguém.

A avó que vivera experiência semelhante há anos quando a mãe procedia da mesma forma, às vezes dizia ao filho, pai de Amarílis: —Não sei a quem puxou essa menina. Se tivesse convivido com mamãe, a sua avó, diria que teria saído a ela ou aprendido com ela. Porém, não se encontraram, nunca se viram, mas tenho a impressão de que as tendências permanecem no sangue e se revelaram nela.

E por que não se revelaram na senhora que conviveu com ela e sofreu com suas atitudes, como sempre me contou?

— Eu não sei, filho! Nem sempre compreendemos os desígnios de Deus. Apesar de gostar muito da minha pequena, apesar de ela mostrar-se dócil e meiga, às vezes o seu comportamento me assusta, fazendo-me recordar de mamãe.

Hfe-Esqueça-se disso, e ajude-me a educá-la, para que a nossa pequena flor seja feliz. Ela é dócil com a senhora. Quando está em sua companhia, parece outra pessoa.

. — E, filho, isso acontece porque a amo e tolero suas impertinências, mas se a contrariar, tenho a certeza de que agiré do mesmo modo.

— Pois converse com ela num momento de tranquilidade e carinho, para fazê-la entender como deve portar-se pelo seu próprio bem. Nós a suportamos porque a amamos muito, mas a vida lá fora é uma disputa constante e as contrariedades sempre surgem. Ela não poderá se portar lá fora como aqui dentro, conosco.

— Eu tentarei, filho, mas já tenho feito isso, e ela obriga-me a mudar de assunto, dizendo-me:

— Não estrague este momento, vovó, com recriminações! Continue a história que me contava, senão vou para o meu quarto.

Diligente com os estudos, Amarílis ia aprendendo e preparando-se para o futuro. O que faria, ninguém o sabia, nem ela mesma.

Muitos cursos estavam em sua mente, outros iam se achegando à medida que estudava e que tomava conhecimento das possibilidades que teria para seguir uma profissão. Os anos transcorriam e muito pouco ou quase nada conseguiram modificar em seu caráter, quando se rebelava.

A avozinha, como a chamava nos momentos em que a ternura do seu coração sobrepujava as outras tendências, já não estava mais em sua companhia. Uma enfermidade não muito longa mas pertinaz, levara-a, e a netinha sentiu muito a sua falta. A companhia da avó, fazendo as suas vontades, era a ternura para a sua vida. Agora via-se só mas, conforme o tempo passava, quando interesses novos começavam a despertar a vida dos adolescentes, ela ia esquecendo, ou pelo menos não falava mais tanto nela. E quando o fazia, não deixava mais a tristeza tomar seu coração.

Era filha única. Os pais tratavam-na com carinho, e primos, ela possuía alguns, filhos dos filhos de Alberto que, por ter em seu lar apenas homens, tanto nos dois filhos que Deus lhe mandara, como nos netos que chegaram, nunca tivera uma menina para enternecer-lhe o coração com mais delicadeza e meiguice. Por isso sempre gostara da sobrinha-neta e se comprazia com ela, a quem a menina se voltou mais depois da partida da avó.

Todavia, não era sempre que podiam estar juntos porque moravam distante. A casa que Geraldo e Virgínia construíram num momento de felicidade, fora transformada toda numa próspera firma de engenharia, pois os dois filhos de Alberto também seguiram a carreira do pai. Para moradia, construíram uma bela casa um pouco mais longe, na paz que as grandes cidades nem sempre permitiam.

Os seus netos, já rapazes com grande futuro, eram estudiosos e corretos. O mais velho deles completava o seu curso e uma grande festa se preparava para comemorar sua formatura, não só aquela em que a própria escola promove em conjunto com todos os alunos, as suas famílias, os professores, mas outra, de caráter particular, na qual reuniriam os amigos para partilharem da felicidade que sentiam e das esperanças que abrigavam.

Amarílis já era uma bela jovem. Os rapazes, sobretudo os companheiros da escola, como os freqüentadores do clube onde a família a levava para juntos desfrutarem de agradáveis momentos de lazer, olhavam-na com insistência, mas ela, entre todos, passeava sua beleza e elegância, feliz por chamar a atenção, mas nunca se fixara em nenhum.

A festa estava já programada para o fim de semana, o sábado à noite, e poderia estender-se porque as horas preguiçosas do domingo lhes proporcionaria o descanso necessário. Os preparativos se faziam e os convidados estavam ansiosos. Reuniriam não só as famílias amigas dos pais como alguns amigos particulares do jovem formando, e alguns mais chegados do curso que concluíra.

Amarílis pensava na roupa que iria usar. Examinou tudo o que possuía e, como não se satisfizera com nada, pediu à mãe que lhe comprasse roupas novas.

— Devo aparecer bem vestida! Já pensou, mamãe, sou a única mulher nesta nossa família, e os primos quererão apresentar-me a seus amigos.

—Qual a sua verdadeira intenção ao comparecer a essa festa? Confraternizar com seu primo pela formatura, ou exibir-se entre os rapazes que lá estarão?

—• Enquanto participo da alegria do primo, posso muito bem despertar o interesse dos rapazes!

—Por que isso agora? Você sempre foi abordada por muitos jovens, desejando namorá-la e sempre recusou, o que achamos muito bom porque os estudos devem vir em primeiro lugar.

— Agora já conto dezoito anos, mamãe! E depois... Não sei, mas tenho um pressentimento de que esta festa me será importante.

— O que está esperando fazer?

— Nada além do que se faz numa festa ! Divertir-me, dançar e comer alguma guloseima se me sentir despertada para isso!

Amarílis, de fato, nunca se interessara por ninguém. Mostrava-se um tanto orgulhosa e arredia aos rapazes que se aproximavam dela,

parecendo até sentir certo prazer em vê-los à sua volta e escapar assim que uma abordagem, desejando mais que uma simples amizade, lhe era feita. Contudo, para aquela festa, pressentia que iria encontrar o seu príncipe encantado, aquele que sempre esperou e nunca encontrou em nenhum dos rapazes que lhe apresentavam. Ela não estava de todo errada.

Se nos lembrarmos da seqüência que deve ter esta narrativa, saberemos que aquele que fora Geraldo, um dia teria que se encontrar com ela. Como a Providência tem seus recursos para que o programado se cumpra, não obstante os envolvidos julguem “obra do acaso”, Amarílis, a Virgínia de outrora, o encontraria, nessa festa. Entre os amigos de seu primo estaria aquele que se dispusera a ajudá-la, nessa existência que mal começava a desenrolar as tramas desse longo fio, que poderia ser bastante linear ou apresentar-se bastante embaraçado, pelo rumo que cada um daria à sua vida. A primeira ponta, no entanto, teria início ali.

Amarílis de nada se lembrava, mas uma sensação emergia de seu Espírito que sabia, um momento ou outro iria acontecer e, com a proximidade dele, quando os preparativos do Mundo Espiritual se intensificavam para que o planejado se cumprisse, seu Espírito captou e, por isso, tinha esperança, e até uma certa ponta de alegria inexplicável tomava-lhe o coração.

11 O ENCONTRO

Amarílis conseguiu a roupa conforme desejava, e, ao aprontar-se para a festa, estava linda. Portadora de muito bom gosto, ela sabia fazer ressaltar o que possuía de mais belo. Quando chegaram à casa do tio onde a reunião festiva se daria, muitos convidados já se faziam presentes. Os tios receberam-nos com alegria, mas não se ocuparam deles por muito tempo. Eram da família e ficariam à vontade, enquanto eles iam receber outros convidados.

O primo que se homenageava era o centro das atenções. Entre uma pequena roda de amigos, não deixava de dar atenção aos que chegavam, desejosos de cumprimentá-lo, augurando-lhe uma carreira promissora. Ele apresentou a prima e os tios aos que o circundavam, os rapazes olhavam para Amarílis com olhos de admiração, e as jovens que compunham o grupo procuraram ser gentis com ela.

Os tios, vendo que nada tinham a fazer naquele círculo, pediram licença e retiraram-se, com a intenção de cumprimentar os demais parentes. Mas Amarílis, que já havia entabulado conversa com uma das jovens, ali permaneceu. Mais alguns convidados foram chegando, todos com o mesmo procedimento, mas nenhum interesse maior despertaram em Amarílis, conquanto não podemos dizer que tenha ocorrido o mesmo com os rapazes.

Em dado momento, quando a grande sala estava já quase repleta, eis que um rapaz aproximou-se, colocou a mão no ombro do amigo fazendo-o voltar-se, e a alegria do encontro, revelada por ambos, foi muito grande. Depois do abraço efusivo, o homenageado da noite falou:

- Estava sentindo sua falta! Pensei que fosse me fazer a desfeita de não comparecer.
- Você sabe que nunca faria isso! Nossa amizade e camaradagem não me permitiriam.
- Bem, quero apresentá-lo aos meus amigos, os que você ainda não conhece, e à minha prima.

Ao vê-lo chegar, Amarílis já sentira seu coração pulsar mais agitado e uma certa ansiedade a envolveu. Quando ele lhe dirigiu o olhar, pela indicação do amigo, seus olhos se fixaram nos dela, sem conseguir desviá-los. Ambos ficaram como que estáticos, despertando a admiração dos outros. Num dado momento, quebrando aquele encanto, o primo indagou:

Vocês já se conhecem?

Não, nunca nos vimos! — disse o jovem, como que retomando de algum lugar que nem ele sabia qual fosse.

Tive a impressão de que fossem velhos conhecidos!

— Se nunca se viram e se surpreenderam um com o outro, só pode ser coisas do outro mundo... — falou em tom galhofeiro um dos presentes.

- O que quer dizer com isso? — indagou o primo.
- Ouço dizer, lá em casa, pelos meus pais, que nascemos e renascemos muitas vezes, comumente entre as mesmas pessoas!
- Você acredita nisso? — perguntou o recém chegado à Amarílis.
- Não sei, mas tive a impressão de que já o conhecia.
- Quem sabe não se conhecem realmente desse outro mundo!

— Bem, a festa é aqui, alegremo-nos e deixemos esse outro mundo para outra hora!

O grupo foi se desfazendo e os dois, Amarílis e o jovem, permaneceram. Ele, sem cerimônia, indagou:

— A senhorita está sozinha?

— Não, vim com meus pais e tenho aqui alguns tios e diversos primos. Meu tio-avô deve estar por aqui também mas ainda não o vi. Meu nome é Amarílis, não use nenhum tratamento cerimonioso comigo, se já nos conhecemos, como foi falado.

- Amarílis? E o nome de uma flor!
- Sim, foi mamãe quem escolheu e eu gosto bastante. Não é comum e sinto-me bem como Amarílis. E o seu, como é?
- Chamo-me João!
- Amarílis e João, parece que combinam!

— Não vamos ficar aqui parados. Vamos nos divertir, quem sabe dançar... — sugeriu a jovem.

Os dois passaram o resto da festa juntos. Os pais da jovem, que não descuidavam dela, mesmo à distância observavam-na. Depois, aproximando-se, foram apresentados ao rapaz.

A noite passou, os mais jovens divertiram-se, dançaram, e os mais idosos conversaram e distraíram-se com as guloseimas. Com o transcorrer das horas, os convidados foram se retirando, restando apenas os familiares e alguns amigos do jovem formando, entre os quais, João. Por ele, ficaria até o momento de Amarílis se retirar e ainda a acompanharia até sua casa.

Ao ver que não mais podia permanecer, assim se expressou:

— Não quero ir-me embora sem a certeza de que poderemos nos encontrar outras vezes. Sinto que nascemos um para o outro e não quero perdê-la.

— Também desejo vê-lo outras vezes! Vá à minha casa! Você já conhece meus pais e eu lhes pedirei para convidá-lo.

— Assim está bem, mas quero passear em sua companhia, ter alguns momentos só para nós. Sinto que não conseguirei mais viver sem você.

— Tenhamos calma, tudo vem a seu tempo! Gostei da sua companhia, mas não podemos colocar nessa amizade todas as nossas esperanças de vida. Não sabemos o futuro.

— O futuro nós mesmos o fazemos, e eu quero construir o meu, contando com a sua presença, com o seu alento para animar-me, e o seu amor para fortificar-me.

- Não falemos em amor ainda!
- Mas é o que eu sinto! Dá-me a impressão de que eu a esperava. Minha vida, agora, está completa.
- Entusiasmos próprios de um primeiro encontro!
- O tempo lhe provará que não é só isso! Já falamos sobre este assunto. Realmente, nascemos para nos unir!
- Não leve tão longe seus devaneios e não me coloque assim, no seu futuro, com tanta segurança! Nunca se sabe o que pode acontecer!

— Somente amor e felicidade é o que acontecerá se ficarmos juntos para sempre.

— Quer dizer que nos encontramos hoje, e, pelo que estou entendendo, já estou sendo pedida em casamento? — falou Amarílis, em tom jocoso.

— E o que mais desejo! Você parece não me entender e ainda está brincando comigo.

— É muito cedo para esses arroubos, precisamos nos conhecer melhor! Você tem ainda uma etapa a vencer, pois nem formado está...

— Mas caminho para isso! Logo terei meu diploma, trabalharei com papai que já está bem estabelecido na vida e não haverá dificuldade alguma.

— E se eu não for quem está pensando? Afinal, não me conhece e poderei decepcioná-lo!

— Nada que venha de você será decepção para mim! Eu a amo, se é isso que deseja ouvir!

— Não se exceda na demonstração dos seus sentimentos para não se arrepender depois!

— Eu nunca me arrependerei de nada. Tenho só a agradecer a Deus o tê-la encontrado hoje!

Daquele dia em diante, não podemos dizer que o coração de Amarílis nem o de João estivessem livres. Ela trazia-o sempre no pensamento, e ele, por sua vez, passava as horas de separação ansiando pelo instante do encontro, e, por isso, insistia sempre e cada vez mais em vê-la.

Ela estava feliz. Parecia ter encontrado alguém que lhe traria apoio, segurança moral e tranquilidade para o resto da vida, tal era a paz que sentia na companhia dele. Contudo, como era mais ansiosa e irrequieta, nem sempre ficava tão atenta nos momentos da mais profunda expressão do amor que ele sentia por ela.

Talvez a própria segurança que ele lhe transmitia, demonstrava que não precisaria preocupar-se, pois ele estaria a seus pés, sempre, fosse em que situação fosse.

Ambas as famílias tinham conhecimento desse amor. João a levava para conhecer seus pais e, em casa de Amarílis, ele era o hóspede constante, lamentando quando devia se retirar.

Sem poderem ainda assumir um compromisso mais sério como ele próprio desejava, que seria o casamento, pois cada um, por sua parte, deveria completar os estudos, eles iam se preparando.

Como o tempo nem se apressa nem se acomoda, mas segue seu curso rotineiro e normal, dentro das horas e dos dias que formam o ano, o tempo passou, e eles puderam, ambos, ter seus cursos concluídos e estar preparados para o desempenho da profissão.

O casamento já fora marcado. Preparava-se uma grande cerimônia, exigência da própria Amarílis, que se preocupava mais com a festa que teria, com o enxoval que levaria e o seu traje nupcial, do que com a vida de casada e a direção da casa, cuja responsabilidade estaria sobre seus ombros. Ela, que não possuía nenhuma experiência nesse particular, sempre fora servida, mas João não se importava, pensando na companhia constante que ela lhe faria, pois que serviços, dizia ele, sempre tem quem os faz.

Quando a data marcada chegou, tudo estava preparado e a cerimônia foi a mais bela que todos haviam visto nos últimos tempos.

Amarílis e João iniciariam, a partir daquele dia, uma vida em comum, que esperavam, fosse plena de venturas e alegrias. E fariam o possível, pelo menos ele assim pensava, para que perdurasse por todo o sempre.

Todo começo de vida, quando os sonhos povoam a mente dos casais, quando a realidade das responsabilidades ainda não se desprende do mundo dos sonhos, é muito feliz. As gentilezas entre um e outro dominam todas as ações, e tem-se a impressão de que aquela vida será perene.

Mas as necessidades do dia-a-dia com todas as suas exigências, requerem muito do ser humano em resgates na Terra, porque aqui não se vem apenas para os momentos felizes. Porém, se cada um dos dois se esforçar, vivendo um amparando o outro, encorajando, compreendendo e aceitando o que não pode ser desviado, numa união intensa pela cumplicidade de todos os momentos e situações, a felicidade não se verá tão abalada.

Diante de uma união, mesmo da que se realiza movida pelo mais profundo amor entre seus componentes, ainda que um se disponha a auxiliar o outro, cada um é um. São Espíritos unos e independentes, não obstante, em aqui estando, se vejam jungidos aos outros pelos compromissos assumidos diante das más atitudes que as suas imperfeições os impeliram a tomar, e precisam promover o próprio progresso, pelo aprendizado, pelos resgates promovidos e pela aquisição de virtudes.

O amor une as pessoas e seus Espíritos trazem resgates para serem efetuados em conjunto, pois que em conjunto foram assumidos, mas cada um, por sua vez, tem os que independem do outro. E mesmo numa união de amor em que um se propõe a auxiliar o outro, quando encarnado, as situações podem modificar-se e nada do que foi planejado se realiza.

Por isso, cada componente de um casal que inicia uma vida em comum deve estar atento às suas atitudes, e não mais pensar só em si mesmo, mas no outro também, como o companheiro com o qual deverá conviver, e preparar o lar para os filhos que Deus determinar, recebam em seu seio de amor. Serão outros Espíritos trazendo também os próprios resgates para serem efetuados, procurando oportunidades de aperfeiçoamento, tendo em vista a evolução que precisam promover como uma lei da qual não se pode fugir, seja hoje, seja daqui a milênios.

Aquela união começava com grandes prognósticos de felicidade.

Conquanto não houvesse uma grande diferença de idade entre eles, percebia-se o quanto ele era mais amadurecido, mais ponderado.

Os pais de João, muitas vezes em contato com Amarílis, de quem procuravam sondar os mais íntimos sentimentos para verificar se ela merecia o amor do filho que teria como esposo, costumavam dizer que ele era um jovem-velho, tão comedido era, tanto equilíbrio demonstrava em suas ações.

O que não revelavam mas temiam é que depois de ter encontrado Amarílis, pareceu-lhes que ele perdera aquele bom senso equilibrado de suas atitudes, pois, como um menino, vivia sempre afoito para vê-la.

Todavia, examinada a família e mesmo a jovem, nada encontraram que os desabonasse, e o casamento fora aceito. Mas, em relação aos sentimentos que nada revelam se não se quer, eles temiam. Teria ela no coração o sentimento do amor na mesma intensidade que o dele para com ela?

Isto agora não importava mais, o casamento fora realizado e o filho estava feliz. Amarílis também demonstrava felicidade, e mais ainda seus pais, por terem entregado a filha a um homem de bem, a alguém que a amava e estava bem posto na vida. A convivência agora era de ambos, e o início é sempre de muita felicidade. A casa do casal já estava preparada, os últimos retoques foram dados enquanto viajavam e, ao voltarem, encontraram-na pronta para os receber, com um suprimento de víveres para que comesçassem a vida sem essa preocupação, e duas criadas contratadas para os servir.

Amarílis nunca fizera nenhum serviço doméstico, e talvez não soubesse comandar a casa de início, mas com o tempo e a ajuda das criadas, aprenderia. João não se importava com isso, dizendo que, enquanto ela não tivesse que se envolver com problemas domésticos, teria mais tempo para ele. A orientação do pai e a sua empresa proporcionavam a ele condições de desenvolver o seu trabalho, percebendo uma compensadora remuneração, porque era eficiente, esforçado e, mesmo antes de concluir o curso, já colaborara com o pai em muitos projetos.

Amarílis, ao contrário, estudara, completara um curso sem muita convicção, apenas para satisfazer os pais e acompanhar o que faziam suas amigas, mas nunca desempenhara a profissão para a qual fora habilitada, nem para isso houvera tempo nem necessidade. Assim que se formou já ficou envolvida com preparativos do casamento, e João não pretendia tê-la fora de casa trabalhando.

Ele aguardava, diariamente, o instante de voltar ao lar e encontrá-la linda, feliz e ansiosa pela sua chegada. A cada dia, na oportunidade desse momento, era uma festa para o coração de ambos. Com o passar do tempo, porém, em que o tédio do nada fazer é uma regra comum aos desocupados, Amarílis começou a queixar-se:

— Estou cansada, meu querido, de ficar o dia todo em casa! Nada tenho a fazer, as criadas são eficientes e fazem tudo. As horas não passam! Vivo todas elas só da espera da sua volta ao lar. Afora isso, estou me aborrecendo.

— Eu também vivo o meu dia aguardando a hora de regressar para os seus braços. As vezes me surpreendo absorto, parado, aqui

junto de você, para onde trago o meu pensamento para mais desfrutar da sua companhia.

- Por que você não larga tudo, nessas horas e volta para mim? Poderíamos passear juntos!
- Infelizmente, querida, não posso! Preciso cumprir minhas obrigações, cuidando para não ser um engenheiro relapso e levar prejuízos a papai.
- Você deveria ter seu próprio escritório e não ficar dependente de seu pai!
- Não me sinto dependente dele! Trabalho, recebo meu salário justo pelo que faço e estou satisfeito. Como um engenheiro jovem ainda, tenho me saído bem, e, por enquanto, preciso do apoio de papai. E muito difícil que confiem em quem mal acabou de receber o seu diploma. Futuramente, sim, pretendo ter minha própria empresa, ou, quem sabe, uma sociedade com papai que poderá ampliar a sua, ou até me passar o comando de tudo e desfrutar do justo e merecido descanso daqueles que sempre lutaram.
- Mas isso ainda demorará muito! E eu, que faço?
- Você fica me esperando, fazendo-se cada vez mais bonita para me receber, e quero que logo espere mais alguém que não só alegrará suas horas mas as minhas também, enchendo-nos de alegria.
- De que está falando?
- Você não entendeu?
- Entendi muito bem, mas não é o que pretendo por enquanto! Precisamos nos divertir, e ainda é muito cedo para ficarmos ambos em casa, presos com crianças.
- E a cadeia mais agradável e suave que teremos! Pense no sorriso de uma inocente criança dirigido a nós? Pense nas suas gracinhas!
- Não estou gostando nada deste assunto! Venha aqui, abrace-me, dê-me um beijo e goste de mim por mim mesma e nada mais...

Muitas vezes aquele assunto voltou à conversa de ambos, e Amarílis, da mesma forma, recusava-se não só a atendê-lo mas a ouvi-lo. Ela deixava-o falar sozinho, sem dar continuidade, desviando a sua atenção para outras coisas que nem eram do interesse dela, aproveitando-se do que se apresentava no momento, para fazê-lo esquecer o que dizia. Até os pais dela, com o passar do tempo, cobravam-lhe um neto. Depois do casamento da filha sentiam-se mais sós e ansiosos pelo sorriso e a meiguice de uma criança entre eles.

Certa vez, em casa deles, esse assunto voltou à baila em forma de brincadeira, e ela irritou-se tanto que se levantou, dizendo que iria embora. Que ninguém mais sabia olhar para ela como a Amarílis que diziam amar, mas como uma matriz pronta para gerar muitos filhos. Ela exigia respeito à sua vontade e, no momento em que achasse conveniente, ela mesma se manifestaria. Até então, se não quisessem afastá-la, que não tocassem mais no assunto.

Estas palavras deixaram a todos estarecidos, e, ao terminar, ela saiu, dizendo que voltaria para casa. João, compreendendo a inutilidade de tentar convencê-la a ficar, levantou-se também e seguiu-a, ainda consolando-a. Ela nada respondeu e mais nenhuma palavra foi trocada durante o percurso, até entrar em casa, quando explodiu novamente, levantando outros problemas.

— A partir de amanhã, não vou mais ficar em casa sozinha, saindo só quando você pode acompanhar-me! Irei passear todas as tardes, pois também tenho direito de distrair-me sem que ninguém me cobre nada.

, Acalme-se, querida! Não viu que estávamos brincando?

- Uma brincadeira de muito mau gosto! Vocês desrespeitaram a minha vontade!
- E que todos nós ansiamos pela chegada de um bebê! Eu, seus pais, sem falarmos nos meus!
- Que todos vão a um orfanato e lá encontrarão muitas crianças. Se quiserem, poderão até levá-las para casa!
- Não fale assim! Seja mais piedosa para com eles, que apenas expressam um desejo natural!
- Não voltemos a este assunto outra vez!
- Está bem, querida! Eu respeito a sua vontade apesar de desejar muito um filho. Venha aqui comigo, aconchegue-se em meu peito que os meus carinhos a tranquilizarão!
- Quero ficar só e não desejo seus carinhos!
- Não fale assim, Amarílis, nós nos amamos!
- Nem mais sei se isso é verdade! Você mesmo está destruindo o amor que tenho por você...
- Por querer ser carinhoso? Eu não compreendo. Eu a amo e desejo vê-la feliz! Se não quer filhos, saberei respeitar!
- Você já está avisado! A partir de amanhã não vou mais ficar em casa sozinha!
- Onde irá todas as tardes?
- A cada dia acharei um lugar diferente! Vou a uma compra, a um cinema, visitar alguma amiga que me compreende, a qualquer lugar, menos ficar em casa!

A João não adiantava discutir. Deveria deixar a esposa fazer o que quisesse. Afinal, sair a passeio, ainda mais durante o dia, não havia mal algum.

12 O TESTE MAIOR

Segundo o que prometera, Amarílis, quando o marido se retirava após o almoço, voltando para o trabalho, aprontava-se bem bonita, e, dirigindo seu próprio carro, saía para muitos lugares.

A princípio, quando João voltava no fim da tarde, ela já se encontrava em casa e sempre tinha alguma novidade para lhe contar, do que vira, do que comprara, de quem encontrara, mas, com o passar do tempo, essa satisfação foi sendo esquecida e, se ele a interrogasse, ela irritava-se.

Sobre filhos, nunca mais ninguém falou. Até à casa dos pais ela não voltou, deixando-os muito aborrecidos. A mãe, frequentemente, lhe telefonava convidando-a, sabendo que a filha saía todos os dias, porém, ela recusava com alguma desculpa, pretextando um compromisso. João estava ficando preocupado com tantas saídas e com a sua recusa em comentar o que havia feito. O amor entre ambos estava ficando abalado, não por ele que a amava cada vez mais, mas por ela que procurava afastar-se dele. Muitas vezes a interpelava, mas ela dizia que era a mesma, e ele é que deveria estar diferente. Certa vez, desejando tê-la mais perto de si, João propôs-lhe:

- Se você não gosta de ficar em casa sozinha, e há tanto tempo deve visitar os mesmos lugares, por que não vai comigo ao escritório, no período da tarde, e não trabalhamos juntos? O meu trabalho seria muito mais agradável !
- Você imagina que eu, que tenho procurado sair para não me ver presa em casa, vou prender-me num escritório?
- Estaríamos juntos!
- Quanto menos estiver junto de você, melhor me sinto!
- O que lhe fiz para ter abalado tanto os seus sentimentos para comigo? Eu a amo e sabia que era amado por você! O que aconteceu? Eu a decepcionei? Tenho procurado ser carinhoso e compreensivo, faço todas as suas vontades e a amo muito. Diga-me o que houve? Por que não me ama mais?
- Não desejo tocar nesse assunto! Eu não disse que não o amo!
- Não é preciso dizer! O amor sente-se e manifesta-se, e não precisa ser expresso em palavras mas em gestos e atenções.
- Você é muito romântico e sentimental! Eu sou mais realista e prática, é por isso que não combinamos.

João estava preocupado, não só pelas atitudes de Amarílis para com ele, que sabia tolerar e compreender, mas pela falta de amor que elas revelavam. Tão pouco tempo de casados, uns poucos anos, se considerarmos que muitos casais têm uma vida toda — até a velhice — de entendimento e compreensão, corolários do amor que deve unir duas almas.

Amarílis era uma incógnita. Vez por outra, para que ele não a interpelasse tanto, aceitava os seus carinhos e havia dias em que ela própria os pedia, dando-lhe a impressão de que sua vida iria mudar. Mas, logo a seguir, tudo voltava como antes, decependo, pela raiz, qualquer esperança que pudesse ter renascido nele. Muitas indagações ele se fazia, muitas conjeturas e reflexões realizava, mas não encontrava nada que tivesse partido de si mesmo para que aquela situação entre ambos se efetivasse, e ela afastava-se dele cada vez mais.

Entre todas as suas interrogações, uma suposição começou a irromper do mais íntimo do seu íntimo, mas ele temia só em pensar. Porém, era a única que explicava a mudança tão radical de Amarílis para com ele. Sim, fora desde que ela passou a sair de casa diariamente, que a situação no lar começou a mudar, decorrente da própria mudança que se operava nela.

Embora não querendo pensar, tinha que admitir. Amarílis estava amando outro homem, não tinha dúvidas! Ela deveria tê-lo conhecido durante os seus passeios e não resistido, quem sabe, aos seus galanteios e atrevimento, e se apaixonara. Contudo, destas reflexões, emergia um outro pensamento: Se ela já não o amava, se não sentia mais prazer em sua companhia e recusava os seus carinhos, por que não fora franca e não lhe revelara a verdade? Por que não fora viver com esse novo amor?

Com certeza, ele também era comprometido, e estavam apenas tendo uma aventura. Como desejava segui-la para comprovar todas essas hipóteses! Entretanto, não se colocaria numa situação tão humilhante e, ao mesmo tempo, tão vil. Até o seu trabalho, que era de grande responsabilidade, estava sendo afetado. Não conseguia concentração para realizá-lo. E se falasse francamente com ela, fazendo-a confessar? Segundo as suas respostas, até a perdoaria, bastava que ela se modificasse daí em diante e se voltasse para o lar.

Era uma situação deveras complicada e intrigante para o seu coração, mas nada havia a fazer, senão aguardar. Assim, esperou algum tempo suportando a sua indiferença, a sua pouca conversa com ele, mostrando-se sempre absorta e com o pensamento longe, e não tinha mais dúvidas — fora trocado por outro. Todavia, ele a amava tanto que não queria nem pensar em perdê-la. Fosse como fosse queria-a perto dele, mesmo vendo-a tão afastada, não se importando mais se fingia ao aceitar seus carinhos.

Após um tempo, ele começou a perceber que ela andava mais nervosa e irritada e, sem nada explicar, já não estava saindo de casa com tanta freqüência. Ele, como sempre, formulava as suas hipóteses, mas, dentre todas, jamais imaginou o que realmente estava ocorrendo.

Quando Amarílis decidiu que não mais ficaria em casa sozinha, que iria passear, arrumando-se cada vez mais bonita, em um desses passeios, despertou a atenção de um homem mais velho que ela, cujo olhar insistente nos olhos dela fê-la também se sentir atraída por ele. Nada demorou, abordou-a com galanteios ternos e amorosos olhares, penetrando seu coração por inteiro.

Por insistência dele, o que era casual passou a ser combinado, e eles começaram a se encontrar quase diariamente. Iam a lugares afastados para não despertar a atenção, e até locais de encontros amorosos mais íntimos começaram a freqüentar. Mais ela se envolvia com esse cavalheiro, mais se afastava do marido. Era uma paixão avassaladora de ambas as partes.

— Por que não colocamos um ponto final em nossos encontros furtivos e não vamos viver juntos, sem medo, sem preocupações e preconceitos? — indagava-lhe Amarílis. — Era tudo o que eu mais queria!

— Esse é, também, o meu maior desejo, mas sabe que não posso! Sou casado, nunca lhe neguei, e tenho filhos que precisam de mim. Eu amo como nunca amei ninguém na minha vida, mas nos encontramos muito tarde. Contento-me com estes momentos, se mais não posso ter, e sou feliz apenas nestas horas.

— Não suporto mais voltar para casa! Meu marido anda desconfiado, às vezes chego depois dele, mas, como é muito bom e me ama, nada pergunta, talvez com receio de que lhe revele a verdade que não quer ouvir. Mas não podemos ficar assim a vida toda!

— Compreendo, querida, e gostaria de passar com você o resto dos meus dias, mas não posso. Por isso, vivamos os momentos em que nos encontramos e esqueçamos os outros! Sejamos felizes agora, e guardemos a lembrança dessa felicidade, para quando nos virmos afastados.

Depois que Amarílis passou a permanecer em casa, mais calada e mais irritada, João compreendeu que algum fato grave deveria ter acontecido, mas ela nada dizia. Falava com ele apenas o necessário, nunca mais fez nenhum comentário sobre nada, e, por mais a interpelasse e desejasse aproximar-se, uma barreira intransponível fora colocada entre ambos, mantendo cada um à distância.

João sofria muito e era evidente que ela também. A verdade era que os encontros, para aquele que tocara fundo o seu coração, já não tinham mais o mesmo encanto, e ele começou a faltar aos compromissos. Sem a companhia dele, nada mais lhe interessava fora de casa, por isso voltava mais cedo, dando a impressão ao marido que deixara de sair. Dias depois ele retomava com alguma desculpa e tudo ficava bem outra vez, tanta era a alegria que ela sentia ao vê-lo.

Nessas condições, eles permaneceram ainda por algum tempo, e Amarílis, pretendendo, talvez, que ele tomasse uma decisão a seu favor, permanecendo para sempre em sua companhia, deixou-se engravidar. Ao perceber que seu plano fora bem sucedido, feliz, ela contou-lhe, dizendo:

— O que eu nunca quis com meu marido, eu o quis com você!

— De que está falando?

— Vamos ter um filho só nosso, do nosso amor!

— Você está ficando louca?

— E assim que recebe essa notícia que me traz tanta alegria? E um filho só nosso! Venha viver comigo, querido, criaremos o nosso filhinho, seus outros já não precisam de você!

— Os filhos sempre precisam dos pais, e eu não pretendo separar-me da minha esposa nem me afastar dos meus filhos, sempre lhe disse isso!

— Se os filhos precisam dos pais, mais precisa o nosso!

— Crie-o você com seu marido. Diga-lhe que o filho é dele. Eu não desejo essa criança e não quero saber dela!

— Não suporto mais a vida com meu marido, só pensando em você e nos nossos encontros! Depois, eu não posso lhe dizer que o filho é dele, pois que há muito tempo estamos afastados.

— Faça como achar melhor, fale-lhe a verdade, mas não me envolva que não posso expor-me!

— Você não tem piedade de mim, do nosso filhinho que irá nascer sem pai?

— Eu a amo, e mais ainda já a amei, mas tenho a minha família e não vou deixá-la! Eu nunca a enganei e acho bom, diante do acontecido, por culpa tão somente da sua imprevidência, que coloquemos um ponto-final nestes nossos encontros desde já.

— Quer abandonar-me justamente agora?

— Cada um viverá a sua vida! Eu não virei mais aqui e não me procure!

A partir desse dia começou o sofrimento de Amarílis. Ela nunca mais saiu de casa às tardes, andava triste, irritada e impaciente, e João percebia até que ela havia chorado muito. Certa vez, transpondo a barreira que ela própria havia construído entre ambos, ele achegou-se bem perto dela, e, com voz tema, expressou o que lhe ia na alma.

— Sei que não gosta mais de mim, embora não saiba a razão, mas sempre a amei e a amo ainda, e vejo que está sofrendo. O que houve para ter mudado tanto? Enquanto a via feliz, mesmo afastada de mim, e não obstante suportando a sua indiferença, também sentia certa felicidade porque você é tudo o que eu mais amo nesta minha vida. A sua felicidade é a minha também! Agora, porém, a vejo triste, ansiosa, angustiada, e, às vezes, percebo que tem chorado. Diga-me, seja o que for, estarei disposto a compreender! Se algum mal você fez, sabe que a perdoarei. Aqueles que amam verdadeiramente, sempre perdoam.

Ouvindo estas palavras, Amarílis criou coragem e começou por indagar:

— Você está disposto a me perdoar, mesmo que meu erro tenha sido grave?

— Erro é sempre erro e não vamos medir a intensidade dele, agora! Fale, o que aconteceu?

— Estou esperando um filho!
— Então o que imaginei é real! Existe outro homem em sua vida. Bem que eu estava desconfiado mas nunca quis investigar de medo da verdade.
— Pois agora a tem toda! Amo outro homem, tenho me encontrado com ele todo esse tempo, mas agora que espero um filho dele, fui abandonada.
— O que você esperava de uma aventura fora do lar? Ele é casado?
— Sim, tem família e disse que não vai abandoná-la por mim, apesar de me amar também!
— Quem é esse mau caráter?
— De que adianta saber? Eu sei muito pouco sobre ele! O que me importava era o amor que me dava! Sou muito infeliz. O que vou fazer com essa criança agora?
Eu a amo muito, e, por esse amor, posso assumir essa criança como um filho meu!
<.!— Você faria isso?
— Pelo amor que sinto por você, eu o farei! Pode dizer a todos que o filho tão aguardado por mim vai chegar agora! Ninguém precisa saber o que houve.

— Você é muito bom e eu envergonho-me diante de você!
— O amor sempre nos faz cometer desatinos se não tivermos bom-senso, e você foi vítima dos próprios sentimentos. Eu queria muito é ter sido amado por você como esse outro homem o foi!
Amarílis abaixou a cabeça envergonhada ante tanta bondade, e nada mais disse. Ele tomou as mãos dela e beijou-as muito, mas logo ela se levantou, dizendo que iria deitar-se. Estava cansada e precisava pensar.

—Não há o que pensar, querida, apenas descanse, cuidando do nosso filho! — tomou ele bondosamente, pronunciando com mais ênfase a palavra nosso.

Depois da retirada de Amarílis, João, com o coração partido pela dor do desprezo, do desamor, atirou-se em uma cadeira, pensando, pensando muito, sem compreender o que havia acontecido. Sempre fora atencioso, carinhoso para com ela na demonstração do intenso amor que lhe dedicava, e sabia que o dela para com ele nunca o fora na mesma intensidade, mas acreditava ser amado.

As lembranças foram se achegando e, de uma a uma, retomou ao dia em que ela se irritara tanto, na casa dos pais, por terem voltado ao assunto que se recusava discutir — um filho. Ah, como a vida era traiçoeira, pensava ele. Se ela havia se decidido a ter uma nova vida na qual poria passeios, distrações, para não ficar sozinha em casa, tudo voltara àquele ponto de partida. O que ela recusara terminantemente a ter com ele, o teria agora com outro, e ele, por amor, ainda aceitara aquele filho, resultado de uma traição, como se dele fosse.

Seu coração sangrava, sua mente trabalhava, e ainda, acima de todos esses acontecimentos, estaria a mentira. Os familiares, felizes, festejariam a chegada do bebê tão aguardado, e ela, com certeza, voltaria com frequência para junto dos seus, pois não mais ouviria o que a desgostava. E ele, diante dessa situação, como deveria se portar? Como o pai feliz que, a custo, havia conseguido o que tanto desejava, mas que, intimamente, apesar de não querer demonstrar, sentia-se muito infeliz? Não era fácil para ele ter se sentido rejeitado por tanto tempo, e depois aceitar o resultado do que ela procurara fora do lar.

João não fora obrigado a isso, mas amava-a muito e não pretendia perdê-la. Poderia, com toda a razão, devolvê-la aos pais como a mais pérfida das traidoras e recomeçar uma nova vida. Porém, como estaria o seu íntimo? Seria ele capaz de viver sem ela, de suportar a ausência da sua bem amada, mesmo depois de tudo o que ela havia feito? Sabia que não! Sem ela, não teria mais razão de viver.

Era preferível tê-la em sua companhia, na condição que fosse. Assim ele manteria o lar na esperança de que ela voltasse a amá-lo, mesmo em razão do reconhecimento do que estava fazendo, e não a veria humilhada e desonrada perante os outros. Aparentemente estava feliz, e o demonstraria para ela. Não tivera uma única palavra de recriminação diante da sua atitude. Receberia o filho de um amor clandestino como se seu o fora, e continuariam a vida juntos.

Colocados todos os pesos na balança do seu coração, o lado que deveria perdoar, aceitando o filho como seu, pesou mais e ele não vacilou em admitir que tomara a melhor decisão. Diante do mundo, quem soubesse, o julgaria um pusilânime, um covarde sem brio, sem caráter, sem amor-próprio, mas, diante de si mesmo, conquanto sofrendo, estava em harmonia com a sua consciência e com seu coração. Com o tempo, seus sentimentos conturbados se apaziguariam, ele se sentiria bem e até aprenderia a amar aquela criança que não tinha culpa da imprevidência dos pais, como seu próprio filho.

Ah, quantos sentimentos rondaram-lhe a mente que flutuava entre as lembranças do passado, a realidade presente e as expectativas do futuro, com uma rapidez incontrolável, conturbando-a, às vezes. Quando entendeu que em nada mais deveria pensar, pois a atitude já fora tomada, num repente, levantou-se e foi até o quarto ver como Amarílis se encontrava.

Ela parecia dormir. Cuidadosamente se colocou ao seu lado e, recostado à cabeceira da cama, observava-a dormindo. Como era bela! Como a amava! Quantas histórias de esposas que traíam o marido já ouvira, e alguns, procurando vingança, expulsavam-nas de casa. E outros, mais violentos, achavam que deveriam lavar a honra com sangue. Ele, no entanto, ali estava ao lado dela, observando-a na serenidade que o sono transmitia às suas feições, tomando-as mais belas, e indagando-se o porquê daquela situação. Por que ela o traía? Que atração tão forte sentira por aquele homem, que a ele se entregara sem barreiras e sem cuidados? Quem seria ele que também se sentiu tão atraído por ela, e onde estaria?

No mesmo instante, como que uma voz interior irrompeu do seu coração, dizendo-lhe que a decisão estava tomada e não adiantariam indagações. O passado deveria ser, não esquecido que seria difícil, mas sufocado, para dar lugar a uma nova vida a partir de então, mesmo entre as feridas que ainda queimavam. Em pouco tempo ele viu Amarílis voltar-se para o seu lado, e, acordando, surpreendeu-se:

— Você está aqui comigo?

— Dormiu bem? Descansou?

; — Pensei muito, sinto-me envergonhada, mas consegui dormir um pouco.

Parecia que, a partir de então, aquele assunto não seria mais discutido. Cada um, por sua vez, guardando mágoas, tristezas e decepções, conquanto de natureza diferente, se esforçaria para enfrentar o período que começava a viver, da melhor forma possível, sem agressões, sem cobranças, mas, esquecido, jamais seria.

Cada vez que João olhasse para Amarílis, lembraria de tudo, principalmente quando seu corpo começasse a demonstrar as primeiras modificações. Entretanto ele, que colocava o seu amor acima de todo e qualquer sofrimento que ela lhe ocasionara e ainda poderia ocasionar, pedia a Deus que o fizesse amar aquela criança que viria como um filho seu, e vivesse das alegrias que ele, na sua ingenuidade infantil, pudesse lhe proporcionar.

Ele estava esperançoso de que as mágoas se acomodassem, e fossem substituídas por um período de serenidade e amizade entre ambos, e que depois, talvez, agradecida por ele livrá-la de humilhações perante os outros, por acobertar o seu erro e receber o fruto dele como seu filhinho, o seu amor por ele renascesse. Contudo, de nada adiantaria fazer previsões, pois só o tempo, o grande remédio que, se não cura totalmente as chagas do sofrimento, faz com que doam menos e até não sangrem, lhes proporcionaria uma vida regular.

13 O FILHO

A partir daquele dia, Amarílis nunca mais saiu de casa sem a companhia de João; assim mesmo, iam a lugares mais discretos, porque ainda se ressentia da vergonha que trazia no íntimo.

Quando sentiu que poderia dar a notícia aos pais, sem que nenhum vestígio pudesse demonstrar o que havia se passado, e por insistência de João, eles visitaram os familiares de ambos para levar-lhes a boa nova de que a família, conforme era o desejo de todos, iria aumentar.

A felicidade demonstrada pelos familiares foi muito grande. Abraços de satisfação e bons augúrios foram trocados, e João, a cada um que recebia, era como se uma punhalada no peito lhe fosse desferida. Mas, como cavalheiro, recebia-o com sorriso nos lábios, que ninguém percebeu, trazia uma ponta de amargura.

Ele se dispusera a perdoar, sentia-se bem, nunca mais tocara no assunto com a esposa, mas seria impossível, num momento daqueles, estar tão integrado no papel que representava, como o fazem os melhores atores, e nada sentir. Ele fingia, esforçava-se, porém, não estava num palco onde, em pouco tempo, a representação terminaria, mas na roda viva da existência, onde as atribulações, as decepções, as frustrações e os problemas têm que ser vividos em toda a sua intensidade.

Depois que as famílias tiveram conhecimento, e as demonstrações de felicidade se asserenaram, mais uma etapa do que ele se propusera a enfrentar, estava cumprida. Todavia, não deixou de sentir pena de seus pais, que tanto se alegraram pela chegada do neto. Ele se oferecera em sacrifício do seu amor-próprio, do seu orgulho, para viver aquela situação, mas seus pais estavam sendo enganados e ele nada podia fazer. A representação deveria continuar, e os atores, quem sabe, tão bem inseridos em seus papéis, ainda não se confundissem com a realidade, diluindo a encenação, sentindo-se, não mais num palco, mas perfeitamente incorporados no dia a dia da vida real, esquecidos do papel que precisaram representar.

O tempo foi passando. Amarílis esforçava-se para demonstrar gratidão e voltava, aos poucos, a aceitar, não tão à vontade, mas satisfeita com eles, os carinhos que timidamente o marido lhe fazia, na esperança de que a vida de ambos ainda voltasse à normalidade que ela, com sua imprevidência e desatino, havia destruído.

A época do nascimento do bebê estava cada vez mais próxima. Quando a data da sua chegada estava prevista para daí a poucos dias, João, pedindo desculpas a Amarílis, dizendo que seria a última vez que tocaria naquele assunto, indagou:

— Você nunca mais teve notícias daquele homem? — não desejava dizer — do pai de seu filho — porque pretendia cada vez mais acreditar que ele mesmo era pai daquela criança que em poucos dias viria à luz.

— Nunca mais! Não sei o que foi feito dele, nunca mais me procurou, nunca mais o vi!

— Assim é melhor! — exclamou João com voz sumida. — Era preciso voltar a este assunto hoje, porque daqui a alguns dias nossa família irá aumentar, o nosso filho irá nascer, e eu preciso ter a certeza de que não só você, mas ele também, nunca será abordado por aquele que o desprezou. Ele será o nosso filho, será criado por nós, levará o meu nome, e espero que tudo seja esquecido. A criança não é culpada de nada e não merece sofrer pelo pai verdadeiro que tem. Depois que ele nascer, nunca mais, em nenhum momento, por razão nenhuma, este assunto voltará à discussão. Quero-o preservado de problemas e decepções.

Amarílis ouviu o marido até o fim e não disse mais nenhuma palavra. Nesses seus instantes de silêncio, João, do mais profundo do seu ser, gostaria de ter a capacidade de ler pensamentos. Ela demonstrava esforçar-se, tinha de ser grata a ele por tudo o que lhe fizera, porém, e os seus pensamentos? Onde estariam durante seu mais profundo silêncio? E o seu coração, estaria liberto do amor que aquele homem lhe inspirara? Muitas vezes, mesmo em meio às grandes decepções, não se consegue esquecer o ser que as provocara, se, antecedendo a elas, um amor os uniu, momentos felizes foram vividos, juras de amor e carinhos foram trocados.

Por isso João supunha que aquele homem ainda permanecia no coração da esposa, mesmo distante e totalmente ausente, sobretudo quando a hora do nascimento do seu filho se aproximava. Com certeza pensava até se ele teria alguma semelhança com o pai, se traria algum de seus traços, algum detalhe de seu rosto para fazer-se presente diante dela vinte e quatro horas por dia.

João também abrigava esse pensamento, receando e pedindo a Deus que não trouxesse nenhuma parecença com o pai, para mais fácil ser esquecido e ser considerado seu filho. Entretanto, com receio ou não, com preocupações, ansiedade ou calma, o tempo segue seu curso e os dias que ainda faltavam para que aquele corpinho completasse seus últimos detalhes para se mostrar à luz, transcorreram, e, numa madrugada, João foi acordado por Amarílis em dores, dizendo que a hora havia chegado.

As medidas finais foram tomadas, porque as que antecedem essa hora e podem ser providenciadas, já haviam sido, e João levou-a a um hospital, cujo médico acompanhara aquela gravidez desde que Amarílis a comunicara ao marido.

Expectativas, preocupações e aqueles mesmos receios agora eram mais intensos, mas, decorrido o tempo necessário para que ele se fizesse presente neste mundo de tantas provas e expiações, **o seu primeiro vagido foi ouvido. Era um forte e belo menino.**

João recebeu-o com alegria mas certa mágoa. Contudo, como já vinha se preparando interiormente para aquele momento, procurou nulificar receios e a alegria não foi difícil de ser demonstrada. Quando pôde estar com a esposa, ela, sem ter o que lhe dizer, apenas olhou-o e respondeu a pergunta que ele lhe fizera, dizendo:

— Estou bem! Muito obrigada, muito obrigada!

— Eu estou feliz, o nosso filho veio ao mundo, mas ainda não o vi!

— Ele é forte e bonitinho, logo será trazido arrumadinho para nós!

— Não se esqueça do que já conversamos!

As palavras eram difíceis, mesmo com tanto esforço e promessas; mas, ao seu primeiro sorriso, quando ele pronunciasse pela primeira vez a palavra papai, quando erguesse os bracinhos pedindo o seu colo, todas as mágoas estariam esquecidas de vez; assim esperava João. Entretanto, ao ter esses pensamentos como uma desculpa a si mesmo pelos temores que trazia, muitas indagações surgiram-lhe na mente. — Seria justo afastar assim uma criança inocente do seu pai verdadeiro e iludi-la com outra paternidade, enganando-a? Mas se o próprio pai não se importou com ela, o que fazer numa situação dessas? Pai não é aquele que dá amor a uma criança, que a cria com carinho? Ou só pode ser considerado pai aquele que tem o seu sangue mas a despreza, não se importando em vê-la, em acompanhar o seu crescimento, e não se importando nem em saber se nasceu?

Diante de todas essas ponderações, ele seria o pai. Quando visse o bebê, João se encantaria e esqueceria todos os seus pensamentos e receios. — Tão pequeno, tão frágil, tão dependente! Sim, o amaria muito, seria o seu filho, aquele a quem se dedicaria com muito carinho.

Mas, ele tomou a conjeturar: Se penso nele dessa maneira, com tanto amor, como será ter nos braços um filho realmente meu?

Depois que esse tiver crescido mais, eu quero ter, com Amarílis a quem tanto amo, um filho só meu, e ela, depois de tudo, não mo negará.

Assim teriam dois filhos, tratados com o mesmo amor, sem nenhuma diferença, mas um deles teria o seu sangue, seria seu, dando-lhe a agradável sensação do que é ser verdadeiramente pai, em toda a extensão do significado das palavras, — amor e sangue — cuja sensação queria experimentar.

Ainda era muito cedo para tocar nesse assunto com Amarílis, porém, à hora que julgasse propícia, lhe falaria, e ela, se fosse reconhecida, não recusaria e até ficaria feliz em agradecer-lhe com um filho realmente dele.

Interrompendo todas essas reflexões, João viu uma enfermeira entrar no quarto, trazendo o bebê nos braços, todo enroladinho nas roupinhas que Amarílis lhe preparara. O calor que elas lhe proporcionavam, e o aconchego dos braços que o sustinham, davam-lhe segurança e paz, como se ainda estivesse abrigado e protegido no corpo da mãe.

João ergueu a manta que o impedia de ver todo o seu rostinho, olhou-o e achou-o lindo. Dizer que era parecido com a mãe, também muito bonita, era prematuro; o pai, não conhecia, mas, como recém-nascido ainda não revela com firmeza e nitidez, os traços de nenhum dos dois, considerou-o muito bonitinho. Seus olhinhos estavam fechados e ele dormia tranquilamente, recuperando-se do cansaço das primeiras horas de vida à luz da Terra.

Colocado ao lado da mãe para continuar a receber um pouco do calor materno com o qual estivera habituado, ele nem acordou. Ela olhava-o

com certa ternura, mas não se percebia em seu rosto aquela alegria franca e aberta que demonstram as mães ao receber, a seu lado, bem aconchegadinho a seu corpo, o filhinho querido que acaba de nascer. João considerou-a constringida para demonstrar, efusivamente, a sua felicidade em receber o filho de outro homem diante do marido traído, que, não obstante por amor, **soubera compreender e perdoar.**

A partir daquele dia, uma nova etapa de vida começaria para ambos. João utilizava-se de toda a sua força para harmonizar seu íntimo com os sentimentos frustrantes que ainda carregava, a fim de viverem felizes, não apenas na aparência, mas também na alma.

A recuperação de Amarílis foi normal e, em poucos dias, estava de volta ao lar, para se adentrar numa nova rotina de vida que a chegada de um bebê impõe a todos, sobretudo à mãe, a quem cabe os cuidados mais especiais de dedicação e amor. Os dias sucediam-se, o pequeno desenvolvia-se sadio e forte, e já sorria à presença do pai que aprendera a tomá-lo em seu colo, procurando ver, naquela criança, o próprio filho.

Quando tiveram de decidir o nome do bebê, Amarílis, um tanto envergonhada e tímida, disse-lhe que, se ele não se importasse, como gratidão a tanta compreensão que demonstrara e ao amor que parecia, já dedicava ao bebê, gostaria de lhe dar o seu nome — João Batista. João ficou um tanto surpreso com essa lembrança, e sentimentos desencontrados começaram a tumultuar sua mente. — Seria justo colocar seu nome no filho de outro homem? E o pai da criança, como se chamaria? Nunca perguntara nem a esposa o revelara, e ele achava melhor assim para mantê-lo mais distante das suas decepções.

Sem ter como recusar, ainda agradecendo, João concordou, mas, intimamente, pensava que gostaria de reservar seu nome a seu próprio filho, aquele que esperava, em mais alguns poucos anos, estivesse em seus braços de pai amoroso.

Amarílis, porém, sabia porque o desejava. Outro, não teria mais. Não porque não pudesse, pois era forte e fértil; a questão era que não desejava. Outro filho, não queria. A sua postura anterior seria mantida. Bastava um para já lhe dar trabalho suficiente. Sem saber desses pensamentos da esposa, João esperava, mas soube se conformar com o nome que ela escolhera.

Quando tivesse o próprio filho, para que o nome não fugisse à verdadeira paternidade, e como o seu já fora utilizado, colocaria o nome do seu pai, dando-lhe muita alegria.

O tempo foi decorrendo e, quando perceberam, o pequeno João já estava ensaiando os primeiros passinhos e as primeiras palavrinhas, para o encanto dos pais. João não mais se fazia tantas perguntas, não mais pensava tanto no passado e procurava, cada vez mais, receber aquela criança que já estendia os bracinhos para ele, com amor. Ao ouvi-lo pronunciar pela primeira vez, a primeira sílaba na qual antevia a palavra papai, sua alegria foi muito grande.

Amarílis cuidava dele, tinha criadas que a ajudavam, mas não era muito paciente para suportar, nem suas pequenas manhas, nem os carinhos que ele queria lhe fazer quando desejava estar em seu colo.

João já pensava em lhe falar sobre outro filho, aquele que seria seu, mas adiava essa conversa, porque não a sentia receptiva, sempre se queixando, sempre impaciente e nervosa. Depois que o pequeno João completou dois anos, imaginou ter chegado a hora de lhe pedir o que tanto desejava, e, aproveitando-se de um momento de paz em que estavam juntos num jardim onde levaram o pequeno para passear, criou coragem e lhe falou. Enquanto o pequeno se distraía, disse que não deveriam ficar só com aquele filho, já estava na hora de pensarem em um irmãozinho para ele que se distraía tanto com outras crianças, mas teve o cuidado de não lhe revelar o desejo de ter um filho realmente seu.

Ao ouvir a sua fala, Amarílis, num repente jamais imaginado por João, respondeu irritada:

— Você está delirando? Sabe que nunca quis filho nenhum, e esse, sabe como vim a tê-lo ! Outro não quero! Já chega o trabalho que tenho com esse. Não toque mais nesse assunto comigo para não me ver aborrecida!

João, estarrecido, sem querer ser indelicado, pois sempre soubera manter-se como o verdadeiro pai do pequeno, que assim havia decidido, surpreso pela indignação da esposa, respondeu:

— Eu suponho que tenho direito a um filho que seja meu!

— Você prometeu não mais voltar a este assunto, e vejo que me enganou! Mostrou-se bom e compreensivo, mas agora vem com suas cobranças. Se fosse para pedir uma retribuição à sua generosidade, melhor que não a tivesse tido.

Dizer que João estava desconhecendo Amarílis, faltaríamos com a verdade, porque ele a conhecia demais, porém, depois de tudo, imaginou que ela houvesse se modificado. Envergonhado porque ela começara a falar alto, pegou o pequeno, dizendo que era melhor voltarem para casa.

— Não pense você, que, em casa, este assunto será novamente discutido. Ele encerra-se aqui de vez, e nunca mais me fale nisso, para que não venhamos a nos desentender.

Pobre João! Voltava para casa com as esperanças destruídas, com a tristeza envolvendo todo o seu ser e bastante decepcionado. Quando Amarílis lhe anunciou que esperava um filho de outro homem, como resultado de uma vil traição, sofrerá muito, mas se pudéssemos medir a intensidade do sofrimento que toma o coração das pessoas, podemos dizer, sem sombra de engano, que, naquele momento, sofria muito mais.

A situação anterior demonstrava uma falha de caráter, um erro, mas fora passageira, não obstante levando em consideração que não fora mais além, pela atitude do homem com o qual se envolveu.

Nada servira para modificá-la e, restabelecida a paz e segurança, tanto do lar quanto da sua dignidade de mulher que traíra o marido, retomou ao que era antes. A vida com Amarílis seria sempre difícil, ele sabia, mas antevia um futuro cada vez pior. De nada adiantaria retomar àquele assunto, ela não cederia.

Imbuído dessas convicções que tomavam corpo e se avolumavam em sua mente e em seu coração, João foi se retraindo mais e mais, e, dentro do lar, apesar de amar a esposa, foi se tomando triste e taciturno, talvez obrigado pela própria atitude **dela. Brincava com o filho, que assim considerava aquela criança, conversava com a esposa, não mais com o entusiasmo e a alegria de antes mesmo em vista do que já havia acontecido, e percebeu que até o seu trabalho estava sendo atingido pelo desencanto.**

Para que trabalhar tanto, para que se dedicar, construir um nome respeitado dentro da profissão, se não teria um filho verdadeiramente seu para deixar? Com o passar do tempo, o seu desejo foi deixar a sua casa, o trabalho, e viver isolado, sem ter que enfrentar diariamente a nova situação que foi se instalando em seu lar, quando a esposa, também taciturna, sempre irritada e amarga, se recolhia em seu quarto.

Companhia para o marido e o filho, ela já não fazia. A criança ia crescendo mais apegada àquele que julgava seu pai, e, para não sofrer mais, até o quarto do casal João havia deixado. Ele não se sentia bem lá dentro, vivendo diante de tanta indiferença, e, quando entrava, parecia-lhe estar invadindo um santuário onde alguma relíquia sagrada era guardada isolada de todos. Assim imaginava que Amarílis estava se julgando.

Ali, quem pudesse ter toda a visão do que já haviam vivido num passado não tão distante, da vida que tiveram na encarnação precedente, não poderia supor que fosse possível haver uma cópia do que havia sido para o que estava acontecendo.

Não seria possível, depois de tanto sofrer, de tanto ter malbaratado toda a existência por convicções errôneas criadas por si mesma, depois de saber toda a verdade dos fatos e ter prometido tanto para poder ter a permissão de uma nova existência com aqueles com os quais convivera anteriormente, para ressarcir seus erros, que tudo se repetisse outra vez.

Como poderia acontecer? Não estava ela preparada para o que tão ardentemente desejou? E o pobre João que muito já havia sofrido nas mãos da então Virgínia e agora Amarílis, como suportaria nova carga de sofrimentos, apesar do grande amor que lhe devotava?

Naquela época ele deixara o lar porque fora expulso e **obrigado a viver longe dos filhos. Nessa existência, seu sofrimento não era menor, porém, permanecia no lar, junto do filho que não tinha culpa de nada. Por isso mesmo, talvez, seu sofrimento fosse maior. Ele a via somente quando ela deixava o quarto, se, nesses momentos, estivesse em casa. Apesar de tudo, tinha a companhia do garoto, que, com ou sem os carinhos e atenções da mãe, crescia e já estava ingressando no mistério das primeiras letras e começando a desvendá-lo todo. O próprio João o auxiliava, e era com ele, mesmo sem ser seu filho, que tinha um pouco de alegria no lar.**

O garoto sempre interrogava o pai do porquê de a mãe andar sempre irritada e fechada no quarto, explicando-lhe, inocentemente, que nada havia feito, que não desobedecera a ela. As vezes, pela sua incompreensão, perguntava se ela não estava doente.

João dava-lhe algumas explicações, ele satisfazia-se momentaneamente, mas, depois, as mesmas indagações retomavam.

14 DESFECHO

Cada vez mais aquela situação no lar se tornava insustentável. O pequeno João revelava-se um menino de bom caráter, porém, ressentia-se da falta da mãe, dos seus carinhos, mas ia crescendo, estudando e mais apegado ao pai.

O tempo passava. Amarílis se transformara numa pessoa amarga, perdera o encanto pela vida, e, inexplicavelmente, vivia, dentro do lar, quase que em completa reclusão em seu quarto. Nem as ordens tão necessárias às criadas para que as atividades domésticas se desenvolvessem com naturalidade e eficiência ela as transmitia.

As vezes as serviçais se sentiam meio perdidas no desempenho das obrigações, conquanto as duas, na rotina diária, soubessem bem como conduzi-las. O suprimento doméstico era efetuado por João, acompanhado pelo filho, quando podia levá-lo, mas Amarílis era indiferente a tudo. Alimentava-se, nem sempre à mesa com o marido e o filho, pois, com frequência, pedia lhe fosse levada uma bandeja no quarto. Até a sua beleza perdera o viço. A vaidade, perdera-a toda, e não raro ela saía do quarto sem ter passado um pente pelo cabelo.

João andava preocupado. Dentro das suas angústias e frustrações, indagava-se o que havia feito para que ela tivesse se transformado tanto, mas nunca encontrava resposta. Sempre a **amara, renunciara ao seu amor próprio, ao seu orgulho ferido para aceitar uma situação que o constrangeria e o decepcionara, tudo para não perdê-la e não deixá-la só numa contingência muito difícil, e o que recebera em troca? Não que desejasse o seu reconhecimento constante e que se curvasse ante ele pelo que recebera de bom, mas, pelo menos, que tivesse se mantido numa vida normal dentro do lar, sem tantas amarguras e sem desprezá-lo.**

As vezes lhe voltava à mente aquele desejo de tudo abandonar, mas se se afastasse de casa, o que seria deles? O que seria dela num momento de necessidade, quando alguma enfermidade a acometesse? O que seria do filho, tão esquecido pela mãe, e tão apegado a ele?

Com o decorrer do tempo Amarílis ficava cada vez pior. Certa vez passou dois dias sem vê-la. Ela não deixará o quarto, as criadas serviam-na, e uma delas, ao cabo do segundo dia, disse-lhe:

— Doutor, a senhora não está bem!

— O que tem ela de diferente de tudo o que tem feito ou de como tem vivido?

— Ela nega e proibiu-me de falar ao senhor, mas vejo que não está bem de saúde. Está com febre alta, não tem se alimentado e recusa algum remédio que tenho lhe oferecido.

— Eu vou vê-la!

— Não diga que lhe contei!

— Saberei como fazê-lo. Não se preocupe!

Cuidadosamente João foi abrindo a porta do quarto e, ao entrar, deparou-se com Amarílis indiferente à sua presença. Em outra oportunidade ela própria o expulsaria do seu refúgio, mas não reagiu. Abeirou-se da cama e, indagando o que ela estava sentindo, colocou a mão em sua testa e viu que queimava de febre. Imediatamente se retirou do quarto e telefonou a um médico, o que mais rapidamente encontrou na lista, pedindo-lhe que viesse à sua casa ver sua esposa, sem demora. Passou-lhe o endereço e **nada mais.**

Em meia hora o médico chegava e foi conduzido por ele ao quarto de Amarílis. Ao entrar, João percebeu que ele se surpreendeu ficando transtornado.

A aparência de Amarílis mudara. Mostrava os traços mais acentuados por algumas rugas precoces, entre seus cabelos despontavam muitos fios brancos, mas a fisionomia era a mesma. Ela mantinha os olhos fechados e, à aproximação dele, João falou-lhe:

— Amarílis, chamei um médico para examiná-la!

Lentamente ela abriu os olhos e deparou-se, à sua frente, com aquele rosto que guardara em sua retina por todos aqueles anos. Um pouco mais envelhecido, mas bastante forte e vigoroso.

— Você não! Você não! — gritou ela repetidas vezes.

Diante de uma pessoa que precisava de seus serviços, ele não podia recuar. Tentando tomar o pulso da enferma, ela recusava-se a permitir, exclamando nervosa:

— Tire suas mãos de mim, canalha! Vá embora daqui!

Para João, nada precisou ser explicado. Compreendeu

perfeitamente o que ela queria dizer. A sua reação revelava, ainda, em grande intensidade, as mágoas que guardava pela atitude dele do passado. Pedindo a Deus que João, o seu filho, não chegasse da escola enquanto aquele homem estivesse em sua casa, viu a porta se abrir e ele entrar, achegando-se ao pai, perguntando o que a mamãe tinha. Querendo afastá-lo dali, convidou-o para se retirar dizendo que a mãe estava sendo examinada, mas a criança não obedeceu e, aproximando-se, perguntou o que ela estava sentindo. Sem dar resposta, ela gritou ao marido que o levasse do quarto. João conduziu o filho para fora, mas ainda ouviu quando o médico perguntou à Amarílis.

— É ele?

Ela não respondeu e ele insistiu. Quando retomou sem a criança, João fechou a porta e disse ao médico:

— Já compreendí tudo, mas João é meu filho! O seu, morreu **enquanto era ainda bebê!**

— Pela idade desse, sinto que é meu filho!

— E se o fosse, de que lhe adiantaria? Filho renegado não se reconquista!

— Eu não quero reconquistá-lo! Se o quisesse, não teria deixado Amarílis fugir. Mas não podia, tinha a minha família, minha reputação de médico...

— Mas não vacilou em desonrar a minha família e destruir a minha felicidade! Naquela ocasião o senhor não pensou na sua reputação, não de médico, mas de homem.

Vendo-se acuado e sem ter como se desculpar, ele tomou:

— Deixemos o passado e cuidemos da enferma. Ela precisa ser levada a um hospital. Precisa de um tratamento que, em casa, será impossível.

— Peço-lhe que a transfira para um colega seu e a deixe em paz. Providenciarei a sua remoção para um hospital, mas não a procure mais! Ela precisa restabelecer-se e não será em sua presença que o fará!

— Está bem! Vou retirar-me e providenciar para que ela seja recebida, bem como alguém para atendê-la.

Amarílis foi levada ao hospital, um outro médico já a esperava e o tratamento começou. Porém, desde que aquele homem, o pai de seu filho, deixou o quarto dela, tudo se modificaria. Se antes o seu desinteresse pela vida já era notório, a partir daquele momento, intensificou-se ainda mais. Ela se deixara transportar como se fosse um pacote sem valor, sem vida e sem vontade própria, tão indiferente se mostrara. Por ela, preferiria ficar em casa, no seu leito, no seu quarto, ao invés de ser levada a um local estranho e ter a sua paz perturbada a todo o instante, com visitas de médico e enfermeiras.

João, apesar de tudo, estava consternado. Além da enfermidade da esposa, tivera que suportar aquela situação que nunca imaginara fosse enfrentar um dia, ainda mais dentro da sua própria casa — o encontro com aquele que infelicitara o seu lar e **o encontro dele com o pequeno João. Mas agradecia a Deus pelo garoto ter saído a salvo de revelações, evitando futuros problemas que pudessem abalar a sua cabecinha de criança.**

O que puderam evitar para o pequeno, não fora possível para ele e até para Amarílis que reviveu, num momento inadequado, todo o seu passado infeliz.

Se antes ela possuía uma enfermidade que requeria cuidados, mas perfeitamente contornável com um bom tratamento, depois, a sua saúde se

complicou. O choque emocional impressionou-a profundamente. Ela nunca esqueceu aquele homem, tanto pelo que a amara, como pelo que a fizera sofrer.

O sofrimento de amor é sempre muito grande e atinge o coração que comanda todo o organismo, e o dela abalou-se intensamente. A sua constituição emocional desorganizou-se; as lembranças, não as boas, mas as ruins, voltaram-lhe todas à mente como uma avalanche, e se lhe apresentaram com muito maior força do que quando foram vividas. E o momento não era adequado. Ela já era uma criatura que, pelas atitudes, demonstrava algum desequilíbrio. Nada ao seu redor tinha valor, e, como o centro de tudo, pensava só em si mesma, e sua vida só a si mesma dizia respeito.

Há alguns dias se encontrava internada passando por tratamento. João deixara o trabalho e ficava em sua companhia o tempo todo, mas ela ignorava a sua presença. Nunca teve para ele nenhuma palavra de gratidão, nunca o chamou para perto do seu leito reconhecendo a sua dedicação. Era como se ele não existisse. As enfermeiras tentavam reanimá-la, mas ela não lhes dava atenção.

O médico que cuidava dela dizia a João que estava se preocupando porque ela não reagia. O seu mal seria perfeitamente curável, mas era preciso que ela o quisesse ser, porém, ao contrário, mostrava-se indiferente — uma verdadeira morta em vida. Isso contribuía para que o seu estado de saúde se agravasse, que os medicamentos não fizessem o efeito desejado, e ele, vendo-a piorar, não sabia o que fazer para trazê-la de volta à vida.

Muitas vezes João, enquanto a só com ela, abeirando-se de sua cama, ainda falava-lhe palavras de estímulo, de força; declarava-lhe o seu amor na esperança de reanimá-la, e falava de um recomeço de felicidade — ele, ela e o filho que também a amava e estava preocupado. Não podendo levantar-se para fugir à sua presença, Amarílis conseguiu virar a cabeça para o lado oposto, mostrando a rebeldia do seu insondável coração. O que abrigaria ele para que ela tivesse tal atitude? Era verdade que sofrera, mas fora por sua própria imprevidência. Todavia, João, levado pelo amor, lhe perdoara, aceitara o seu filho e lhe propusera um recomeço mais feliz, mas, de forma inexplicável, ela trazia no íntimo uma amargura tão grande que nem ao filho dava atenção. Não fora ele o resultado de um grande amor? Apesar de não desejado, ali estava e merecia um pouco de amor da mãe, um pouco da sua dedicação de mulher, que todas, mesmo não sendo mães, trazem o instinto maternal muito forte em si.

Amarílis era diferente. Isolara-se de tal forma, nunca aceitara uma conversa franca, um abrir de coração com o marido, sempre disposto a compreendê-la, perdoar-lhe e ajudá-la, e recolhia-se cada vez mais. João pensava até num tratamento médico, de ordem psiquiátrica, e a única vez que conseguiu abordar esse assunto com ela, com muito tato e delicadamente, teve a sua revolta aumentada, respondendo-lhe que não estava louca, e que o filho e ele é que a tomaram daquele jeito. Seria o momento para uma boa conversa esclarecedora e benéfica a todos, mas ela, para não ouvir mais nada, terminou de falar e fechou-se no quarto.

A situação era difícil, mas ele estava presente e as esperanças de que ela retomasse à vida normal, numa convivência que, se não fosse de amor, fosse pelo menos de amizade e camaradagem para que o filho crescesse num ambiente melhor, ainda existiam. Agora, porém, que ela fugia da vida de modo proposital, seria mais difícil, tanto para ele quanto para o filho.

Algum tempo Amarílis passou nessa indiferença, piorando de modo visível, até que, decorridos alguns dias em que não **demonstrava nenhuma melhora nem vontade de viver, pela primeira vez, abrindo os olhos e vendo o marido a seu lado, disse-lhe com voz bastante enfraquecida que ele precisou aplicar bem os ouvidos para poder entender:**

- Eu quero falar com ele!
- Com quem, minha querida? Com o nosso filho?
- Não, com o pai dele!
- Por que reviver lembranças tristes? Pense em se curar. Depois você falará! A sua presença, aqui, far-lhe-á mal!
- É preciso, não haverá depois. Eu estou morrendo!
- Ah, Amarílis, o que você fez da sua vida? Poderíamos ser tão felizes!
- Chame-o antes que seja tarde demais!
- =- Está bem, se é isso o que deseja; mas volto a lhe dizer, não será bom para você!

Desde que aquele homem deixou a casa de João para providenciar a internação de Amarílis, ninguém mais o viu. Ele passou a paciente a um seu colega, sem muitas explicações, e procurou manter-se afastado, não só para não ocasionar problemas a ela e ao marido, mas também para proteger-se de qualquer revelação.

Naquele momento, porém, o próprio João devia procurá-lo para satisfazer a um desejo da esposa que supunha, não suportaria a enfermidade por muito tempo mais. Informando-se, soube que ele não se encontrava no hospital àquela hora, e pedido foi que o procurasse, assim que retomasse. Naquele resto de dia ele não apareceu. Na manhã seguinte, antes de passar em visita os seus pacientes, foi ao quarto de Amarílis, bateu levemente à porta e entrou. João que fazia companhia à esposa, avisou-a de que o seu pedido estava sendo satisfeito.

Ela abriu os olhos e não mais o viu com nitidez. Seu mal se agravara, o quarto mantinha as cortinas cerradas, e, à meia luz, dificultava-lhe ainda mais a visão. Ele aproximou-se e João, antecipando-se, disse-lhe que ela desejava falar-lhe, acrescentando **que estaria à porta do lado de fora, pronto para atender a qualquer necessidade.**

Ao perceber que o marido se retirara, pediu que ele se aproximasse e tentou olhar seu rosto, perscrutando-lhe os detalhes, mas sua visão turva impedia-lhe, e ela, com dificuldade, assim se expressou:

— Quería tanto vê-lo pela última vez! Sinto-me desfalecer a cada dia e queria levar comigo a lembrança da sua presença a meu lado mais uma vez.

Surpreso com aquela declaração, supondo que ela o odiasse, sem nada dizer, tomou suas débeis mãos e continuou ouvindo-a:

—Minha vida, depois que nos separamos, perdeu o sentido! Meu marido é muito bom, perdoou-me e eu esforcei-me, mas não consegui. Para não maculá-lo mais, preferi afastar-me!

Percebendo que ela se cansava e fazia muitas pausas, disse-lhe:

- Não precisa dizer mais nada... Eu também nunca a esqueci, se isso a deixa feliz!
- Preciso falar o que tenho sufocado estes anos todos! Sou muito infeliz, a vida perdeu o encanto para mim e, sem você, não soube viver.

Por isso prefiro morrer...

- E o seu filho, nada lhe representa? Não se esforçou para viver por ele?
- Ele é o nosso filho!
- Seu marido disse que o nosso havia morrido!

— Para que você não o procure! João ama-o como se fosse seu próprio filho e também é muito amado por ele que o julga seu pai. Mas eu, que nunca quis filhos, não fui uma boa mãe, afastei-me dele também para não me lembrar de você o tempo todo. Eu lutava para esquecê-lo! Por que nos encontramos tão tarde? Por que não foi com você que eu me casei? A minha vida teria sido outra; eu teria sido tão feliz...

— O destino não quis, e nós nunca deveríamos ter nos encontrado para não termos tido a vida tão perturbada — a sua e a **minha! Mas tudo isso já passou, você deve se esforçar para melhorar e criar o nosso filho.**

— Nada mais me interessa! Logo estarei partindo, mas não poderia ir sem tê-lo junto a mim mais uma vez e lhe falar de todo o meu amor. Compreenda-me e perdoe-me por eu ter perturbado a sua vida!

— Você trouxe-me apenas alegrias, e a tristeza foi quando precisamos nos separar... Eu tinha uma família, tenho filhos que amo e precisam de mim, e não têm culpa do pai ter se apaixonado por outra mulher. Eles precisavam ter um lar bem constituído e a minha profissão, também, não poderia ser abalada.

— Eu compreendo tudo isso, mas não podia deixar de ter ao menos estes últimos momentos a seu lado, e revelar-lhe todo o meu amor e a verdade sobre nosso filho!

— Você está se esforçando muito! Descanse que lhe fará bem!

— Tenho um pedido a lhe fazer!

— Pois faça-o quantos quiser!

— Conte-lhe a verdade porque você precisava saber, mas rogo-lhe que nunca procure o nosso filho, nunca lhe revele a verdade para não perturbar a sua cabecinha, e para que ele não julgue mal a sua mãe. Eu o amo apesar de não ter cuidado dele como devia... E um bom menino e não merece sofrer! Prometa-me!

— Pode ficar tranquila... Eu lhe prometo! Agora que sei que ele é meu filho, se quiser vê-lo, ficarei à distância. E se a vida que sempre nos prepara surpresas, nos aproximar, nunca revelarei. Prometo!

— Assim eu parto mais feliz! Agora pode chamar o João!

Antes de se retirar, ele curvou-se, deu-lhe um beijo na testa, pedindo-lhe:

— Perdoe-me, perdoe-me!

João foi chamado e entrou no quarto, encontrando-a novamente com os olhos fechados, sem dizer nenhuma palavra, sem fazer o menor comentário. Nessa mesma posição, perdendo as forças cada vez mais, ela se manteve, mas, ao cabo de dois dias, partia para sempre. O pequeno João nunca fora chamado para vê-la, para que não tivesse uma impressão má da mãe, nem ela também nunca manifestou esse desejo.

João estava inconsolável. Amava Amarílis e a perdera para sempre. Se antes não a tinha mais, nem o seu amor nem a sua companhia, restava-lhe a esperança de que ela se modificasse e ele a reconquistasse novamente. Todavia, depois da sua partida, nada mais lhe restava, a não ser, minuto a minuto, a lembrança de toda a vivência que tiveram, desde que a encontrara naquela festa.

Ah, quantas coisas mudaram!... Onde ficara o amor que ela sentira por ele? Onde se diluíra aquele entusiasmo demonstrado durante os preparativos para o casamento, e para onde fora aquela felicidade que ela dizia sentir, quando se uniram em matrimônio? O que acontecera para que a vida tivesse sido tão cruel para com eles?

Da parte dele, por mais perscrutasse sua alma, nada encontrava que o acusasse, que justificasse aquela atitude que ela tomara nos últimos anos de sua vida, a não ser o desejo de um filho. E ela, que recusara tê-lo com ele, foi ter com outro a quem amou e foi amada, mas abandonada. Ainda assim lhe perdoou e recebeu o filho de outro homem que nunca quisera saber quem era, mas que o destino lhe colocara à frente nos últimos dias de vida dela.

Ah, como a vida tecia suas teias, ora emaranhando as pessoas, ora abrindo-se e mostrando-se tal qual era, revelando segredos que escondera por tanto tempo! O que seria dele e do filho? João não sabia o que Amarílis tinha conversado, nos últimos dias de sua vida, com o homem a quem amara, e temia que ele o procurasse para reclamar o filho. Contudo, com que direito o faria? Sempre o ignorara, não sabia sequer se ele nascera, se estava vivo ou morto, e não podia, agora, reclamá-lo. Lembrava-se de que lhe dissera, no dia da sua visita como médico à Amarílis, que o filho dele havia morrido, porém, o que lhe revelara ela quando mandara chamá-lo para uma conversa?

Seu íntimo era um turbilhão de pensamentos desencontrados, de indagações e de receios. Seria preciso falar com ele. O pequeno João não poderia sofrer mais. Perdera a mãe de quem nunca tivera um carinho, a não ser enquanto ainda bem novo, quando ela se esforçava para se modificar; mas depois, vendo infrutíferos os seus esforços, entregara-se totalmente ao isolamento dentro do próprio lar. Agora não poderia perder o único ser que lhe restara, e que o tinha como pai, por desconhecer a história da mãe.

Mesmo sem ter tido muitos carinhos da mãe, ele a amava e sentia muito a sua morte. Não poderia perder também o pai e viver com um estranho apenas porque o gerara. Preocupado e temeroso, João imaginou que se o procurasse para um entendimento, poderia tranquilizar-se. Sabia que ele não iria se importar com o filho, mas não sabia o que Amarílis lhe dissera ou pedira. Sabia também que não tinha o direito de invadir a privacidade daquela conversa, mas, como um inocente poderia estar envolvido nela, resolveu fazê-lo.

Decidiu ir ao hospital, porque mais detalhes da sua vida ele não os tinha, e, mesmo que os tivesse, nunca o procuraria em casa para não levar problemas a quem não merecia — a sua família. Ele não fora respeitado, mas não era por isso que desgraçaria a vida de outros. Uma semana após o infausto acontecimento, João foi ao seu consultório, como um paciente. Ao se deparar com o marido de Amarílis, transtomou-se mas nada disse, esperando a manifestação dele. João, por sua vez, cumprimentando-o, falou-lhe:

Desculpe-me por tê-lo procurado aqui em seu trabalho, mas não podia ser diferente. Não quero ser indiscreto, mas desejo saber o que Amarílis lhe falou naquele dia em que pediu para chamá-lo. Jamais eu faria isso, mas um ponto muito importante, que não preciso revelar neste momento, obriga-me a tal atitude.

— Eu sei o que o aflige! E o seu filho, não é mesmo?

— Sim! Conforme lhe disse o seu morreu tão logo nasceu, e aquele que o senhor viu é meu, nasceu depois. Entretanto, conhecendo minha esposa como a conheci, temo que ela tenha me desmentido para enganá-lo e fazê-lo sentir que tem um filho com o qual nunca se importou.

— Não, o senhor está enganado! Ela apenas confirmou o que o senhor havia falado, dizendo-me que a nossa separação — desculpe-me o que vou dizer, pois deve ser doloroso para o senhor ouvir, mas tranquiliza-o—fê-la sofrer tanto, que a criança nasceu com problemas de saúde e não resistiu.

—Foi isso mesmo o que aconteceu! Amava muito a minha esposa, ela também dizia amar-me, e não sei como se encontraram nem como vieram a se querer tanto. Perdoei-lhe, porém, sua vida nunca mais foi a mesma. Fiz de tudo para reconquistá-la, mas nada foi possível. Ainda bem que tenho o pequeno João, nosso filho, que me ama muito e me fará a companhia que alegrará um pouco a minha existência.

— Fique tranquilo, Amarílis nada me disse a não ser confirmar o que o senhor já havia falado.

Tão categórico fora na sua afirmativa, que João não teve mais dúvidas, dizendo de si para consigo: Ao menos um gesto nobre ela teve antes de partir! Agora viverei com ele, sem receios, e o tempo curará a grande ferida que trago no peito. Quem sabe, juntos, ainda possamos ser felizes!

Acomodado quanto às dúvidas e receios, só o tempo faria com que o coração de João se apaziguasse totalmente, e, quiçá, ainda pudesse recompor sua vida, colocando no filho suas expectativas e cuidados.

Entretanto, se aqueles que ficaram se refariam e prosseguiriam a caminhada terrena até quando o Pai determinasse, Amarílis já tivera a sua concluída. Já se encontrava no Mundo Espiritual, e como sabemos, cada Espírito que aporta na Terra para cumprir mais uma oportunidade reencarnatória, sempre tem, mais ou menos delineado, o seu tempo de retomo diante das tarefas a executar e dos débitos a resgatar, como promotores da evolução espiritual. Diante disso, nós perguntamos: — Teria, Amarílis, regressado no seu tempo previsto? Teria ela cumprido as tarefas que trouxera no tempo que lhe fora permitido aqui permanecer?

É muito difícil fazermos essa avaliação, mas podemos, induzidos por uma análise mais acurada, chegar às respostas que desejamos. Ao pedir para reencarnar, a então Virgínia, depois de muito sofrimento, depois de se manter obstinada nas suas convicções, e depois de conseguir compreender o quanto elas eram falsas e criadas por si mesma ante o que entendera como verdade, recusando-se a ouvir a verdade dos outros envolvidos, prometeu compensar, com seu amor e dedicação, aquele que tanto fizera sofrer. Outrossim pedira também um reencontro com aquele que na sua última existência fora seu amado filho, e anteriormente havia sido seu noivo querido, recusado por seu pai, e do qual ela tirara a vida quando ele, deixando o tempo passar, e vendo frustradas suas esperanças de unir-se a ela, se casaria com outra mulher.

Ela teve junto de si, como marido dedicado, aquele que já o fora um dia, e que demonstrou, em dedicação e perdão, o grande amor que lhe devotava, depois de ter aceitado, feliz, a empreitada de retomar à Terra com ela, para ajudá-la se houvesse necessidade. Mais uma vez ele cumprira bem o seu papel, muito além do que imaginara, todavia, o que poderemos dizer dela?

O reencontro com aquele de quem retirara a vida um dia, e com quem assumira graves compromissos pelo ato estouvado que praticara, ela teve-o, também. Um pouco já os havia ressarcido, dedicando-lhe, como Virgínia, todo o seu amor de mãe, mas não soubera manter o equilíbrio dos seus sentimentos e emoções ante a sua volta à Pátria Espiritual, inconformada com os desígnios da Providência.

Era importante para o ressarcimento desse débito, que ela sentisse a dor da sua perda, diante do que fizera, e ficasse sem ele, mesmo como filho. Era uma forma de ressarcimento. Mas tanto desequilíbrio demonstrou na ocasião, deixando afetar tão profundamente o resto da sua vida com os outros familiares, que contraiu outros compromissos mais profundos.

Nesta sua última existência, para avaliar a sua capacidade de vencer através do teste da renúncia, um novo reencontro entre eles fora programado, mas não conseguiram resistir, sublimando o amor que retomava, diante do compromisso que cada um já assumira perante outro cônjuge, vivendo num lar bem constituído.

Se, sobretudo ela, o tendo encontrado, mesmo sentindo desabrochar em seu coração aquele grande amor que um dia os aproximara, tivesse resistido e mantido fidelidade ao marido e à integridade de seu lar, respeitando-os, um outro grande débito estaria ressarcido de vez. E em existências futuras, eles teriam direito a esse amor, com toda a plenitude da sua força e com toda a dignidade que deve marcar uma união, quando se efetua, não somente através dos corpos, mas dos Espíritos, que é a mais importante.

Contudo, nada disso ocorreu com Amarílis. Todos os seus pedidos, todas as suas promessas, toda a preparação efetuada, de nada valeram. A encarnação havia sido concluída e podemos afirmar que, se ela tivesse se mantido dentro do lar, recebendo o amor do marido, mesmo não o amando tanto quanto ele desejava ser amado, e mantendo-se afastada daquele amor ao qual não soubera resistir, teria tido sua existência na Terra, prolongada, e teria sido mais feliz.

Não desejo dizer, com esta afirmativa, que Deus a levou antes do tempo, como castigo pelo não cumprimento das promessas realizadas antes de encarnar. Esse Pai, que oferece tantas oportunidades a seus filhos, jamais assim procederá. Referimo-nos, porém, ao rumo que ela própria deu à sua vida, o que fez dos seus sentimentos, abalando suas atitudes e comprometendo sua saúde física, como já acontecera anteriormente. E, diante do livre- arbítrio mal dirigido, cada um é responsável pelas consequências do que provocou. Se partiu antes do que deveria, ela, somente ela, era a responsável, e sofreria, agora, os efeitos do que fizera.

Por enquanto ainda não tinha consciência de nada disso. Um dia, porém, depois de muito sofrer, quando se encontrasse reequilibrada e pudesse analisar tudo o que pedira em confronto com o que fizera, certamente, além da grande vergonha diante daqueles que se esforçaram para atendê-la e auxiliá-la, haveria a vergonha diante de si mesma, pelo fracasso que levava no Espírito, e aí, o seu sofrimento seria muito maior. Não mais o sofrimento da inconsciência, mas o da consciência plena que acusa a todo instante.

Dados da médium e professora



Formada em Letras pela faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, aposentou-se como professora, lecionando português, a médium Wanda A. Canutti que era natural* de Araraquara onde residiu e exerceu várias atividades. Embora tenha recebido dos pais os ensinamentos básicos do Espiritismo, não havia ainda assumido qualquer compromisso com a Doutrina de Kardec, a não ser a crença irrefutável nos seus conceitos, nos quais encontrava lógica, até o momento em que sentiu os apelos para o despertar das faculdades medianímicas.

Isso ocorreu quando, acometida por sintomas diversos gerados por influências espirituais e para os quais a Medicina não encontrava solução, acabou sendo levada a um Centro Espírita onde, através de muito estudo, educou sua mediunidade.

Deu início, então, ao seu trabalho de intercâmbio através da psicofonia e da fluidoterapia, colaborando, também, com outros trabalhadores daquela Casa Espírita, para a construção de uma creche, que hoje funciona normalmente. Após dezenove anos de assiduidade e dedicação aos necessitados, numa noite recebeu de uma entidade a informação de que deveria se preparar pois, em breve, passaria a trabalhar com a psicografia, não sem antes passar por um longo período de treinamento.

* A professora desencarnou em 20/04/2004, com 71 anos, tendo nascido em 18/12/1932.

Após relutar um pouco, acabou, finalmente, aquiescendo, dedicando-se ao intercâmbio com o Plano Maior de segunda à sexta-feira, a partir das seis horas da manhã, colocando-se, nesse período, inteiramente à disposição da recepção psicográfica, durante mais ou menos uma hora, sem, no entanto, deixar de prestar sua colaboração como médium psicofônica, nos dias normais de atividades no Centro Espírita "O Consolador".

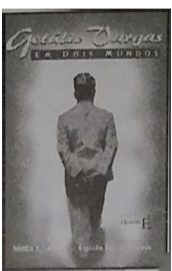
A partir daquela iniciativa, as mensagens foram se tomando mais claras, formando pequenas histórias que eram assinadas apenas com três X e somente após um ano, ao término do primeiro livro, a entidade se identificou como Eça de Queirós, o que, ao contrário do que se pudesse esperar, não causou nenhuma dúvida à médium, com relação à identidade do Espírito comunicante.

Essa certeza tem suas raízes numa ligação de afeto que existiu entre ambos, reforçada pelo contato diário, em que, além da composição das histórias, Wanda recebia aconselhamento e orientação nas mais diferentes situações de ordem espiritual.

Livros psicografados pela médium Wanda A. Canutti e ditados por Eça de Queirós, publicados pela Editora EME:

- *Getúlio Vargas em Dois Mundos*
- *Depende de Nós*
- *Um Amor Eterno*
- *Rastros do Vício • Foco de Luz*
- *O Preço da Vingança*
 - *Em Nome de Deus - Um episódio da inquisição*
- *Elos do Passado*
- *A Camponesa da Casa de Pedra*
- *O Bem e o Mal*
- *Almas a Caminho da Redenção*
- *O Tempo - Oportunidade de Evolução*

Os Mais Vendidos



Getúlio Vargas em dois mundos Wanda A. Canutti (Espírito Eça de Queirós) *Biografia romanceada vivida em dois mundos* •300 p. - 14x21 cm

Uma obra que percorre importantes e polêmicos fatos da História, da época em que Vargas foi presidente do Brasil. Descreve também, seu retorno ao plano espiritual pelas portas do suicídio. Ditada pelo Espírito Eça de Queirós, a obra surpreenderá o leitor mais familiarizado com a extensa obra deixada pelo grande Eça há quase um século.



O Evangelho Segundo o Espiritismo Tradução Matheus Rodrigues de Camargo, revisão de Celso Martins e Hilda Fontoura Nami

- 288 p. - 15,5 x 21,5 cm - Brochura e Espiral
- 448 p. - Bolso - Brochura e capa dura com fitilho *Espíritas!, amai-vos, eis o primeiro ensinamento. Instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades são encontradas no Cristianismo; os erros que nele criaram raízes são de origem humana. E eis que, além-túmulo, em que acreditáveis o nada, vozes vêm clamar-vos: Irmãos! Nada*

perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal; sede os vencedores da impiedade!

O Espírito de Verdade - "O Evangelho Segundo o Espiritismo"



Mentajiw

titt

Mensagens de Saúde Espiritual *Wilson Garcia e Diversos Autores Meditação e auto ajuda* - 124 p. - 10 x 14 cm

A leitura (e releitura) ajuda muito na sustentação do nível vibratório elevado. Abençoadas mensagens! Toda pessoa, sã ou enferma, do corpo ou da alma, devia ter esse livreto luminoso à cabeceira e ler uma mensagem por noite.

Jorge Rizzini

Não encontrando os livros da EME na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você através do Fone/Fax: (0xx19) 3491-7000 / 3491-5603.

E-mail: editoraeme@editoraeme.com.br — Site: www.editoraeme.com.br